

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Henrique De Aro Silva

**A GREVE DE INQUILINOS DE 1907 EM BUENOS AIRES E O FENÔMENO DO
CONVENTILLO COMO METÁFORA DE UMA SOCIEDADE EM
TRANSFORMAÇÃO**

Dissertação de Mestrado

Porto Alegre

Junho 2017

Henrique De Aro Silva

**A GREVE DE INQUILINOS DE 1907 EM BUENOS AIRES E O FENÔMENO DO
CONVENTILLO COMO METÁFORA DE UMA SOCIEDADE EM
TRANSFORMAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito final para obtenção do Grau de
Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Claudia Wasserman

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Claudia Wasserman – orientadora – UFRGS

Prof.^a Dr.^a Carla Brandalise – UFRGS

Prof.^o Dr.^o Alessandro Kerber – UFRGS

Prof.^o Dr.^o Norberto Ferreras - UFF

Porto Alegre

Junho 2017

CIP - Catalogação na Publicação

De Aro Silva, Henrique

A GREVE DE INQUILINOS DE 1907 EM BUENOS AIRES E O FENÔMENO DO CONVENTILLO COMO METÁFORA DE UMA SOCIEDADE EM TRANSFORMAÇÃO / Henrique De Aro Silva. -- 2017.

142 f.

Orientadora: Claudia Wasserman.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Greve de inquilinos de 1907 . 2. Conventillos. 3. Buenos Aires. 4. História Urbana. 5. Cultura Política Marginal. I. Wasserman, Claudia, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

“El conventillo tiene de común con los sepulcros el blanqueo exterior y la podredumbre interior; pero guarda en sus entrañas corrompidas algo que no se encuentra en las tumbas: la lepra moral”

Santiago Estrada, *Viajes y otras páginas literarias* (1889)

“Buenos Aires, tu cuna fue un conventillo” Horacio Vázquez Rial (1996)

AGRADECIMENTOS

Caminhar pelas veredas de uma pesquisa acadêmica é, realmente, uma experiência particular e que nos deixa marcas, boas e ruins. A busca de fontes, atualização da bibliografia, conciliação de trabalho e estudos. Os desafios vão surgindo e vamos tentando lidar com eles, até que enfim percebemos que as dificuldades são inerentes a pesquisa.

Depois de ter vivido por quatro anos em Franca, interior de São Paulo, cheguei como “estrangeiro” a Porto Alegre em março de 2015 para ingressar no Mestrado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Agradeço imensamente ao Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, aos seus funcionários, técnicos administrativos, e estagiários.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a Dr^a Cláudia Wasserman, pela paciência e pelos bons conselhos, sempre muitos bem-vindos. Aos membros da banca de qualificação, pela disponibilidade, pelos apontamentos e críticas que me ajudaram a corrigir diversos pontos deste trabalho.

Aos amigos que encontrei aqui, que me ajudaram a apreciar a solidão ao invés temê-la, e que me fizeram entender que, como disse Fernando Pessoa, “somos estrangeiros onde quer que estejamos”.

Aos nossos *hermanos* argentinos. Pois na rápida viagem que fiz a Buenos Aires em Novembro de 2016, estive em vários arquivos e bibliotecas diferentes em busca de documentos. Em todos eles, desde a Biblioteca del Congreso, Instituto Ravnani, Archivo General de La Nación, Academia Porteña de Lunfardo, até o CeDinCI, fui igualmente bem recebido, e contei com total educação e auxílio.

Por último faço um agradecimento especial à minha família, que mesmo distante nunca deixou de me dar amor e apoio. Aos meus irmãos, Cristiano e Fernanda, sempre atenciosos e solidários com seu irmão caçula. E aos meus pais, Antonio e Creusa. Que mesmo depois de uma vida dura e tendo estudado apenas até os primeiros anos do primário, sempre se esforçaram para que eu tivesse uma boa educação.

APRESENTAÇÃO

O lugar onde vivemos sempre irá de um modo ou de outro influenciar o nosso comportamento, nossa visão de mundo, nossas possibilidades de inserção ou de exclusão e, principalmente, na forma como somos vistos pela sociedade. Isso porque este meio no qual estamos inseridos é responsável pelo elo que conecta a nós, e nosso meio familiar, com o restante da comunidade. Este papel de intermediário fornece grande significado a cada uma das moradas, casas, lares existentes mundo afora. Por pior que seja a situação social de sua habitação o indivíduo carrega a esperança de encontrar ali o conforto e segurança após um dia difícil no trabalho, na escola ou nas relações pessoais. Este conforto está, por sua vez, ligado a um sentimento de pertencimento que nasce e cresce junto conosco na medida em que nos damos conta de que somos sujeitos sociais, animais políticos e que se criam identidades a partir das diferenças.

Entretanto, a sociedade em si não enxerga da mesma maneira o local em que nascemos e vivemos. Ela não vê pessoas, famílias e lares. Em vez disso se baseia num imaginário repleto de estigmas e categorizações, sendo que, na medida em que todos sempre estão abaixo e acima de alguém, isso tudo acaba dando origem a um ciclo de marginalização sem fim que é típico da sociedade urbana contemporânea. A situação habitacional acaba se tornando motivo para outras diferentes formas de exclusão social.

Por essas razões iniciamos nossa investigação analisamos um evento histórico que revela muito acerca da condição habitacional, pertencimento e da origem de um grupo e de uma camada social. A Greve de Inquilinos de 1907 e o fenômeno dos *conventillos* são o ponto inicial, para um trabalho que almeja, a partir de uma manifestação relacionada à condição de pauperismo habitacional, se aprofundar no caminho trilhado por uma cidade e por um país.

RESUMO

Este trabalho trata de analisar a Greve de Inquilinos de 1907 em Buenos Aires, movimento grevista de cunho anarquista que obteve grande repercussão. Organizado por moradores dos *Conventillos* (cortiços), o movimento reivindicava melhores condições de moradias, além da redução do preço dos aluguéis. Ao nos aprofundarmos nesse contexto percebemos que por trás de um verniz glamourizado de cidade rica e européia Buenos Aires escondia uma face em ebulição, repleta de pobreza e conflitos políticos. De modo que as condições adversas desse meio excludente e seus implicadores acabaram por dar origem à uma cultura política de caráter marginal junto à população mais pobre. Passando pela análise de periódicos, documentos oficiais, da verificação das transformações urbanas de Buenos Aires, enxergamos na mobilização dos inquilinos, e no surgimento dos conventillos, o ponto de partida para uma percepção mais profunda daquele projeto de sociedade, que privilegiava, sobretudo, a manutenção de um *status quo*. Nosso referencial teórico abrange três eixos principais, que passam pelas teorias da marginalidade de Aníbal Quijano, José Nun e Lucio Kowarick, pela análise dos discursos políticos de J. G. A. Pocock, e chegando aos estudos culturais urbanos, de Angel Rama e Beatriz Sarlo.

Palavras-chave: Greve de Inquilinos de 1907, *Conventillos*, Buenos Aires, História Urbana, Cultura Política Marginal.

ABSTRACT

This work analyzes the *Huelga de Inquilinos* of 1907 in Buenos Aires, an anarchist strike movement of great repercussion. Organized by residents of the conventillos (tenement houses), the movement demanded better housing conditions, besides the reduction of rents price. When we delve deeper into this context we realize that behind a glamourized varnish of rich and European city Buenos Aires hid a boiling face, full of poverty and political conflicts. Thus, the adverse conditions of this exclusionary medium and its implicators eventually gave rise to a marginal political culture among the poorer population. Going through the analysis of periodicals, official documents, the verification of the urban transformations of Buenos Aires, we see the mobilization of the tenants, and the emergence of the conventillos, the tip of an iceberg that allows us to have a deeper perception of that project of society, which privileged , Above all, the maintenance of a status quo. Our theoretical reference encompasses three main axes, which pass through the marginality theories of Anibal Quijano, José Nun and Lucio Kowarick, by the analysis of political discourses of J. G. A. Pocock, and arriving at the urban cultural studies, of Angel Rama and Beatriz Sarlo.

Key-Words: *Huelga* de Inquilinos of 1907, Conventillos, Buenos Aires, Urban History, Marginal Political Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPITULO I.....	26
Marginalidade social e protagonismo político: A Greve e Inquilinos de 1907.....	26
1.1 Os conventillos e a militância de urgência	29
1.2 Valor dos aluguéis: estopim da movimentação	34
1.3 A greve se aprofunda	39
1.4 Entre o Movimento e a Revolta Social	47
1.5 Cultura Política Marginal e as Teorias da Marginalidade	50
1.6 Crescimento populacional e multiplicação dos conventillos	56
1.7 Um fenômeno urbano latino-americano	58
1.8 Conventillo no Imaginário Popular.....	62
1.9 Mescla e Transculturação	63
CAPITULO II.....	65
Ideologização do projeto urbano: Simulacro de empoderamento	65
2.1 A “Época de Ouro” dos <i>conventillos</i> e o sonho da cidade burguesa	66
2.2 A epidemia de febre amarela de 1871	68
2.3 Torcuato de Alvear: O Haussmann portenho.....	74
2.4 O trajeto da europeização.....	79
2.5 Mudanças estéticas e arquitetônicas: Buenos Aires, a “cidade falsa”	80
2.6 Uma cidade, vários cenários	85
2.7 Suburbanização como complemento do projeto urbano	88
CAPITULO III	92
Dos primórdios da mobilização à derrocada dos movimentos populares	92
3.1 Anarquismo Vernacular Portenho	92
3.2 A derrocada do anarquismo portenho	98
3.3 A Semana Roja	100
3.4 Caçada contra o Anarquismo (1909-10).....	103
3.5 Virginia Bolten: trajetória a espelho do seu tempo.....	107
3.6 Imprensa portenha e a polarização midiática.....	111

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
4.1 Legado Ou Patrimônio?	118
4.2 O <i>Flâneur</i> e o <i>Compadrito</i>	122
ANEXO	124
FONTES	136
BIBLIOGRAFIA:.....	138

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa a Greve de Inquilinos de 1907, acontecimento histórico que mesmo passados mais de cem anos ainda é lembrado como momento chave no que tange o tema da ocupação do espaço urbano e no empoderamento de movimentos que lutam pela habitação popular na América Latina, tornando-se referência nesse âmbito. Abordaremos aqui as principais questões que antecederam e permearam este acontecimento, os principais momentos que caracterizaram a mobilização, além das razões que levaram a ocorrência desse movimento contestatório que quase paralisou a capital argentina durante os meses de Setembro e Dezembro daquele ano. Apesar de este ser objeto principal desta pesquisa, esta investigação também se coloca na busca de objetivos de caráter secundário, como a política argentina, a história urbana de Buenos Aires, e o surgimento dos *conventillos*¹, fenômeno urbano existente em diversas cidades da América do Sul, mas que encontrou em Buenos Aires uma multiplicação ainda mais intensa. Além disso, também buscaremos entender as origens e as motivações dos movimentos contestatórios do Anarquismo e do Socialismo portenhos, que tiveram papel decisivo para a mobilização dos inquilinos.

Poucas coisas são tão influentes e significativas na existência de um indivíduo ou de um grupo social como o lugar onde se mora. O local onde vivemos, nossa morada, casa, lar, independentemente da localização, do tamanho, do conforto, da acessibilidade, teve e terá sempre um papel fundamental na forma como nos relacionamos com o mundo à nossa volta, ajudando a definir o modo como vemos, somos vistos e interagimos com a sociedade. Em meio à uma infinidade de origens, locais e perspectivas, este trabalho trata de um caso em especial.

A palavra “*huelga*” em espanhol significa “greve”, sendo que neste trabalho, em especial, por vezes utilizamos a expressão “*huelga de inquilinos*” (do espanhol), mas lembramos, sobretudo, que esta opção se faz apenas para utilizar a expressão original presente na historiografia argentina, já que termos “*huelga*” e “greve” ao fim possuem o mesmo significado.

¹ Como foi denominada a casa de inquilinato popular que proliferou no meio urbano do início do século XX em grandes cidades de países Latino-Americanos como Argentina, Uruguai e Chile. Caracterizava-se pela precariedade de suas instalações, pela falta de higiene, pela superlotação, e também pelo confinamento. Geralmente habitado por famílias imigrantes recém-chegadas e por trabalhadores pobres em geral. Na historiografia brasileira, é por muitas vezes comparado ao Cortiço. Exemplo disso está no fato de que o famoso romance brasileiro de Aluisio Azevedo, O Cortiço, de 1890, na Argentina foi traduzido como “*El conventillo*”.

Aí está o primeiro ponto a se destacar no caso ocorrido em 1907 em Buenos Aires. Pois, o caso analisado aqui chama atenção por não se tratar de uma paralisação por razões trabalhistas, como geralmente são as greves, nesse caso as questões são de outra natureza. Mesmo sendo movimento político de paralisação, um verdadeiro movimento grevista, este não reivindicava causas trabalhistas, mas sim melhoria nas condições habitacionais de uma grande parcela da população. A mobilização dos inquilinos foi, para além de uma greve, uma manifestação política motivada pelas péssimas condições habitacionais nas moradias de inquilinato. O centro dos problemas e também núcleo da mobilização por conta da precariedade está envolto no *conventillo*, fenômeno urbano característico desse período. O movimento grevista dos inquilinos arrastou mais cem mil pessoas ao longo de suas várias passeatas, paralisações e protestos. Levou o poder público ao desespero, cometendo ações desmedidas e arbitrarias, como o despejo de grande parte dos inquilinos que protestavam, além de uma repressão policial truculenta.

Apesar de nos aprofundarmos em várias questões inerentes à sociedade argentina como um todo, este trabalho tem seu foco de análise direcionado apenas para cidade de Buenos Aires e suas transformações urbanísticas. A capital argentina é o cenário onde se desenrolam uma série de disputas políticas envolvendo várias esferas de poder, que demonstram que ali existiam na verdade duas cidades. A cidade da elite oligárquica, desenhada à sua semelhança, e uma cidade marginal dos trabalhadores e das camadas populares. Para entendermos como se originou este episódio tão marcante há que se considerar o modo como se deu a configuração social, a construção os canais de participação política, o modelo econômico adotado pelo país, a formação do sistema político e eleitoral. Muito implicou àquela sociedade portenha a transformação demográfica, consequência das grandes levas de imigrantes que chegaram ao país a partir de 1880.

Em relação à questão urbana é necessário levar em conta ainda outro fator. Trata-se do modelo *haussmaniano*² adotado por Buenos Aires, que além de privilegiar o sentido estético, fortaleceu a ocupação do espaço urbano do sul para o norte e a exclusão das camadas mais pobres, que viviam principalmente na região sul. Partimos da hipótese de que este fator de exclusão, somado aos vários elementos que compõem este contexto, como o Anarquismo, a confluência de culturais devido à imigração, a

² Termo referente ao Barão de Haussmann, prefeito escolhido por Napoleão III para implementar uma série de reformas urbanas em Paris, na segunda metade do século XIX.

situação de pauperismo, contribuíram para o surgimento de uma cultura política marginal atrelada aos *conventillos* como local de origem e à população mais pobre. Desse todas essas questões vão ser levadas em consideração na análise da grande manifestação ocorrida em 1907.

Antes de adentrarmos de fato ao nosso objeto de pesquisa e voltar à Buenos Aires do final do século XIX e início do XX, percorrendo os pátios abarrotados dos *conventillos* e os rostos marcados pela batalha cotidiana, faremos uma breve reflexão do porquê da escolha deste objeto, e até que ponto o modo como elegemos um tema influencia seu próprio estudo. Os *conventillos* e a Greve de inquilinos de 1907 são temas profundamente interligados e que tem aparecido pontualmente na historiografia de modo geral. Com exceção apenas da obra de Juan Suriano³ e também da larga produção literária de todo o período que tanto retratou o ambiente do inquilinato, sobre a qual dedicaremos um subcapítulo, a bibliografia é escassa. Apesar disso são temáticas centrais em estudos que se referem à modernização desigual pela qual atravessou Buenos Aires e também à força alcançada pelas ideologias de esquerda, nesse caso principalmente o Anarquismo.

No entanto, mesmo com certa escassez de trabalhos, é possível verificar uma grande influência de tais elementos na construção de uma imagem acerca daquela época, sendo que o elemento do *conventillo* tornou-se, com a passar das décadas, um objeto histórico essencial para o entendimento da Argentina contemporânea, uma espécie de patrimônio da história argentina. Berço do Tango e do movimento operário, suas aparições em documentários, periódicos, músicas ou produções audiovisuais passaram a ser freqüente.

Aqui se faz importante essa constatação pelo fato dela explicar, em parte, a escolha deste tema de trabalho, e os caminhos percorridos ao longo de todo esse processo. A forma pela qual chegamos até um objeto de pesquisa pode revelar muito a respeito do próprio objeto e também sobre nós mesmos. Isso porque esta análise permite que possamos rever com mais atenção cada recorte temático, cada opção teórica ou renúncia com as quais tivemos de nos deparar na trajetória de pesquisa. Quando aciono a memória, percebo que a primeira vez que me deparei com o tema dos *conventillos* foi provavelmente no ano de 2012, que assistindo a uma série de documentários organizados pela TV Pública Argentina e pelo *Canal Encuentro* sobre os mais de

³ SURIANO (1983). *La huelga de inquilinos de 1907*.

duzentos anos de História do país (1806-2010), fiquei perplexo diante de algo totalmente espetacular para minhas noções de luta social. Até aquele momento ainda não havia me deparado com nada tão impressionante como aquela denominada *Huelga de Inquilinos* ocorrida no ano de 1907. Em meio àquelas imagens em preto e branco borradas pelo tempo das ruas tomadas por manifestações que atravessaram meses e meses, daquelas habitações tão precárias e ao mesmo tempo tão vivas política e culturalmente uma ideia passou a me perseguir daquele momento em diante. Seria possível compreender as razões que levaram até àquela situação de descontentamento partindo das concepções tradicionais no que diz respeito à interpretação dos movimentos e da Teoria Política? Seria possível ver nos *conventillos* uma metáfora da sociedade portenha? Será que por sua natureza tão peculiar este movimento sem paralelos acaba por fugir às catalogações, exigindo outro tipo de abordagem? Desde então, mesmo com a inclusão teórica de vários autores, a escolha, por vezes modificada, do recorte temporal, e também do aprofundamento em leituras sobre o tema, as perguntas norteadoras permaneceram. Sendo em torno destas que o trabalho foi se desenvolvendo.

Ao entrarmos em contato com a sociedade Argentina, e mais precisamente com a sociedade portenha daquele período, fica evidente perceber a efervescência política e cultural que atravessava o país. As contradições desse tempo e a profundidade dos acontecimentos acabaram por proporcionar novos tipos de indivíduos políticos e sociais, dentre os quais, também, um novo tipo de mentalidade e de cultura política marcada por um caráter marginal, que com o passar daqueles anos foi se infiltrando de tal maneira naquela sociedade, desde os arrabaldes chegando aos quadriláteros centrais da *Avenida de Mayo*, até tornar-se quase que uma unanimidade entre as camadas mais pobres do operariado portenho e daqueles que viviam no inquilinato. Para entendermos a origem desses acontecimentos devemos retroceder na busca por evidências que justifiquem como foi pensado aquele tipo de cidade, e de ocupação urbana. Investigar como viviam e onde viviam aqueles que organizaram uma resistência ao projeto de sociedade desenhado para esse país. Além, evidentemente, de nos perguntarmos sobre a maneira na qual o poder estava alicerçado, e quais os caminhos encontrados para se opor a ele.

Como símbolo desses processos, podemos buscar no *conventillo* um elemento emblemático no que diz respeito à luta social, relacionado com o processo de urbanização desigual e com a habitação popular. Isso porque desde que se inseriu na realidade da cidade de Buenos Aires, em meados da segunda metade do século XIX,

esta forma de habitação popular passou a representar a síntese da camada excluída da população e Buenos Aires em meio ao processo de crescimento vertiginoso e de grandes mudanças na qual se encontrava a capital argentina. Semelhante ao que no Brasil conhecemos como Cortiço, o *Conventillo* constituía-se por um aglomerado de pequenas habitações alugadas que faziam, todas, parte de uma só estrutura, distribuídas lado a lado formando um desenho retangular com um grande pátio central (ver figura 4), que lembrava em muito os antigos conventos dos séculos XVIII, vindo daí sua denominação. Seu nome pode ser uma analogia tanto com a semelhança arquitetônica com os conventos como também em relação às condições de reclusão e confinamento características dessa localidade, e também numa alusão à palavra prostíbulo. Dessa alusão, o “convento como prostíbulo”, teria surgido o neologismo *conventillo*.

No que diz respeito aos objetivos deste trabalho temos, primeiramente, a análise o desenrolar da Greve de Inquilinos de 1907, assim como suas motivações e suas consequências (ou legado), além da constatação de sua grande repercussão na imprensa local, mesmo vários anos após o ocorrido. Para compreender melhor o que ocorreu na mobilização organizada pelos inquilinos também é necessário que verifiquemos o elemento habitacional do *conventillo*, suas origens e a sua rápida multiplicação como fatores essenciais na compreensão desse processo. Em segundo lugar, temos como objetivo analisar a história urbana da cidade de Buenos Aires, principalmente no que se refere às décadas em precederam o descontentamento dos inquilinos e o agravamento do problema habitacional. Este período, entre 1870 e 1890, aproximadamente, foi marcado por um crescimento populacional acelerado, que teve como principal causa a imigração européia, e que acabou por gerar uma gigantesca multiplicação dos *conventillos*, em função de ser uma moradia de baixo custo. Paralelamente ocorria uma transformação urbana profunda, já que a cidade passou por uma série de reformas e remodelações estéticas para se adequar aos anseios de sua elite. Como terceiro objetivo, buscamos compreender a importância que tiveram as ideologias de esquerda, especialmente o Anarquismo, como instrumento na mobilização dos inquilinos e na resistência das camadas populares portenhas mediante a execução de um projeto modernizador autoritário e excludente.

Por último, buscamos como consequência da pesquisa, e possível resultado esperado, enxergar no movimento organizado pelos inquilinos e nos *conventillos* um espelho da Argentina e de Buenos Aires. De modo que através destes dois objetos (a

greve e os *Conventillos*) possamos perceber a transformação desta sociedade, o que contribuiu para dar nova faceta do país platino que surge no descortinar do século XX.

Busca-se aqui delimitar a amplitude das transições urbanas pelas quais passou Buenos Aires nesse período, de modo que a análise se iniciasse ainda em meios aos resquícios de cidade colonial que usufruía sua importância basicamente das atividades ligadas ao porto até o momento em que se torna reconhecidamente o maior núcleo urbano do subcontinente, já conservando sua força também em atividades industriais. Isso sem jamais deixar de ser o inabalável centro político e irradiador cultural de uma Argentina em pleno limiar do desenvolvimento modernizador. É fundamental evidenciar que para se entender todas essas transformações enxergaremos no *conventillo* uma metáfora da sociedade portenha em meio ao seu processo de transformação ao longo daqueles anos entre o fim do século XIX e o início do século XX, quando, como disse Félix Luna, o “*desierto empezava a convertirse en pampa pródiga*” (LUNA, 2000, p.50).

A própria história Argentina nos mostra a face de um país que tão logo ocorrera sua independência enveredou-se numa luta interna a respeito de qual modelo de nação seria colocado em prática. Tal contenda acabou por se prolongar durante praticamente todo o século XIX. Parte do período analisado, que passa pelas últimas décadas do século XX e as primeiras do século XX, coincide com a época que foi denominada pela historiografia argentina como “Período Oligárquico”⁴. Nesse espaço de tempo o país teve nove presidentes diferentes, sendo que destes, sete pertenciam ao mesmo partido, o Partido Autonomista Nacional, de orientação liberal conservadora⁵. Mesmo com o descontentamento de diversos setores da sociedade, inclusive outras vertentes conservadoras das classes abastadas, essa tendência de centralização reuniu forças para

⁴ Mesmo com eventos como a *Revolución del Parque*, em 1890, ou algumas outras tentativas de revolta armadas como as organizadas pela nascente *Unión Cívica* (que depois se dividiria em suas vertentes *Radical* e *Nacional*), Período Oligárquico seria o período de relativa calma ou estabilidade política, no qual após décadas de embates entre federalistas e unitários, entre Buenos Aires e as outras províncias, o poder e as rédeas da política foram ditadas de maneira centralizada por um pequeno grupo que se revezava no poder.

⁵ Em ordem cronológica: Domingo Faustino Sarmiento (1868-74), Nicolás Avellaneda (1874-80), Julio Argentino Roca (1880-86), Miguel Juárez Celman (1886-90), Carlos Pellegrini (1890-92), Luis Sáenz Peña (1892-95), José Evaristo Uriburu (1895-98), Julio Argentino Roca (1898-1904), Manuel Quintana (1904-06), e José Figueroa Alcorta (1906-10). Fonte: <http://www.casarsada.gob.ar/nuestro-pais/galeria-de-presidentes> (acessado em 18/02/2016).

permanecer no poder até o início do século XX, quando passa a ser aos poucos ofuscada pelo crescimento de movimentos inegavelmente mais representativos⁶.

No decorrer desses anos enquanto as elites políticas se defrontavam na luta pelo poder, do outro lado da pirâmide social os setores populares viveram possivelmente os capítulos difíceis da História recente argentina. Ainda no período colonial, o grau de representatividade das camadas mais pobres era extremamente baixo. Desde o processo de independência até o período oligárquico a representatividade e as estruturais sociais não sofreram mudanças significativas. O aumento populacional verificado entre final do século XIX e início do século XX resultou na ampliação dos problemas sociais e alterou significativamente a realidade da maior parte da população.

Invariavelmente atrelada à qualidade de vida estava a questão habitacional, preponderante para a problemática das demandas sociais e eixo central deste trabalho. Desde a localização geográfica, passando pelas dificuldades de deslocamento e chegando até o acesso às garantias básicas de sobrevivência, como moradia, saneamento básico, higiene, alimentação, segurança, a questão da moradia popular atravessou décadas de agravamento, sendo ignorada pelo poder público até o momento em que se tornou a grande ignomínia portenha da virada do século. A partir dessa constatação o aparelho de Estado e o poder público reuniram uma coalizão de forças num esforço desmedido e desconcertado visando conter o crescimento do problema baseado na pura e simples expulsão dos indivíduos. Vale lembrar que ao longo desse trabalho o foco é dividido basicamente em duas esferas de localidade que em determinados momentos se juntam formando uma mesma esfera. A primeira é a cidade de Buenos Aires, e a segunda é a própria Argentina, de modo que a História de uma está sempre associada com a outra, e mesmo com os contrastes entre a capital e o interior das províncias faz-se missão impossível falar de Argentina sem falar de Buenos Aires.

Nosso recorte foi pensado de modo que se pudesse ver o fenômeno do *conventillo*, e da própria Greve de Inquilinos de 1907, como consequência de um projeto político, de um modelo de cidade, que aos poucos vai demonstrando suas fragilidades e mazelas. Por isso, um dos pontos importantes de nossa análise ocorre no ano de 1871, marcado pela devastadora epidemia de febre amarela em Buenos Aires⁷. O

⁶ Este cenário de crescentes mobilizações populares evidencia a crise final do período oligárquico, e culmina na chegada ao poder da Unión Cívica Radical, com a eleição para presidente de Hipólito Yrigoyen, em 1916.

⁷ Segundo estimativas, que variam entre treze e vinte mil pessoas, tal epidemia matou cerca de 10% da população entre os meses de Janeiro e Maio daquele ano (RODRIGUES, 2012. P.42).

impacto maior da doença se deu mais precisamente sobre a região centro-sul da cidade, entre os bairros de *San Telmo* e *La Boca*, fato este que motivou uma fuga em massa dessa região por parte da população de alta renda, que já há muitos anos habitava a região. A zona, a partir de então foi ocupada por habitações populares, devido à proximidade com o centro e com as fábricas, que passaram a se multiplicar rapidamente ao longo das décadas seguintes. Esse evento trágico e de proporções gigantescas ficou marcado no imaginário coletivo como um dos capítulos mais tristes para a História da cidade, sendo considerado pela historiografia como o estopim para o início de um processo de realocação urbana que sepultará definitivamente as disposições geográficas do período colonial (VAZQUEZ-RIAL, 1996).

É necessário também dar destaque ao ano de 1909, quando, já em outra Buenos Aires, ocorreu outro evento de proporções trágicas que acabou marcando a história da cidade. Esse evento ficou conhecido como *Semana Roja*, e foi constituído por uma série de conflitos iniciados após manifestações ocorridas no dia primeiro de Maio, quando a polícia abriu fogo e matou dezenas de manifestantes anarquistas e socialistas. Em resposta à forte repressão, a *Federación Obrera Operária Argentina (FORA)* convocou uma greve geral, e ao fim de pouco mais de uma semana de conflitos, após muitas negociações entre manifestantes e governo os enfrentamentos cessaram. Porém, o episódio voltaria à tona quando em novembro daquele mesmo ano o chefe da polícia portenha, um coronel de longa carreira chamado Ramón Falcón, foi morto num ato de resposta à sua ordenança na morte dos manifestantes no dia primeiro de Maio⁸. Em meio a tantos conflitos, nos perguntamos: quais teriam sido as causas para este cenário marcado por confrontos e descontentamentos políticos tão profundos?

Com a investigação de épocas diferentes e episódios de grande relevância temos em mãos um amplo quadro da História argentina ao longo de algumas décadas, permitindo, assim, a análise de um processo gradual de conflitos e marginalização populacional que tem lugar em Buenos Aires nesse período, acentuado sem dúvida pela chegada em massa de imigrantes. No período que vai de 1880 até 1910 a média de imigrantes que chegaram foi superior a 100 mil pessoas por ano, esse fato causou um salto gigantesco nas estatísticas demográficas, fazendo com que o cenário de profunda precarização habitacional tenha se tornado a consequência mais óbvia. É importante

⁸ O episódio do justicamento de Ramón Falcón por parte do militante anarquista Simón Radowitz é emblemático para retratar o período e as forças que se enfrentavam, por isso foi tema de livros e até de episódios de teledramaturgia no país.

lembrar que nesse período Buenos Aires passa também por um processo de *Haussmanização*⁹ (expressão de Walter Benjamin), e tem sua face urbana completamente redefinida a partir do exemplo parisiense, então modelo de cidade moderna. O fato é que essa remodelação partia de uma perspectiva excludente, exaltando a beleza e imponência de grandes avenidas e edifícios em detrimento da progressiva expulsão da população mais pobre em direção às periferias. Padronização urbanística semelhante a que passaram outras importantes cidades latino-americanas, como foi o caso do Rio de Janeiro¹⁰.

Como evento central e mote dessa pesquisa, a *Huelga de Inquilinos* será analisada em seus principais episódios e momentos, na busca de uma maior compreensão do como se desenrolou o acontecimento assim como seu impacto naquela sociedade. O trabalho do historiador argentino Juan Suriano (1983) cumpre a importante função de ser uma das principais, e raras, obras de história sobre o evento ocorrido em 1907, e realiza, apesar de curtas páginas, uma minuciosa investigação sobre as motivações e os acontecimentos que marcaram a greve. Tão logo as ordens de despejo foram executadas, a força e organização das famílias mostraram-se grande, e o que se seguiu foi uma dura luta pelo o direito à habitação diante da ganância obtusa dos proprietários e das autoridades municipais. É inegável que a mobilização aconteceu em razão de que grande parte do operariado, moradores dos *conventillos* e casas de inquilinato, eram adeptos do socialismo ou do anarquismo, o que os proporcionava uma vivência anterior nos assuntos que envolviam contestação social, e também ajuda a explicar como o movimento alcançou alto nível de organização no seu decorrer. Porém, mesmo mobilizados por uma causa em comum as duas ideologias muitas vezes entravam em conflito ou contradição, o que nos leva à outra pergunta: Quais foram as razões da polarização entre Anarquismo e Socialismo nesse movimento? Seriam, ainda, as mesmas desde a I Internacional? Com o passar dos dias a mobilização passou a ganhar contornos de revolta popular na medida em que os protestos aumentavam e a greve ganhava novos adeptos. Apesar de iniciada nos bairros da região sul da cidade como *Barracas, La Boca e San Telmo* rapidamente o movimento se expandiu até vários rincões chegando a atingir cidades distantes, como Rosário e Córdoba (SURIANO,

⁹ Expressão utilizada por Walter Benjamin para se referir à grande reforma urbana implementadas pelo Barão de Haussman, então prefeito do departamento do Sena, em Paris na segunda metade do século XIX e também à mentalidade/perspectiva que levou à esta transformação.

¹⁰ Mais sobre a reforma urbana pela qual passou o Rio de Janeiro nesse período pode também ser encontrado em: NEEDEEL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical – Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na Virada do Século*. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

1983). Estima-se que entre os meses de Setembro e Dezembro daquele ano 80% das casas de inquilinato em Buenos Aires deixaram de pagar o aluguel, e a greve chegou a mobilizar em torno de 100 mil pessoas (SURIANO. p. 15. 1983) sendo que esse número representava cerca de 10% da população da cidade.

Um fator a ser destacado, pouco explorado pela historiografia, é o protagonismo feminino que caracterizou o movimento, e que acabou sendo decisivo em vários momentos, como por exemplo na resistência diária às ações de despejo mandadas aos *conventillos* grevistas. A esta altura, início do século XX, a organização feminina nas lutas sociais já mostrava a força de anos de mobilização, contando com instituições e periódicos que tratavam do tema, como nos casos do *Centro Anarquista Feminino* e do periódico anarco-feminista *La Voz de la Mujer* que operou no fim da década de 1890, em Buenos Aires e Rosário.

O episódio ocorrido em 1907 deixou um forte legado na História e na Cultura Política argentina, de forma que, mesmo passado um século, foi e continua sendo retratado em periódicos importantes do país como evento marcante e sem paralelos para a memória de uma época em que os conflitos sociais, principalmente aqueles relativos aos direitos básicos como a moradia, foram evidenciados face às desigualdades gigantescas engendradas por décadas de domínio oligárquico.

Na tentativa de responder à perguntas levantadas dividiremos nosso trabalho em três capítulos nos quais será visível uma separação temática e cronológica. O primeiro capítulo dará enfoque aos acontecimentos da Greve de Inquilinos de 1907, passando pelas suas motivações, pela repressão do governo local e pelos principais acontecimentos ao longo dos três meses de mobilização. Como motivações diretas, vamos analisar os aumentos exponenciais no valor dos aluguéis, juntamente com a notória a discriminação em relação a esta forma de habitação representada pelos *conventillos*. Esses dois acontecimentos em particular aumentam em grande medida o descontentamento das populações que viviam no inquilinato, e acabou por inflamar ainda mais sua percepção de injustiça social, que muitas vezes teve como atenuante apenas sua capacidade de revolta. Destaque também para a cobertura da imprensa local e para os vários embates entre polícia e inquilinos. A partir daí o capítulo passa a investigar os *conventillos* para tentar entender o tipo de militância que ali surgia. Verifica-se a existência de habitações semelhantes também nos países vizinhos, o que dá a entender o *conventillo* que ultrapassava o panorama argentino. Desse modo, nos

debruçamos sobre qual tipo de movimento constatamos ao olhar a mobilização dos inquilinos, o impacto dos *conventillos* no imaginário popular, e a confluência cultural a partir dos estudos de Angel Rama e Beatriz Sarlo. Ao final, chegamos à hipótese da existência de uma cultura política de caráter marginal inserida nos *conventillos* e no ambiente do inquilinato. Nesse ponto, abrimos espaço também para um aprofundamento em busca dos significados por trás do conceito de marginal, pois este é considerado por esse trabalho o melhor termo para caracterizar a população moradora dos *conventillos* e das casas de inquilinato. Para isso adentraremos as teorias da marginalidade, dos autores latino-americanos Aníbal Quijano, José Nun e Lucio Kowarick.

No segundo capítulo analisamos os antecedentes da mobilização dos inquilinos, chegando ao ano de 1871, aos primórdios da formação dos *conventillos* e da sociedade portenha pré-imigração em massa. Nesse capítulo será dada ênfase a episódios-chave como a epidemia de febre amarela, e o êxodo da oligarquia em direção à região norte. Fez parte desse processo a construção por parte da imprensa oligárquica, e órgãos oficiais, de um imaginário pejorativo em relação aos *conventillos* e às vivendas operárias, por meio de uma longa campanha de difamação pública. Fato que vai agravar a situação de exclusão e marginalidade da população que ali vivia. Também é parte fundamental desse capítulo a investigação acerca do planejamento urbano de Buenos Aires. Passando pelas disposições originais datadas ainda do período colonial e chegando ao século XIX, marcado por ondas de reformas urbanas que se espelhavam num novo paradigma representado por Paris e pelo modelo *haussmaniano* que encantava a elite portenha. Para se adequar foram necessárias décadas de readequação e padronização estética, que acabaram dando à cidade uma aparência enganosa, que ignorava sua real condição e seu passado recente.

O terceiro capítulo mostrará os primórdios da mobilização popular juntamente com o início da organização do Anarquismo e do Socialismo portenho¹¹. As duas ideologias revolucionárias crescem e se fortalecem na capital argentina até que passam por um processo de perseguição por parte do Estado argentino. No biênio 1909-1910 ocorreram uma série de eventos trágicos que desencadearam uma caçada contra o Anarquismo, principalmente. Foi levada a cabo a construção de uma campanha midiática e popular, que resultou na aprovação da *Ley de Defensa Social*, marco no que

¹¹ A FOA (*Federación Obrera Argentina*) foi fundada em 1891, o periódico socialista *La Vanguardia* foi fundado em 1894, O Partido Socialista argentino foi fundado em 1896, e o periódico anarquista *La Protesta Humana* foi fundado em 1897, em 1901 foi fundada a UGT (*Unión General de Trabajadores*), (LUNA, 2000).

diz respeito à perseguição de militantes de ideias revolucionárias. Destaque também para a rápida análise da biografia da anarquista Virginia Bolten. Ao final, vemos também as conseqüências urbanas da ignomínia habitacional portenha com o consequente processo de suburbanização.

Documentação, fontes e abordagem

No que se refere à fontes históricas utilizaremos uma abordagem que é norteada por alguns pilares, que tem por função sustentar nosso marco teórico e metodológico. Primeiramente a análise bibliográfica, que reúne as principais obras historiográficas escrita sobre o período em questão, a *Huelga* de Inquilinos e seus antecedentes. Esta quantidade de obras foi sendo reunida aos longos dos últimos três anos, e teve em seu ponto de maior dificuldade o acesso à obras que são raras no Brasil, mesmo em tempos onde se encontra muito material já disponível na internet ou digitalizado. Em segundo lugar utilizaremos também, como já mencionado, a análise de documentos do período, com destaque para jornais, censos realizados pelo governo argentino e pela própria capital federal, além de obras literárias que expressam parte do imaginário e da produção cultural que trata do tema dos *conventillos* ou do meio operário anarquista e socialista. Quanto à isso existe uma extensa produção que trata dessa temática, entre obras literárias, peças de teatro, músicas e filmes. Até mesmo um ramo dramático denominado *sainete* se desenvolveu com foco particular no meio do inquilinato e operário portenho do início do século XX. Dentre estas, algumas tiveram notória popularização, e são hoje referências no que diz respeito àquela época e modo de viver das classes menos abastadas. Um exemplo disso é a famosa obra *El Conventillo de La Paloma*, de autoria do dramaturgo Alberto Vacarezza, encenada pela primeira vez nos anos 20, repetida diversas vezes desde então com diferentes montagens e elencos, chegando a virar filme na década de 1930.

Em terceiro lugar, outro ponto importante da metodologia utilizada se dá através da etnografia, técnica de substancial importância dentro das investigações acadêmicas. A busca foi por imagens representativas da condição de vida no ambiente do inquilinato, do retrato da mobilização política neste espaço, no contexto político argentino, e de algumas instituições e momentos emblemáticos dentro de nosso recorte. Algumas imagens foram encontradas após uma minuciosa busca em revistas e jornais de época, que por ainda não se encontrarem digitalizados exigiram um tempo e cuidado

especial. Boa parte do material utilizado está disponível no acervo do *Archivo General de La Nación*, e outra parte está nas revistas e jornais do período, como *Caras y Caretas*, *La Protesta*, *La Nación* e *La Vanguardia*.

Grande parte das fontes utilizadas aqui apenas tornou-se acessível graças a uma viagem de oito dias à Buenos Aires. Realizada no mês de Novembro de 2016, a viagem permitiu uma pesquisa de campo que possibilitou o contato com muitas fontes que não poderiam ser encontradas no Brasil. Dentre livros, periódicos e imagens foi possível constatar uma enorme quantidade de documentos que revelam questões importantes e que com um prazo maior poderiam muito bem ter sido incluídos nesse trabalho. Porém, devido ao curto tempo e a lentidão para realizar a consulta foi necessário selecionar apenas aquilo que fosse considerado primordial. Ao longo desses oito dias foram feitas visitas aos principais arquivos e centros de documentação que possuísem acervo relevante no que diz respeito ao início do século XX de Buenos Aires, o anarquismo e o socialismo portenhos, além daquilo de mais importante quanto à mídia do período. Em meio aos vários locais visitados se destacam o *Archivo General de La Nación*, a Hemeroteca da *Biblioteca del Congreso* a *Academia Porteña de Lunfardo*, o Instituto Ravignani, a Biblioteca da *Universidad de Buenos Aires* (UBA) e o CeDInCI (*Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de las Izquierdas*).

No que diz respeito às fontes históricas, o trabalho se apoiará em alguns documentos do período na tentativa de visualizar um cenário amplo a partir de várias perspectivas diferentes. Primeiramente trabalhamos com fontes midiáticas através dos jornais *La Nación* e *La Vanguardia*, que proporcionaram um melhor entendimento em relação à cobertura midiática acerca da questão habitacional popular como tema social. A maneira como eram vistos os *conventillos* dentro daquela sociedade, e também de que modo eram encarados os momentos de turbulência social por parte do poder público, como no caso da cobertura da Epidemia de Febre Amarela de 1871, na Greve de Inquilinos de 1907 e na *Semana Roja*, em 1909. Outro periódico essencial nessa análise é o jornal anarquista *La Protesta Humana* (chamado apenas de *La Protesta* a partir de 1903), que teve papel destacado dentre os vários impressos libertários portenhos pela sua grande tiragem e longevidade. São citados também outros periódicos de menor relevância para o trabalho, mas que em algum momento citados por terem sido importantes para contextualizar a argumentação, como são os casos do jornal inglês editado em Buenos Aires *The Review of the River Plate* e também revista anarquista italiana *La Battaglia*, editada em São Paulo. A consulta aos periódicos foi em parte

facilitada pelo fato de alguns desses já se encontrarem disponíveis para consulta online na coleção digital *World Newspaper Archive: Latin American Series 1 (1805-1922)*, disponível através do convênio temporário estabelecido entre a biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a empresa estadunidense *Readex*, mantenedora do arquivo digital.

A cobertura intensa dos periódicos locais demonstra a preocupação com o tema e nos implica a necessidade também de uma metodologia na análise desses discursos. Para isso utilizamos também a obra de J. G. A. Pocock, pela forma que sua abordagem na análise da dinâmica dos discursos políticos auxilia em demonstrar que este é um meio marcado pelas disputas e pelos enfrentamentos, fazendo com haja uma necessidade natural alcançar o objetivo do convencimento. Por isso a investigação das falas e textos de jornais pode tornar-se campo escorregadio na medida em que acreditamos que estamos enxergando a motivação verdadeira do discurso, que na realidade permanecerá oculta.

Com relação às documentações de cunho oficial foram realizadas análises de três censos municipais, que forneceram importantes informações a respeito da demografia e do crescimento da cidade. O primeiro foi o Censo de 1887, primeiro feito na cidade de Buenos Aires, segundo o Censo de 1904 e em terceiro o censo de 1909, também chamado de “*Censo del Centenario*”. Apesar de não serem tão completos e informativos como os censos mais recentes, estes documentos revelam informações importantes que ajudam a entender a realidade daquele momento histórico. Como por exemplo, o Censo de 1887 mostra um dado interessante em relação àquilo que chama de *Población Legal*, que seria aquela população originária, nascida em Buenos Aires. Segundo o documento, nesse ano apenas 18% da população, ou 75.063 de habitantes, podia ser considerada parte da *Población Legal*. Isto revela, que para além dos imigrantes europeus, também existia uma grande população argentina do interior, da região metropolitana de Buenos Aires e dos países vizinhos, que fazia parte da cidade naquele momento, de modo que para mais de 80% dos habitantes aquele não era seu lugar de origem. Entre o primeiro o primeiro Censo, de 1887, e o terceiro, de 1909, a população saltou de 433.375 para 1.231.698 habitantes, o que representa um crescimento de aproximadamente 285% ao longo de vinte e dois anos. Também foram utilizados como referência o Censo Nacional de 1869 (primeiro Censo argentino), o Censo Nacional de 1895 (Segundo censo), e o Censo Nacional de 1914 (terceiro censo), que permitiram uma comparação da capital federal com o país como um todo.

Na tentativa de compreensão do que foi o impacto do *conventillo* para aquela sociedade, e também, juntando-se aos jornais, para o entendimento de como se deu a construção dessa imagem negativa em relação a essa forma de habitação popular trabalharemos com algumas das primeiras obras que trataram desse fenômeno. A obra de José Antonio Wilde, chamada “*Buenos Aires desde setenta años atrás*”, data de 1881 e discorre sobre o crescimento da cidade ao longo do Século XIX. Do ano de 1885 data o trabalho do renomado médico Guillermo Rawson, denominado “*Estudio sobre las casas de Inquilinato de Buenos Aires*”, que analisa a formação dos *conventillos* do ponto de vista sanitário, como um alerta aos problemas de saúde pública, assim também como para o “perigo moral” que ali podia se manifestar. Esta obra pode ajudar a revelar o porquê do enorme receio em relação às malfadadas habitações, fonte de tantos males e riscos para a sociedade, que por isso deveriam ser tão isoladas quanto estudadas.

Há que se ressaltar também as obras de Luis Pascarella, de 1917, e Jorge Paéz, de 1970. Ambas são nomeadas “*El Conventillo*” e podem melhor elucidar a respeito da formação e do cotidiano dentro desse peculiar universo habitacional. No caso da última se assemelha mais a um ensaio histórico, em que Paéz percorre brevemente a formação dos *conventillos* em Buenos Aires, discorrendo também respeito de temas do cotidiano até as grandes mobilizações, mostrando esta forma de moradia como um importante elemento na história recente daquela sociedade. Em grande medida pela amplitude de seu impacto na cultura popular, constituindo-se como espaço de resistência e de luta que representa para além de um período importante na história da Argentina, mas também um tipo de vida que era levado por milhares e milhares de pessoas. A análise mais aproximada do dia a dia dentro dos *conventillos* nos revela aspectos fundamentais no que diz respeito a esta forma de habitação popular, isso levando em conta o cotidiano como elemento unificador das experiências em coletivo (FERRERAS, 2006. p.10-11). Tais materiais auxiliarão, sobretudo para interpretar o papel que este tipo de habitação teve naquele espaço e tempo.

Além disso, os escritos mais recentes, como as matérias em memória dos noventa anos, e depois dos cem anos da Greve de Inquilinos publicadas pelo jornal *Clarín*, além da publicada em 2014 pelo diário *El Tiempo*, na tentativa de mostrar um exemplo de luta de determinação popular, também podem prestar auxílio na busca daquela que talvez seja a pergunta fundamental desse trabalho que questiona qual foi o

legado deixado por esse acontecimento e por esse período tão emblemático para os trabalhadores e para a História recente do país.

CAPITULO I

Marginalidade social e protagonismo político: A Greve e Inquilinos de 1907

No dia 16 de Setembro de 1907 o diário *La Nación*, um dos periódicos de maior circulação e uma das vozes da elite portenha, informava, num pequeno artigo denominado “*Proprietarios e Inquilinos*”, o início de um movimento organizado por moradores dos *conventillos* que se recusavam a pagar o aluguel, tendo como reivindicação básica a redução dos preços destes e a melhoria nas condições de suas habitações. Neste pequeno artigo de quatro parágrafos e pouco mais de cinquenta linhas, o jornal alertava para um movimento que se iniciava em um dentre centenas de *conventillos* da região sul da Buenos Aires. Com um subtítulo que dizia “*Alboroto de conventillo*” (motim de *conventillo*), a nota também noticiou um conflito que se acercava, pois o proprietário do imóvel e do *conventillo* onde se iniciou aquela mobilização deixava muito claro que não iria se submeter à pressão nenhuma e que se não fosse decretado o fim do movimento ele colocaria na rua todos os que se recusassem a pagar o aluguel. Apesar da ameaça o movimento rapidamente ganhou a adesão de outros *conventillos* e tornando-se um grande problema para os interesses de muitos proprietários.

Dentro da imprensa portenha existia uma nítida divisão entre os meios de comunicação representantes da elite e daqueles que eram vinculados ao operariado ou às camadas populares. Esta diferença fica clara quando são analisadas as notícias ligadas ao que estava acontecendo com os inquilinos. Um dia antes do *La Nación*, o jornal socialista *La Vanguardia* anunciou o início de um movimento de protesto contra a tirania dos altos aluguéis¹², que começara dois dias antes, mas que na verdade já vinha sendo planejado há muito mais tempo. Num texto mais longo e detalhado *La Vanguardia* situava o *conventillo* da rua Ituzaingo, número 279, como baluarte de 130 famílias de inquilinos que se recusavam a pagar seus aluguéis. Usando a justificativa da aprovação de uma nova diretriz municipal de preços, os proprietários de *conventillos* repassaram imediatamente o novo custo para o valor das habitações, que tiveram um

¹² Jornal *La Vanguardia* (15/09/1907)

reajuste de 30%. O aumento, considerado abusivo, foi a gota d'água para a explosão do movimento dos inquilinos que já vinha se organizando havia algum tempo. Em decisão coletiva os moradores se recusaram a pagar seus aluguéis enquanto o reajuste não fosse revogado, mas por trás dessa primeira motivação havia várias outras.

Com forte apoio dos anarquistas e socialistas o movimento ganhou força, arrastou milhares de pessoas, teve duração de cerca de três meses, alcançou outras grandes cidades argentinas e forçou a sociedade portenha a encarar a questão da precariedade das moradias populares.

Passados alguns dias de seu início, conforme a mobilização dos inquilinos ia crescendo, os jornais locais (*La Nación, La Prensa, La Vanguardia, La Protesta*) passaram a se referir à ela de outra maneira, começando a utilizar a palavra greve (*huelga*) e eis que surge a expressão “greve dos inquilinos” (*Huelga de Inquilinos*). Esta mudança na denominação em relação ao movimento pode nos mostrar alguns elementos importantes, sendo o primeiro deles, que mesmo não sendo uma mobilização motivada por causas trabalhistas aquilo que nasceu nos *conventillos* ganhou o nome de greve, seja pela semelhança com os demais movimentos grevistas ou, seja pelo poder de organização.

Em se tratando de documentação nas quais existem textos opinativos é necessário uma análise cuidadosa para averiguar e comparar as falas dos jornais, contemplando uma análise discursiva que leve em consideração que discursos políticos são, por natureza, ambivalentes (POCOCK, 2003). A natureza complexa desses discursos passa pela propensão à inventividade, motivada pelas próprias necessidades e dinâmicas do meio. De modo que, há que se desviar da pretensão de buscar uma “real intenção” de cada autor e seu discurso, pois isto seria entrar numa discussão superada em função da complexidade das falas e das dinâmicas políticas as quais estão sempre associadas. Por isso Pocock, a partir de uma forte influência de estudiosos da linguagem, apóia-se num método proveniente da dualidade *Langue e Parole*, que por fim tem grande validade em função de prestar auxílio na compreensão de um funcionamento e de um significado para este campo (POCOCK, 2003, p.32).

A Buenos Aires de então era uma cidade que convivía quase que diariamente com greves e paralisações. A imprensa, acostumada com isso, associou rapidamente à recusa do pagamento do aluguel nos *conventillos* como mais um movimento grevista. Há de se reconhecer que os símbolos, a ideologia e as lideranças do movimento eram muito próximas ao que a imprensa estava costumada a noticiar quando se referia às

greves. Por um lado, isso demonstra certa incompreensão do que acontecia ali, pois, mesmo que a principal reivindicação fosse a revogação do aumento nos aluguéis, o que estava em jogo ia para além de causas trabalhistas e pontuais. Por outro lado, a Greve de Inquilinos demonstra um exemplo da existência dos limites nas formas convencionais de categorização dos movimentos sociais. Pois ela por si só é a prova de que um movimento grevista não se limita apenas àquelas atividades que são remuneradas, mas sim a todos aqueles que sendo parte de um grupo prejudicado injustamente se mobilizam para mudar esta situação¹³.

Ao escancarar a realidade a respeito da habitação popular, a Greve de Inquilinos trouxe à tona uma questão chave que não podia mais ser deixada de lado. Principalmente no aspecto demográfico, os últimos trinta anos haviam tornado Buenos Aires palco de uma transformação como jamais havia acontecido antes. A cidade mudou radicalmente, deixando para trás o aspecto de pequeno centro provinciano para tornar-se uma grande metrópole. O papel dessa mobilização foi muito além do que reclamar um valor mais justo pelas moradias, mas foi também o resultado de uma minuciosa organização, de um movimento operário extremamente fortalecido e da existência de mazelas sociais que vinham apenas se acumulando ao longo dos anos. No entanto, não devemos analisar este movimento como isolado, pois ele se insere num contexto em que a mobilização e a contestação social faziam parte da realidade. A Greve de Inquilinos de 1907, apesar das características peculiares para uma greve, faz parte de um momento na história argentina em que a contestação social representava, para os trabalhadores e para as camadas populares, não apenas como um direito político, mas quase como um dever moral. Isso pelo fato de que estavam o operariado e as classes trabalhadoras sob tão grande influência das ideologias contestatórias que a mobilização era parte de seu “ser social”, de modo que revoltar-se, fazer greve, protestar era requisito básico e parte do cotidiano destes grupos.

O problema dos *conventillos*, da vida no inquilinato, da super lotação e das condições precárias nas habitações populares não era novidade. Havia já décadas que a questão vinha necessitando de atenção, isso porque desde o final do século XIX a cidade possuía um enorme déficit habitacional, que fora potencializado pela chegada de

¹³ Meu argumento nesse ponto pode ser usado na defesa teórica de outros tipos de movimentos grevistas que saem do modelo tradicional (ex: greve de estudantes, greve de fome...), e mesmo assim não deixam de ter um caráter aguerrido e contestador, estes sim, elementos fundamentais em qualquer reivindicação.

milhões de imigrantes europeus¹⁴. Como resultado desse déficit habitacional a maioria da população de baixa renda na capital vivia em condições de sub-habitação. Nesse mesmo período, como consequência direta desses problemas, aconteceu a multiplicação do fenômeno urbano do *conventillo*, como forma barata e acessível, ao menos de modo temporário, de moradia para as famílias recém-chegadas. Esta forma de habitação teve seu auge justamente nesse período próximo da virada de século, representando um fiel retrato das condições de vida das camadas populares portenhas. A existência desse fenômeno habitacional era prova mas, também consequência de um projeto urbano minucioso executado ao longo de vários anos, de modo que sua natureza acentuava o caráter marginal dos que ali viviam.

1.1 Os conventillos e a militância de urgência

Nos primeiros anos do século XX parece ter vindo à tona toda a profundidade da construção desigual que moldara a Argentina no decorrer das três últimas décadas de regime oligárquico, tamanho foi o processo de ebulição político vivenciado pelo país a partir daquele período. Em poucos anos inúmeras manifestações explodiram, o movimento operário se fortaleceu, e as reivindicações sociais se radicalizaram. Tudo isso ajudou a evidenciar a crise da política oligárquica, sistema anacrônico do qual o país tanto tinha dificuldade para superar. Esta transformação, que consequentemente proporcionou um aprofundamento das contestações, pode ser atribuída às mazelas sociais que se desenvolveram principalmente na segunda metade do século XIX, e também à grande proliferação das ideias do Anarquismo e do Socialismo, que ganharam força entre as massas, e entre os imigrantes recém-chegados da Europa. Apesar do salto no grau de participação política, essa explosão de reivindicações pode ser interpretada também como uma progressão da “cultura de mobilização” (SÁBATO, 1998), que ganhou espaço ao longo da segunda metade do século XIX na Argentina, quando as camadas sociais mais pobres não tendo espaço para participação nos canais políticos do país passou então a projetar seus próprios mecanismos de representação.

¹⁴ Os censos nacionais e municipais mostram que a população de Buenos Aires aumentou de aproximadamente 180 mil no ano de 1869 para mais de 1,5 milhões em 1914 (PAEZ, 1970. P.12). Com entradas que atingiam a média de 200 mil imigrantes por ano, a Argentina no ano de 1914 possuía 30,3% da sua população composta por estrangeiros (PRADO-PELLEGRINO, 2014. P.83).

A esta altura o *pampa pródigo*, alcunha que expressa o quão promissor era o futuro argentino em função do seu rápido crescimento econômico, já havia demonstrado possuir seus problemas, e também que apesar do rápido enriquecimento, o cenário ainda expunha inúmeros e crescentes enfrentamentos. A partir a década de 1900 o embate social ganha também novos elementos na medida em que a ação política vai se tornando mais aberta e radical. O crescimento dos movimentos anarquista e socialista, inúmeras greves (gerais e parciais), paralisações e a efervescência de uma mobilização fortalecida que fazia de Buenos Aires referência no continente como um dos principais centros de ideias contestatórias. As reivindicações iam de reajustes pontuais, melhor remuneração, diminuição da jornada de trabalho e demais questões trabalhistas, até mobilizações de caráter político e social, ou mobilizações para o alcance de demandas emergenciais, como no caso da Greve de Inquilinos de 1907.

As três principais vertentes ideológicas dos trabalhadores no período eram o Anarquismo, o Socialismo e o Sindicalismo. Dessas três, o Anarquismo foi aquela que reuniu maior força e mais se popularizou entre o pico da imigração até por volta de 1910, chegando a ter uma enorme influência entre os trabalhadores. Sobre essa questão trataremos mais a fundo no capítulo seguinte. O Socialismo era uma espécie de segunda força, pois não era tão popular quanto o Anarquismo. Apesar disso, sempre manteve certa influência, principalmente após a fundação do partido socialista em 1896, e de algumas participações expressivas nas eleições no início do século XX. Inicialmente o Sindicalismo aparecia como uma terceira via, no entanto, com o enfraquecimento das duas primeiras ideologias a partir da década de 1910, o movimento sindical passou a ser a principal força entre os trabalhadores, acabando por incorporar alguns elementos anarquistas e socialistas, sobrevivendo ainda por vários anos.

A Greve de inquilinos de 1907 se insere no contexto do fortalecimento e popularização das duas primeiras ideologias contestatórias (Anarquismo e Socialismo) na Argentina. Na primeira década do século XX existiam inúmeras instituições, jornais ou agremiações libertárias, expoentes do que o historiador Juan Suriano chamou de “Militância de Urgência”¹⁵. Esse termo aparece para designar a gritante necessidade por alguma forma de ação e se enquadra principalmente no movimento libertário anarquista, justamente por sua rápida difusão resultado da agilidade e rapidez em seu modo de ação. O autor também enxerga no anarquismo portenho uma resposta - quase única

¹⁵ SURIANO (2005).

naquele momento – que se manifesta na forma de resistência em meio à situação política e social excludente a qual atravessava a Argentina.

Apesar do rápido crescimento econômico proporcionado pela exportação de matérias-primas como cereais e a carne bovina, a Argentina possuía grande parte da sua população vivendo na extrema pobreza, isso ocorria principalmente em Buenos Aires, pra onde haviam se dirigido a maior parte dos milhões de imigrantes europeus ao longo das duas últimas décadas. O resultado foi que a imensa maioria desses trabalhadores recém chegadas acabaram vivendo em condições de sub-emprego e não possuindo alternativa além do inquilinato e dos *conventillos*. Dessa forma, a necessidade das lutas sociais e políticas por parte dessa grande parte da população era muito grande, o que acabou transformando esta urgência pelo alcance de demandas como moradia e melhorias trabalhistas numa espécie de combustível para esses movimentos mais radicais. Ao longo desta década ocorreram sete greves gerais (as principais ocorreram em 1902, 1904, 1905 e 1909), sem mencionar as várias paralisações parciais, além da própria Greve de Inquilinos, que apesar de, como já mencionado, não reivindicar diretamente demandas trabalhistas, ainda assim pode ser apontada como um dos principais movimentos grevistas, na medida em que verificamos seu poder de mobilização e, sobretudo, a forma como mobilizou a cidade.

Na medida em que a Greve de Inquilinos atingiu proporções gigantescas, chamou atenção para um dos problemas sociais mais gritantes. Apesar de não ser um problema novo a questão habitacional ainda não era considerada uma das grandes mazelas sociais, como depois veio a ocorrer em praticamente todas as grandes cidades a partir da segunda metade do século XX. No início do século países como a Argentina, ou mesmo os Estados Unidos da América ainda não haviam passado por um período de crescimento demográfico, neste momento a população urbana da maioria dos países ainda era menor do que a população rural. A imigração acentuou uma inversão, contribuindo para a mudança campo-cidade, que somou-se com a escassez da estrutura habitacional e resultou num profundo déficit de moradias. A mobilização de inquilinos em 1907 expôs esta nem tão nova problemática, relacionando-a diretamente com o tipo de modelo econômico e político adotado pelo país, como também com o projeto urbano idealizado e executado segundo os padrões de uma oligarquia local que almejava ser e usufruir dos mesmos padrões de riqueza da burguesia metropolitana oriunda dos países centrais do capitalismo.

Na primeira década do século XX o Estado argentino, já ciente do processo de empoderamento dos movimentos de trabalhadores, começou a se organizar visando a aprovação de medidas jurídicas que lhe proporcionasse maiores condições de contrapor a ameaça que se apresentava. Por isso, neste período foram criadas Leis de caráter político e punitivo que passaram a permitir ao governo a expulsão e a perseguição daqueles imigrantes indesejados que se envolvessem em atividade política tida como ilegal ou prejudicial ao país. Este foi o caso da *Ley de Residencia* de 1902, e da sua complementar, a *Ley de Defensa Social* de 1910. O conteúdo posto em prática na execução da lei expunha um teor totalmente político, ameaçando a resistência social das camadas mais pobres da população que tinham agora nos movimentos operários seu sustentáculo de resistência. Legislações dessa natureza não tiveram lugar apenas da Argentina, pois no ano de 1907 foi aprovada no Brasil a Lei Adolfo Gordo, que à semelhança do país vizinho também permitia a expulsão de imigrantes europeus que representassem algum tipo de perigo nacional¹⁶. Em ambos os países o principal alvo destas novas legislações era o movimento anarquista.

Observa-se que ao longo da década ocorreu um interessante processo no qual, até por volta de 1905, as greves ou manifestações aconteceram em sua maioria de forma pacífica e sem confrontos, no entanto na segunda metade da década os embates foram se tornando cada vez mais violentos. Passaram a vir à tona enfrentamentos, que resultaram em episódios sangrentos que por inúmeras vezes deixavam mortes e a floravam ainda mais a extremidade da situação (YUJNOVSKY. 2004). Este aprofundamento demonstra uma das consequências do crescimento da repressão, na medida em que os movimentos contestatórios cresciam e tomavam as ruas, também proporcionalmente as classes abastadas juntamente com a elite política que dirigia o país se “cansaram” de permitir o livre direito às manifestações. Se até certo ponto manifestar-se era um direito político na Argentina, a partir e algum momento na metade da década de 1900, como bem disse Hilda Sabato (1998), esse direito passa a representar um claro risco aos interesses de uma parcela da população poderosa.

Entre as três principais tendências políticas do operariado portenho existentes no início do século XX (o Anarquismo, o Socialismo e o Sindicalismo) houve por alguns momentos certa consonância, o que permitiu que caminhassem em paralelo. Porém, apesar das pautas em comum, como a justiça social, melhores condições de trabalho e

¹⁶ BATALHA, Claudio. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000

maior participação política, essas vertentes carregavam também uma série de diferenças, que foram ficando maiores conforme o século XX transcorria. Naturalmente as agremiações operárias e os sindicatos tornaram-se alvo desta disputa, além de que o afastamento entre socialistas e anarquistas foi uma tendência do século XX, fatos que levaram a uma forte oposição dentro do próprio movimento operário. Também podemos perceber que cada uma das tendências ideológicas teve seu momento de maior força ou difusão. Em fins do século XIX e início do XX o Anarquismo ocupava este papel de protagonista, posição que na década de 1920 em diante transferiu-se para o Sindicalismo, que passou a ter a força que outrora tinha sido exercida pelas ideias libertárias. Enquanto isso, ao longo de todos esses anos, o Socialismo tinha um espaço importante, nunca exercendo uma posição hegemônica, mas se afirmando lentamente como uma vertente relevante dentro da política argentina, chegando a ter significativa representatividade eleitoral.

O fato de ter surgido na sociedade portenha um movimento operário e outros vários movimentos de trabalhadores em prol de melhores condições de trabalho, remuneração e moradia, todos cada vez mais atuantes, contribuiu para o aparecimento de uma sociedade permeada por uma cultura de participação social e de reivindicação política. Esse cenário propiciou o nascimento de uma atmosfera de transformações que acabou por dar espaço, também, a outros tipos de demandas sociais, não apenas as de cunho trabalhista. Impulsionada pelo fortalecimento de outros movimentos, e pela difusão das ideologias de esquerda, aos poucos os moradores das habitações de inquilinato foram estabelecendo uma noção de grupo, passando a construir um tipo de agenda política em prol da melhoria de suas condições de habitação. Usufruindo da capacidade e tendência à contestação social, nascem as primeiras ideias em relação à uma revolta de cunho habitacional, cada vez mais evidenciada em função do processo de imigração, responsável por um salto demográfico que num período de cerca de quarenta anos mais do que triplicou a população de Buenos Aires.

No ano de 1869, a população da Argentina era de 1,8 milhões de habitantes, passando para 7,8 milhões no ano de 1914. Na capital Buenos Aires esse aumento ocorreu numa proporção ainda maior, pois nesse mesmo período a população saltou de 180 mil para 1,5 milhões de habitantes¹⁷. A mudança demográfica se deu numa proporção tão grande que, mesmo com a execução de uma série de reformas urbanas,

¹⁷ ROMERO, 2001. P.23.

abertura de avenidas, expansão da área urbana, construção de novos bairros, a cidade teve dificuldades para absorver todo este novo contingente. Também é necessário ressaltar que o objetivo principal das reformas urbanas ocorridas nesse período não foi a ampliação da capacidade de absorção demográfica, mas sim o embelezamento e a incessante tentativa de equiparação do modelo de cidade burguesa segundo os moldes europeus.

1.2 Valor dos aluguéis: estopim da movimentação

Em meio aos vários fatores que contribuíram ao descontentamento popular, ajudando os inquilinos a se inflamarem contra os proprietários e suas condições de moradia, o exorbitante valor dos aluguéis influenciou decisivamente, funcionando quase como um estopim num barril de pólvora. O aumento sistemático no preço dos aluguéis para além de mexer diretamente com a qualidade de vida dos moradores, pois os deixavam ainda mais pobres diante do elevado custo de vida imposto por Buenos Aires, evidenciava a exploração empregada como método de enriquecimento na dinâmica dos proprietários e da especulação imobiliária.

Num trecho de sua obra *El Conventillo*, Jorge Paez descreve, a partir de um relatório do *Departamento Nacional del Trabajo*, as profissões dos moradores de um típico *conventillo* no ano de 1912. Nesta casa habitavam vinte e duas famílias, o que resulta num total de cento e dezoito pessoas, das quais vinte e nove são homens considerados como chefes de família. Estes vinte e nove homens executam diferentes ofícios, dentre os quais se encontram sapateiros, pintores, pedreiros, eletricitas, carpinteiros, ferreiros, estucadores, mecânicos, cocheiros, carvoneiros, foguistas, mosaístas e também peões não especializados (PAEZ, 1970. Pág. 34). Esta relação de profissões nos sugere um ambiente onde podia ser encontrada uma grande variedade de trabalhos, em sua maioria atividades não especializadas e com remuneração baixa o suficiente para que a família e o indivíduo tenham que residir no inquilinato. Geralmente se atribui ao *conventillo* tipologia de moradia *obrera*, no sentido mais amplo da palavra e que acaba abrangendo inúmeras atividades semi-industriais ou industriais de muito esforço físico e pouca remuneração. Entretanto, ser operário industrial numa sociedade como esta podia chegar ser uma condição privilegiada tendo

em vista a importância e o papel desempenhados, caracterizando-se como profissão que muitos almejavam, mas que nem todos conseguiam.

Segundo uma pesquisa da *Unión Industrial* realizada em 1887, vinte anos antes do movimento dos inquilinos, constatou-se que na área urbana de Buenos Aires existiam 6200 estabelecimentos industriais, e cerca de 42.000 funcionários trabalhando no ramo, número que à época representava pouco menos de 10% da população da capital federal. A maior parte das indústrias se concentrava na região sul, entre o bairro de *Barracas* e a cidade de Avellaneda (SCHVARZER, J. IN: ROMERO-ROMERO, 2000)

Os números demonstram que desde 1880 os preços, muito em função do aumento da demanda e devido à grande chegada de imigrantes, foram sofrendo reajustes até o ponto em que atingiu um ritmo galopante em que as correções chegavam à faixa dos 30% ao ano. A situação precária das habitações demonstrava ainda mais o alto grau de especulação imobiliária presente no país, fruto do lucro exponencial que os proprietários e empresários de habitações vinham tendo nas últimas décadas, que transformaram a pauperização habitacional em negócio dos mais lucrativos, fazendo da Argentina um dos países mais caros em termos de habitação.

A este déficit sanitario, se agregaba el aumento creciente de los alquileres, lo que a su vez alentaba el hacinamiento. La renta de una pieza que en 1870 era de 4 pesos oro, 20 años después había subido a 8 y en 1912 alcanzaba a 13 pesos oro en San Cristóbal y San Telmo, y 18 pesos oro en Catedral al Sur y Socorro; equivaliendo a cerca del 30% del salario de un peón de albañil, 22% de un medio oficial y 15% de un artesano especializado. De acuerdo a estadísticas de la época esto significaba que una pieza llegaba a costar 8 veces más que otra similar en Londres o París. (RAMOS, 1999. P.9)

Fica claro que o aumento dos aluguéis foi ocorrendo de forma rápida e exagerada principalmente quando comparado com os reajustes salariais. Em 1886 o aluguel de um quarto de *conventillo* custava 16,4% do salário de um operário industrial, 1896 custava 19,2%, e em 1912 custava 30,1%¹⁸. Além do aumento constante dos aluguéis este quadro demonstra que durante o período analisado ocorreu uma diminuição do poder de compra por parte dos trabalhadores, nesse caso industriais. Com o passar dos anos foi se tornando cada vez mais difícil conciliar a remuneração recebida pelos operários, o valor dos aluguéis e as demais necessidades básicas que toda família possuía.

¹⁸ Apud ROMERO-ROMERO, 2000. P.70.

O problema aumentava e passava a atingir não só a população mais pobre, pois também passou a dificultar também acesso das famílias de classes mais abastadas, que acabavam por gastar a maior parte de seus rendimentos com o pagamento do aluguel. Essa preocupação é demonstrada pelo jornal *La Prensa* no trecho em sequencia.

Un problema de la mayor entidad, que afecta no solo los llamados pobres, sino una multitud de familias de medianos medios de fortuna, con deberes sociales que cumplir, a quienes el alquiler les absorbe la mayor porción de sus rendas (*La Prensa*, 15 de Agosto de 1888)

Ao longo daqueles anos algumas tentativas de reivindicação foram feitas na intenção de frear os aumentos e também melhorar a situação das moradias. Em 1890, se formou pela primeira vez, uma comissão para representar os moradores diante do abuso dos proprietários. No entanto, o movimento fracassou. Alguns anos depois, em 1893, também surgiu uma tentativa de formar uma “*Liga contra los aquileres*”, porém que também não conseguiu reunir força o suficiente (SCOBIE, p. 200-201). Em 1905 os anarquistas da *FORA (Federación Obrera da la República Argentina)* promoveram a formação de uma nova liga, dessa vez a “*Liga contra alquileres e impuestos*”, que alcançou boas adesões, conseguindo a realização de conferências e a distribuição de propaganda sobre o tema (SURIANO, 1983. P.14-15). A fundação desta liga teve papel importante ao permitir que pela primeira vez ocorresse uma difusão da ideia de organizar-se contra os aumentos desmedidos, de maneira que estas ideias percorressem os *conventillos* e os deixasse de sobreaviso quanto a uma possível revolta em caso de novos aumentos. O projeto também vingou muito em função da popularidade da ideologia anarquista no meio operário e do inquilinato, ocorrendo progressivamente a fundação de alguns comitês nas habitações populares na intenção de discutir o tema. De modo geral, existia o consenso entre os inquilinos de que o preço pago por eles por suas moradias era abusivo, e que os reajustes cada vez mais encurralavam suas rendas ao ponto de não conseguirem mais arcar com os custos básicos de sobrevivência.

Os aumentos foram persistindo e alimentando o descontentamento dos inquilinos, até o ponto que em meados do ano de 1907 a prefeitura aprovou uma elevação nos impostos a ser colocada em vigor a partir do ano seguinte. No entanto, os proprietários dos *conventillos*, aproveitando-se da situação, reajustaram imediatamente o valor das habitações, elevando o preço dos aluguéis em 30%. Este reajuste tornou-se prontamente alvo de críticas por parte de toda a camada social que vivia no inquilinato,

também por parte da imprensa operária e de esquerda. Após tantos anos sofrendo com os aumentos arbitrários dessa vez os moradores não ficariam resignados, e tendo já certa noção da força que poderiam alcançar diante de uma organização prévia se articularam contra o reajuste, e, conseqüentemente, contra toda a situação habitacional precária em que viviam. Meses depois, uma das três principais reivindicações da Greve de Inquilinos seria justamente a revogação deste aumento, e o retorno do valor dos aluguéis ao estabelecido anteriormente.

Tabela 2. Preços médios dos aluguéis entre 1904 e 1912. (Fonte: Jorge Paez, 1970)

Parroquias	Años	
	1904	1912
San Cristóbal	\$13	\$26 a \$30
San Telmo	\$15	\$28 a \$32
Catedral Sur	\$18	\$40
Socorro	\$16	\$30 a \$35

Outro ponto importante dessa análise se faz em relação ao salário e à dinâmica de projeção do poder de compra dos trabalhadores, que sofreu uma sistemática diminuição na primeira década do século XX. O aumento dos salários dos trabalhadores portenhos não acompanhou o ritmo do encarecimento da moradia e do custo de vida em geral. Com isso, conforme os anos corriam os trabalhadores contavam cada vez com menos recursos para suas necessidades básicas de sobrevivência. A amplitude espetacular do movimento de trabalhadores, a recorrências de greves, e a mobilização nunca antes vista no país são também conseqüências dessa realidade.

Além da questão da especulação no valor dos aluguéis é importante pontuar a situação de constante vigilância na qual tinham que se submeter os inquilinos. Isso ocorria porque a condição para alugarem os quartos era concordar com os regulamentos estabelecidos pelo proprietário, não importando o fato que estes serem totalmente cerceadores e abusivos como demonstra o exemplo de regulamento publicado pelo jornal *La Protesta* em agosto de 1905 (SURIANO, 1983. P.48-49).

Um exemplo é fornecido pelo documento encontrado na bibliografia:

Reglamento de los conventillos

- 1° El alquiler se paga puntualmente el día de su vencimiento.
- 2° Todo inquilino tiene que tener un depósito con fianza de la habitación que ocupa.
- 3° Son prohibidos los gritos, los bailes o ruidos, que puedan molestar los vecinos como todo acto que altere el orden y la moral.
- 4° El orden y la moral son exigidos estrictamente a todos los inquilinos.
- 5° No son admitidos ninguna clase de animales de los que indica la ordenanza municipal ni los que molesten o ensucien las paredes y pavimentaciones; de lo contrario la multa será abonada por el inquilino.
- 6° El dueño de la casa se reserva el derecho de inspeccionar las habitaciones para ver si se encuentran en el estado de limpieza que la higiene requiere.
- 7° Los deterioros que se hicieran intencionalmente o por descuido, como roturas de vidrios o pérdida de llave, serán abonados por el inquilino.
- 8° Es prohibido el avado para afuera como igualmente dejar canillas, derramar agua o cualquier otra moleste a la salud y la limpieza.
- 9° Los inquilinos tienen el deber de tener limpio el frente de sus habitaciones.
- 10° No es permitido pararse en la puerta de calle, la que deberá siempre estar libre al tránsito.
- 11° Es rigurosamente prohibido tener braseros con fuego dentro de las piezas por ser perjudicial a la salud y por el aseo y la limpieza.
- 12° Ningún inquilino podrá admitir que viva en su pieza otra persona sin que haya sido presentada al encargado; de lo contrario se considerará como intruso.
- 13° Después de cerrada la puerta de cale ningún inquilino tiene derecho a golpear; por lo tanto, el que necesita llave puede solicitarla mediante el depósito de un peso, que se le devolverá cuando sea entregada.

(La Protesta, 26 de Agosto de 1905. Citado por SURIANO (1983), e Hobart Spalding)

No caso em questão, o regulamento está dividido em trezes artigos dos quais os dois primeiros tratam a questão dos pagamentos de aluguéis, e os demais tratam das regras de convivência e dos poderes de intervenção do proprietário. Além de obviamente não serem aceitos atrasos de nenhum tipo na data do pagamento, era exigido como condição ao locatário um depósito antecipado a servir como fiança para garantia do não prejuízo do dono do imóvel. Certamente no caso de famílias recém-chegadas ou em situação irregular de trabalho era muito difícil reunir dinheiro suficiente para fazer um pagamento adiantado como forma de garantia, fato que dificultava ainda mais a possibilidade de moradia regular. A consequência disso é que para conseguir onde morar as famílias mais pobres tinham de recorrer a maneiras mais arriscadas e inseguras, como tomar empréstimos informais, que depois provavelmente não poderiam pagar, ou buscar uma habitação que usasse regras diferentes de pagamento. Essa situação empurrava ainda mais esses grupos para a marginalidade.

Alguns pontos chamam a atenção, como por exemplo, o fato de cinco outros artigos tratarem da questão da limpeza, e impondo a condição de higienização constante. No entanto, torna-se um pouco problemático o tema quando lembramos que a maioria das habitações populares não possuía sistema eficiente de água encanada, nem sistema sanitário. O medo das doenças e epidemias teve como consequência um profundo receio em relação à higiene nos espaços públicos. Dessa situação nasceu uma cobrança, por vezes desmedida, em relação à higiene pública. Isso por exigir, ao mesmo tempo, das moradias populares o mesmo rigor com a limpeza que se encontrava nas residências da classes média e alta, deixando de lado o fato de que nas moradias populares não existiam as mesmas condições sanitárias. Dentre os demais artigos chama atenção o sexto, no qual o dono da casa se reserva no direito de inspecionar as habitações a qualquer momento, invadindo a privacidade dos que ali estavam para verificação de possíveis irregularidades.

1.3 A greve se aprofunda

O ano de 1907 foi marcado por turbulências que mobilizaram inúmeros setores da sociedade portenha. Desde os operários, passando pelos condutores de bonde, sapateiros, pela classe política e pelos grandes proprietários de terras, todos naquele momento estavam envolvidos em disputas decisivas para seus interesses. Os acontecimentos dos anos anteriores, as greves, as manifestações, a oposição crescente à dominação oligárquica haviam propiciado um clima de confronto permanente no ar, deixando o nível de tensão em seu patamar mais alto. Mesmo após uma radicalização dos embates que se acirravam desde o início da década, os movimentos de contestação, principalmente o operário, se mostravam mais fortes do que nunca e a qualquer sinal de clara injustiça trabalhista ou social podiam imediatamente se mobilizar para uma greve, como forma de confrontação frente ao governo oligárquico e as elites locais.

No meio desses acontecimentos estavam os inquilinos, vindos de anos de precarização habitacional que só fazia aumentar, e que até aquela data não havia reunido forças para um enfrentamento aberto diante do poder público e dos proprietários. Para entender a demora até ocorrer uma movimentação que reivindicasse uma melhoria nas condições de habitação podemos sustentar algumas hipóteses, sendo a primeira delas o fato de os *conventillos* serem habitados por um grupo muito heterogêneo, o que

dificultou a formação de uma coletividade. Geralmente numa mesma vivenda poderia se encontrar famílias operárias, de pequenos comerciantes, alfaiates, pedreiros ou outras profissões sem especializações. Também eram encontradas diversas nacionalidades, não raro havia italianos e espanhóis, turcos, além de argentinos, logicamente. Esta profunda heterogeneidade fazia com que fosse mais longo o processo de construção de uma identidade comum, sendo que os grupos que estavam ali demoraram certo tempo para se perceberem como tal, lutando, assim, por um futuro em comum. Até mesmo a noção de classe enfrentava dificuldades, pois, apesar da maioria se considerar proletário, ou *obrero*, a verdade é que exerciam diversas profissões diferentes. Daí vem a segunda hipótese, esta mais óbvia, de que os principais elementos aglutinadores de uma mobilização foram o Anarquismo, que logo também surgiria como Anarco-Sindicalismo na medida em que os sindicatos vão se formando, e a própria marginalidade política, construída em função da situação de exclusão e “invisibilidade” social desses indivíduos.

Nesse clima de confrontação e crispação, quem atraía em maior medida os trabalhadores insatisfeitos, eram os anarquistas, com sua tendência à rebelião permanente, e não os socialistas, que propunham o melhoramento da condição operária através de uma sólida legislação trabalhista – empresa certamente impossível num sistema político como o que imperava no começo do século. O movimento libertário, cuja marca dominante era a ação, e não a reflexão, converteu-se em um ingrediente principal da cultura do conflito e ocupou aquelas zonas de que estavam ausentes o Estado e outras instituições. Enquanto perduraram estes fatores, aos quais devemos somar o fechamento político, as propostas libertárias se mantiveram vigentes e relativamente atraentes para os trabalhadores. (SURIANO, 2009, p.158)

Levando em consideração a calamitosa situação dos *conventillos* ao longo das últimas décadas, mais a grande difusão de manifestação e greves ocorridas ao longo da década, uma grande revolta envolvendo a questão habitacional estava em condições de acontecer a qualquer momento, necessitando de apenas alguns fatores a mais para desencadear sua explosão. Não nos enganemos, porém, ao pensar que condições como precariedade e injustiça social acabam sempre em grandes mobilizações, pois quando se tratam de questões tão óbvias como a moradia as mazelas sociais tendem a se ver face ao impedimento de acesso aos canais básicos de representação e organização política, prejudicando a capacidade de organização e mesmo dificultando o conhecimento da real situação enfrentada. Nesse ponto é que se sobressai a singularidade profunda que marcou a Greve de Inquilinos de 1907 em todos os seus aspectos. Pois, não haviam

sindicatos, partidos ou mesmo jornais que representassem diretamente a causa desses indivíduos, e estes tiveram contra si todas as forças do Estado e da Sociedade.

Antes ou depois do movimento dos inquilinos certamente houve manifestações semelhantes envolvendo a luta por moradia e pelo espaço urbano que podem ser encontrados facilmente na historiografia e também nos periódicos. No entanto, o ocorrido em Buenos Aires naquele ano se destaca de forma imediata por sua amplitude, tendo durado cerca de três meses, pela sua força, que mobilizou centenas de milhares de pessoas, pela sua organização prévia, sem a qual a greve não haveria ocorrido, e também pelo seu legado, como exemplo histórico de luta por habitação. Poucos eventos desse tipo, que não chegaram a ser vitoriosos, que não tiveram uma liderança carismática de grande evidência, nem que possuíam influência dentro da política partidária, conseguiram permanecer sendo lembrados como exemplo de luta e resistência como no caso aqui estudado muitas vezes como retrato de uma época na qual a Argentina esboçava o país que viria a ser no século XX.

O jornal *Clarín* lembrou, em duas datas marcantes, o acontecimento histórico para a cidade. Primeiro em comemoração aos noventa anos do acontecido, recorrendo primeiro pelo pátio do *conventillo* conhecido como “*Los Cuatro Diques*” que naquele ano iniciou a greve, e também lembrando a participação das mulheres, a influência do Anarquismo e os violentos confrontos com a polícia. Depois, no ano de 2007, o jornal lembrou os 100 anos do episódio num artigo que descreve o aparecimento dos primeiros *conventillos*, a Epidemia de Febre Amarela de 1871, a situação de falta de higiene e superlotação descrita nos trabalhos dos médicos sanitaristas, cita a amplitude da greve em 1907, e ressalta que o movimento serviu como exemplo para manifestações semelhantes em capitais do “primeiro mundo”.

Além desses artigos importantes escritos pelo *Clarín*, o jornal *El Tiempo* também escreveu sobre a Greve dos Inquilinos, desta vez no ano de 2014 recordando a greve por uma característica em especial. Em função 62º aniversário da morte de Evita Perón, o jornal buscou na história do país um acontecimento no qual as mulheres tiveram papel de protagonismo. O artigo destacava a atuação das mulheres como militantes sociais na organização e ao longo da greve, no confronto para impedir os desalojamentos. Citava também a importância de organizações e jornais feministas

como o *Centro Anarquista Feminista* e o periódico *La Voz de La Mujer*, destacando os nomes de Virgínia Bolten e Juana Rouco Buela¹⁹.

Mesmo sabendo que a greve, com conotações de revolta, foi resultado de um longo processo de precarização habitacional, fruto de um projeto modernizador excludente, como já mencionado, o fato apontado recorrentemente como o estopim para a explosão de descontentamento foram os seguidos e abusivos aumentos no valor dos aluguéis, mais precisamente o reajuste de 30% aprovado naquele ano. Este reajuste já era esperado pelos moradores dos *conventillos*, que organizaram um movimento de resistência que contava com a provável adesão das outras centenas de milhares de pessoas que habitavam este tipo de vivenda.

Estima-se que no ano de 1907 existissem em Buenos Aires aproximadamente 2500 *conventillos*²⁰, dos quais a grande maioria se localizava na região centro-sul, concentrando um número de habitantes próximo à 150.000 pessoas, cerca de 14% da população de Buenos Aires. No dia 13 de Setembro, o *conventillo* denominado *Los Cuatro Diques*²¹, localizado entre os números 279 e 325 da *Calle Ituzaingó*, em Barracas, foi escolhido para iniciar a greve, sendo o primeiro de tantos outros a manifestar a recusa no pagamento dos aluguéis. Viviam naquela localidade cerca de 130 famílias, que estabeleceram o local como secretaria central e declararam o movimento como baseado na reivindicação de cinco condições básicas a serem concedidas junto aos proprietários e poder público:

1ª - *Rebaja del treinta por ciento sobre los alquileres actuales*

2ª - *Higienización de las piezas;*

3ª - *Abolición de los pagos adelantados;*

4ª - *Abolición de las garantías;*

¹⁹ Artigos disponíveis em <http://edant.clarin.com/diario/1997/10/02/suplementos/i-01601h.htm> (acessado em 16/04/2016), <http://edant.clarin.com/suplementos/zona/2007/07/29/z-04001.htm> (acessado em 16/04/2015), e <http://tiempo.infonews.com/nota/5299/conventilloslahuelgadeinquilinosen1907> (acessado em 16/04/2016).

²⁰ Enquanto Guillermo Rawson aponta a existência de 2500 *conventillos*, com uma população aproximada de 150.000 pessoas em 1907 (citado por RAMOS, 1999. P.7), Juan Suriano afirma a existência de 2462 unidades no ano de 1904, o que resultaria numa população de 138.188 pessoas, ou 14,5% dos habitantes de Buenos Aires (SURIANO, 1983. P.9).

²¹ Alguns *conventillos* ganhavam nomes devido ao grande número de habitantes que possuíam, ou alguma característica em particular. Este foi o caso de *Los Cuatro Diques*, *La Paloma*, *Campos Salles*, *La Cueva Negra*, *Las Catorce Provincias*, etc.

5ª – *No desalojar a ningún inquilino por haber tomado parte del movimiento;*
(*El Tiempo*, 3 de Outubro de 1907, p.1, Apud Suriano, 1983)

As condições tocavam exatamente nos pontos fundamentais que ocasionavam tamanha dificuldade de vida naquelas habitações e conseqüentemente também a precarização, a falta de higiene, a superlotação e demais problemas. O primeiro ponto exigia a revogação do aumento gritante no preço dos aluguéis, o segundo a limpeza das moradias por parte dos proprietários, o terceiro e o quarto pontos se referem ao costume dos proprietários de impor como condição ao aluguel o pagamento adiantado de uma ou mais mensalidades além de exigir garantias de pagamento. O quinto ponto funcionava como uma garantia de não-retaliação aos participantes do movimento, exigência comum em paralisações e greves.

O Comitê Central da greve também divulgou o conteúdo de uma carta aberta dirigida aos proprietários, poder público e demais *conventillos* explicando as razões do movimento. A carta alegava a impossibilidade de se viver sob aquelas condições de exploração e demonstra força citando os vários *conventillos* que desde aquele momento já haviam aderido à greve. Também se auto-declarava secretaria do movimento e convocava os demais *conventillos* da cidade para, então, passarem a enviar delegados para atuar como representantes e discutirem os próximos passos da mobilização.

AL PUEBLO

Huelga general de inquilinos

Obreros

La imposibilidad de vivir, dado el alto precio que propietarios e intermediários especuladores cobran por incómodas viviendas, nos impusa a no pagar alquiler mientras no Sean rebajados los precios em um 30%.

Los propietarios sin miramientos de ninguna especie escarnecen a los pobres agobiados por La explotación capitalista y las gabelas del Estado.

El movimiento contra la imposibilidad de vivir trabajando es un hecho y falta para su éxito que lo secunden todos los inquilinos de esta ciudad.

La huelga se ha iniciado en los conventillos de La calle Ituzaingó 279, 325 y 255 y ha repercutido entre otras en las siguientes casas: La Cueva Negra, sita en Bolívar entre Cochabamba y Garay; Las Catorce Provincias, Piedras entre Cochabamba y San Juan; Campos Salles, Industria entre

Patricios y Azara, y otros cuyos nombres aún no sabemos pero que están ubicados en Humberto 1° entre Pasco y Pichincha.

La secretaria funciona en La calle Ituzaingó 279, donde pueden mandar delegados los inquilinos de los innumerables conventillos de esta capital.

Nuestra divisa contra la avaria de los propietarios debe ser: No pagar el alquiler. (La Protesta, 13 de septiembre de 1907, p.1)

A carta e o início da greve repercutiram muito entre os jornais operários. Já entre os jornais mais tradicionais, o início do movimento foi noticiado como um conflito entre proprietários e inquilinos. No diário *La Nación* uma pequena nota intitulada “*Proprietários e Inquilinos*” abordava o conflito explicando brevemente as razões dos moradores para organizar a manifestação e também citava o total desagrado do proprietário do *conventillo Los Cuatro Diques*, de nome Pedro Holterhoff, que prometia entrar na justiça para expulsar todos os inadimplentes. Um dia antes, 15 de setembro, um artigo maior e mais detalhado, denominado “*La agitación de los inquilinos*” havia sido publicado no jornal socialista *La Vanguardia*, o qual trata desde o início a greve como um movimento de grandes proporções, que segundo o jornal, ocorria em prol de uma reivindicação antiga de melhores condições de habitações para as camadas mais pobres, e chamava de escárnio a situação precária dos moradores dos *conventillos* que tanto contrastava com as grandes avenidas e palácios existentes na outra Buenos Aires, a da elite.

Rapidamente muitos inquilinos aderiram à greve, recusando o pagamento dos aluguéis enquanto estes não fossem rebaixados e exigiam melhorias nas instalações de suas habitações. O que foi visto por muitos proprietários como um movimento isolado e passageiro logo se transformou num movimento massivo, que traçando uma estratégia eficiente logrou ganhar força e chamar a atenção num curto espaço de tempo. Em diferentes relatos se afirmam que o número de participantes do movimento chegou a quantidades gigantescas. Porém, alguns fatores implicam em incerteza para se chegar num número exato de inquilinos que aderiram à greve. O principal deles é porque o número de *conventillos* e de inquilinos participantes poderia variar de semana para semana, isso porque as negociações e os despejos, ocorrendo em grande frequência, influenciavam na quantidade de envolvidos, podendo um *conventillo* estar em greve no mês de setembro e não mais no mês de novembro, ou vice versa. Por isso, o número

identificado pelas fontes variava muito. Mesmo com essa incerteza as fontes apontam que em seu ápice a greve reuniu entre 100 mil e 150 mil pessoas, número que se aproxima da população total dos *conventillos* e também dos 15% da população total da cidade. O movimento extrapolou os limites de Buenos Aires, e segundo jornais anarquistas do período, chegou a cidades distantes como Rosário, onde no dia 7 de Outubro passava de 30 o número de *conventillos* em greve (SURIANO, 1983. P.59).

Prontamente a entidade de representação dos proprietários, a *Sociedade Corporación de Proprietários y Arrendatarios de la Capital*, declarou comunicados afirmando que a greve nos *conventillos* prejudicava profundamente os interesses dos proprietários, e que por isso não faria, de modo nenhum, concessões acerca do valor dos aluguéis. Em poucos dias, se iniciaram as tentativas de despejo dos grevistas inadimplentes, e, em contrapartida, se iniciaram também as estratégias resistência por parte dos inquilinos diante dos agentes de despejo e da polícia. A esse respeito é importante ressaltarmos o papel decisivo exercido pelas mulheres ao longo de toda a mobilização, e principalmente nos momentos de resistência frente às tentativas de despejo. Desde a participação do *Centro Anarquista Feminino* nas reuniões e divulgação da greve, até as técnicas para expulsão dos policiais e agentes de despejo, como a fervura de água quente para ser jogada contra os invasores, a organização feminina teve papel central. Estavam presentes tanto nas decisões políticas que envolviam o movimento, como também nas trincheiras de enfrentamento contra as ações de despejo. Ao longo desse processo, não foram poucas as vezes que os homens estavam em horário de trabalho, e ficava a cargo das mulheres e das crianças a defesa de suas casas. Confrontos e manifestações foram marcadas por essa particularidade, como, por exemplo, a “*Manifestación de las Escobas*”²² (ver figura 5).

Apesar de se seguirem semanas de despejos e resistência por parte dos inquilinos, inicialmente os embates corriam pacificamente, isso também porque ainda os despejos e pagamentos eram tratados na base do diálogo e da negociação. Cada *conventillo*, mesmo aderindo a uma unidade com pautas de reivindicação estabelecidas conjuntamente, se via numa situação particular em virtude de depender das negociações com seu proprietário. Por isso, em alguns casos a resposta do proprietário era a ordenança de despejo e o clima de confrontação imediato, já em outros casos o proprietário podia ceder, concedendo a redução no valor dos aluguéis com a exigência

²² Manifestação iniciada após mulheres utilizarem as vassouras como principal arma contra os policiais e agentes de despejo.

também de que deixassem a greve. Porém, a partir de determinado momento o grau de confrontação se elevou, ocasionando também o aumento da repressão policial que era encarregada de assegurar os desalojamentos. A partir daí as manifestações e os confrontos tornaram-se mais violentos, a ponto de acontecerem inúmeros conflitos.

O momento geralmente apontado como referência para marcar quando a mobilização passou a um estágio mais violento foi o dia 22 de Outubro, quando em meio a uma tentativa de despejo teve início um confronto entre inquilinos e policiais, no qual uma grande truculência da parte policial ocasionou o saldo de três manifestantes feridos e uma morte.

O inquilino morto se chamava Miguel Pepe, apontado como operário. Tratava-se, no entanto, de um jovem trabalhador com idade entre 15 e 18 anos, lembrando que, nessa época, era considerado normal o trabalho de crianças em adolescentes na capital portenha²³. O nome de Miguel Pepe passou, a partir daí, a ser citado repetidamente transformando-se numa espécie de mártir da mobilização por melhores condições de moradia. A tragédia inflamou os inquilinos e demais manifestantes que imediatamente se rebelaram ainda mais radicalmente contra a ação policial.

Nos dias seguintes, a repercussão nos jornais foi enorme, o que acabou possibilitando a verificação de uma clara polarização da mídia e da opinião pública. O jornal *La Vanguardia* dedicou sua capa ao ocorrido e descrevia-o em letras garrafais num artigo intitulado “EL SELVAJE CRIMEN POLICIAL DE AYER”. Enquanto isso o jornal *La Nación* chamou o trágico ocorrido de “*Incidente de ayer*”, acusando a polícia de despreparo ao deixar a situação chegar até aquele ponto quando poderia ter sido contida muito antes.

O funeral de Miguel Pepe se converteu numa grande manifestação popular, na qual seu corpo foi carregado num cortejo fúnebre ao longo de várias ruas da cidade sendo seguido por um número de mais de 2500 pessoas (*El Tiempo*, 24 de Outubro de 1907. Apud SURIANO, 1983). Este evento acabou marcando também o momento em que a repressão política ao movimento grevista se elevou drasticamente, desalojando e expulsando violentamente inquilinos, além de também impedir a ocorrência de grandes manifestações. A radicalização da repressão policial mostra também que a esta altura a

²³ A erradicação do trabalho de crianças e adolescentes foi pauta dos movimentos operários e de esquerda desde antes do século XX, no entanto a Argentina desse período possuía ainda grande número de trabalhadores menores de idades. Para mais informações, consultar a obra SURIANO, Juan. "Niños trabajadores. Una aproximación al trabajo infantil en la industria porteña de comienzo de siglo". En ARMUS, D. (comp.) Mundo Urbano y Cultura Popular, Estudios de Historia Social Argentina. Ed. Sudamericana. Buenos Aires, 1990.

Greve de Inquilinos extrapolava as barreiras de um movimento pelo reajuste dos aluguéis, passando a ameaçar também a noção de propriedade privada, e tornando-se, além de cada vez mais perigosa para as elites, uma manifestação de difícil controle.

Com este endurecimento policial repressivo a greve mesmo progressivamente tendo se enfraquecido se arrastou até meados do mês de dezembro, quando, já muito prejudicada pela prisão e perseguição de seus principais delegados foi considerada definitivamente encerrada. Entre o final de 1907 e início de 1908 muitos dos principais líderes do movimento foram passaram a ser expulsos do país pela *Ley de Residencia*, o que resultou num grande abalo das forças anarquistas engajadas na luta dos inquilinos e também no movimento operário. O ano de 1907 terminava deixando seu legado às próximas gerações que veriam nos *conventillos* o berço de um passado de lutas e que ajudou a constituir uma gênese da Buenos Aires de hoje. O movimento grevista organizado pelos moradores dos *conventillos* chegava ao fim, mas a luta pelo espaço urbano e pela moradia das classes populares via apenas o encerramento de mais um capítulo de uma batalha que segue viva na Argentina e em toda América Latina.

1.4 Entre o Movimento e a Revolta Social

Ao analisar a biografia acerca do ocorrido entre os meses de setembro e dezembro de 1907 podemos identificar diferentes visões tentando definir aqueles acontecimentos. Muitos podem caracterizar os episódios como um movimento social que tinha lugar nos *conventillos*, onde junto com a grande influência do Anarquismo se montou uma organização composta por assembleias e divulgação de propaganda contra o abuso dos aluguéis, e conclamando os inquilinos a resistirem contra o que lhes prejudicava²⁴. Por outro lado, também se pode argumentar que o ocorrido em 1907 extrapola os parâmetros de um movimento social, chegando ao ponto de se constituir quase como uma revolta popular, haja vista os confrontos e embates entre polícia e manifestantes, assim também como a grande repercussão da contestação organizada pelos *conventillos*. O fato é que a *Huelga de Inquilinos* carrega características das duas categorizações. Tanto possuía aspectos de movimento social, como também era marcada fortemente por se inserir e ganhar espaço em alguns momentos com conotações de revolta social.

²⁴ SURIANO (2005) “Auge y caída del Anarquismo”. Suriano relata aqui a importância e influência exercida pelo Movimento Anarquista em lutas sociais diversas, como a própria mobilização dos inquilinos em 1907.

Levantamos esta questão para lembrar que em todas as manifestações de cunho sócio-político é possível que se tentem realizar equiparações com caracterizações já estabelecidas, porém nem sempre o resultado confirma a suspeita, e por isso se faz necessário o estudo daqueles eventos até então pouco trabalhados pelas ciências humanas ou pela historiografia ou que apresentam características um tanto particulares. Antes, entretanto, é interessante tentarmos analisar a forma pela qual a sociedade e as ciências humanas enxergavam esses tipos de mobilizações, e sob quais definições às subordinavam.

No período em que ocorreram todos esses acontecimentos em Buenos Aires, a análise a respeito dos movimentos sociais ainda estava numa fase de desenvolvimento inicial. A própria Escola de Chicago²⁵, citada como precursora das primeiras análises a respeito do tema no início do século XX, apenas começava a se desenvolver. Além dos pesquisadores da Escola de Chicago existiam mais alguns estudiosos, chamados interacionistas²⁶, que baseavam seus estudos nas relações entre indivíduo e meio, pelo qual o ser humano desenvolve seu conhecimento a partir do aprendizado proporcionado pelos erros, construído pelo contato e repetição das ações. Naquela época os grupos sociais que se organizavam na tentativa de influenciar na política e na sociedade eram vistos como atores irracionais resultantes de anomalias surgidas em função do advento da sociedade industrial. Apenas faziam parte daqueles grupos os indivíduos não adaptados à nova realidade, que marcados pela irracionalidade proveniente da não-integração partiam para ações explosivas.

Os autores clássicos analisavam os movimentos em termos de ciclos evolutivos em que seu surgimento, crescimento e propagação ocorriam por intermédio de um processo de comunicação que abrangia contatos, rumores, reações circulares, difusão das ideias. (...)

A adesão aos movimentos sociais seriam propostas cegas e irracionais de indivíduos desorientados pelo processo de mudança que a sociedade industrial gerava. (GOHN, 1997. P. 24)

Como expoentes da irracionalidade, aos movimentos sociais não era dada a importância a qual eles necessitavam. Partia-se da premissa de que o sistema político vigente era democrático e inclusivo o suficiente para que todos fossem representados, não

²⁵ Grupo de pesquisadores vinculados à Universidade de Chicago, e que na década de 1920 desenvolveram aquelas que foram consideradas como as primeiras teorias sobre Movimentos Sociais. Dentre os participantes estavam Robert E. Park e William Isaac Thomas.

²⁶ Segundo Gohn (1997, p.26), nomes como Everett C. Hughes (1958), Herbert Blumer (1939), Erving Goffman (1959), Kurt Lang (1961) e Ralph Turner (1969).

necessitando, assim, de manifestações de contestação tão “animalescas” como aquelas. Exatamente pelo fato de serem, em sua essência, espontâneos e explosivos, os movimentos sociais não eram tratados como sérios, não podendo, conseqüentemente, ter capacidade de influenciar e agir na política diretamente. Interessante também é perceber a relação dessa argumentação acerca deste tipo de mobilização social com o conceito de marginalidade, que vai aparecer pela primeira vez nesse período. Na tentativa de analisar e conceituar tipos e grupos argumenta-se sobre a incapacidade de integração destes, proveniente de questões psico-culturais, e a razão para transformação em sujeitos propícios à marginalidade e ao crime. O tema da marginalidade será discutido mais profundamente adiante, em função da sua importância para a formulação da hipótese de uma Cultura Política Marginal inserida dos *conventillos*.

A Greve de Inquilinos se constituiu como expressão espontânea, mas, além disso, pode-se constatar um alto grau de organização sem a qual o movimento não teria sido possível. Sabe-se que em alguns momentos ao longo dos cerca de três meses em que durou a greve houve confrontos, grandes manifestações, e destruições, que devido a amplitude do movimento, que chegou a mais de 100 mil envolvidos, acabaram por se massificar conforme se aproximaram os momentos de maior tensão, e conforme foram se definindo o clímax e o desfecho daquele episódio.

No entanto, apesar de características que podem sugerir esta denominação chamar o que é estudado aqui de Revolta exige cautela. Muitas vezes a historiografia olhou para acontecimentos como estes chamando tais processos como revoltas, em virtude de serem constituídos por manifestações inflamadas, que de algum modo ameaçavam o poder constituído. Evidentemente se enxerga aqui o termo *Revolta* num sentido amplo, desde pequenos confrontos resultantes de explosões coletivas de inconformidade que vão aos poucos tomando proporções maiores, como o caso da Revolta da Vacina, no Rio de Janeiro em 1904, e também grandes insurreições que almejaram chegar ao poder. O fato é que em todos os casos o termo *Revolta* acaba por significar uma ação interna (localizada ou não) de contestação social que adquire maiores ou menores proporções dependendo da situação em questão. No evento aqui estudado não se constata uma tentativa de se chegar ao poder, mas sim uma tentativa de que o poder seja exercido de outra forma. Não só o poder público, mas também o poder dos proprietários, o poder econômico que estipula uma necessidade de exploração, e, principalmente, o próprio poder dos inquilinos e de todos aqueles marginalizados pela

sociedade em questão, que poderiam, muito bem, se enxergar como capazes de manifestar sua força em prol da melhoria das suas condições habitacionais.

Tendo em vista o modo irracional pela qual eram vistas este tipo de manifestações de contestação social, somado o caráter de quase rebelião popular presente no caso aqui estudado, o mais interessante é não caracterizarmos a ocorrido como Movimento Social, principalmente porque essa noção só surgiu anos depois. Porém, nesse caso tampouco devemos caracterizar como um tipo de Revolta Social, já que não era esta a finalidade proposta pelo movimento. Sendo assim, apesar das ciências humanas já enxergarem ações parecidas como provenientes de exemplos de Movimento Sociais, a definição da greve dos inquilinos permanece inexata. Através desta inexatidão se pode perceber sua relevância, pois trata-se de um episódio que mesmo possuindo gigantescas proporções vem sendo incompreendido desde de sua essência.

1.5 Cultura Política Marginal e as Teorias da Marginalidade

Quando da utilização de neologismos ou termos não consagrados pela historiografia, e que tenham papel central numa argumentação teórica, se faz necessário elucidar a sua origem e sua fundamentação, explicando como vieram à tona reconstruindo sua formação de sentido e semântica, para que se evite possíveis incompreensões. Torna-se, com isso, interessante demonstrar que a origem de determinado termo ou expressão remete a uma teorização anterior, da qual possuiu influência, conferindo assim, maior valor ao novo conceito. Assim, a denominação “cultura política marginal” para caracterizar o tipo de mobilização e comportamento sócio-político dos grupos oriundos dos *conventillos* é um desses casos. Por isso, é necessário que façamos uma pequena genealogia do termo “*marginal*” de forma que verifiquemos como foi sendo utilizado com o decorrer dos anos, para por fim adentrar às chamadas Teorias da Marginalidade latino-americanas, que nos ajudam a compreender as mais relevantes e recentes implicações desse tipo de denominação, como também a análise de sua validade para utilização no caso portenho.

No decorrer do século XX assistimos a vários tipos de aplicação de termos relativos à marginalidade, hora para caracterizar grupos ou comportamentos, e hora para apontar indivíduos de forma pejorativa. O fato é que de tão utilizado o termo marginal

acabou por passar por um processo de vulgarização semântica, perdendo parte de seu significado original em razão da aplicação corriqueira.

Segundo Kowarick (1981), o termo “marginal”, como conceito analítico, foi utilizado pela primeira vez na década de 1920, quando o sociólogo estadunidense Robert E. Park ao escrever um dos capítulos do livro *O Homem Marginal*²⁷, utilizou o conceito *homem marginal* para analisar o processo de integração de imigrantes italianos na sociedade norte-americana (DE ARO, 2016).

Porém, nos anos 60 surgiram na América Latina outras interpretações acerca da questão da marginalidade, desta vez com o intuito de interpretar o próprio contexto latino-americano em meio ao processo de desenvolvimento capitalista. Nesse tema destacamos principalmente três autores, o peruano Aníbal Quijano, o argentino José Nun, e o brasileiro Lucio Kowarick, que entre as décadas de 1960 e 1980 produziram uma série de obras que buscavam responder à temática das populações e grupos que se localizaram sempre à margem da sociedade.

De modo geral, existem duas principais linhas de interpretação dentro das chamadas Teorias da Marginalidade, sendo que ambas se localizam segundo pontos de vista opostos. A primeira e mais antiga das vertentes é denominada como *modelo funcionalista*²⁸, e possui forte relação com a denominada Teoria da Modernização, a qual impunha a convicção do progresso através dos processos de industrialização e urbanização das sociedades, quase como uma continuidade capitalista do pensamento evolucionista. O *modelo funcionalista* enxerga a marginalidade como mera falha nas práticas de interação social ocasionada por um descompasso psicológico do papel desempenhado pelo indivíduo diante da sociedade ou do meio em que está inserido. Esta perspectiva acaba por gerar uma polarização entre sujeitos “integrados” e “marginalizados”.

A segunda linha de interpretação possui ligação com a Teoria da Dependência²⁹, se denomina como *histórico-estrutural* e se fundamenta basicamente no pensamento

²⁷ STONEQUIST, Everett V. *O Homem Marginal*. São Paulo, Editora Martins, 1948.

²⁸ Como no caso dos próprios Everett V. Stonequist, Robert E. Park, e da Escola de Chicago.

²⁹ Enquanto a *Teoria da Modernização* destacava a necessidade de industrialização para o rápido desenvolvimento do subcontinente, e tinha na CEPAL sua maior expressão, a *Teoria da Dependência* destacava os riscos do modelo capitalista para o desenvolvimento da região, opondo-se aos posicionamentos cepalinos e tendo como alguns de seus principais expoentes exilados políticos como André Gunder Frank, Vânia Bambirra, Theotônio dos Santos e Ruy Mauro Marini. (Apud DE ARO, 2016, pag. 3)

marxista o qual interpreta a relação entre o desenvolvimento capitalista e o processo histórico como estruturantes das condições sociais que, por sua vez, ocasionam o contexto de marginalidade. Tudo isso devido ao fato das contradições serem inerentes ao sistema capitalista e ao processo histórico (KOWARICK, 1981, p. 17). Muito daquilo que é presente nesta interpretação do modelo *histórico-estrutural* é proveniente da obra de Karl Marx, mais precisamente dos *Grundrisse* e da *Lei Geral da Acumulação Capitalista*, presente no capítulo XXIII de *O Capital*. Nessas duas obras, Marx elabora uma argumentação sobre a necessidade de o desenvolvimento capitalista produzir um excedente populacional para a manutenção do próprio sistema, de modo que este grupo ocioso terá papel decisivo dentro da dinâmica do mercado de trabalho e do controle dos salários. Marx deu para estes grupos os nomes de *Superpopulação Relativa* e *Exército Industrial de Reserva*, os quais inseridos dentro da lógica capitalista seriam contingentes populacionais que dificilmente conseguiriam se inserir no mercado de trabalho devido à alta concorrência de mão-de-obra barata disponível, restando a estes se localizarem a margem do sistema e do mercado à espera de uma oportunidade que dificilmente chegará. Isso porque a própria base de fundamentação do sistema capitalista prevê a necessidade de uma população ociosa como essencial para a reprodução da lógica do Capital, devido ao fato de que um contingente excedente sedento por uma chance de trabalho torna-se a barganha do lucro e da mais valia, os quais fundamentam volatilidade do Capital (MARX, 1985, Livro III, p.733-734).

Esta argumentação marxista elabora uma coerente explicação para o surgimento de indivíduos e grupos que não logram a inserção social devido a sua situação de constante desemprego, ou emprego ocioso sensivelmente sujeito à demissão. No entanto, ela foi considerada insuficiente pelos teóricos latino-americanos, que transformaram esses conceitos numa tentativa de ampliar seus alcances. Lucio Kowarick, por exemplo, ressalta que também são pertencentes à marginalidade aqueles indivíduos em atividades de remuneração irregular, os quais dependem constantemente de uma boa conjuntura para alcançarem uma renda básica.

Será necessário analisar certas categorias que não conseguem vender no mercado sua força de trabalho, estabelecendo-se por conta própria no setor terciário da economia. Por outro lado, deve-se ter em conta também o fenômeno que é consequência da dinâmica de retração-expansão do sistema econômico, bem como sua capacidade de absorção de mão-de-obra. Neste plano, trata-se do trabalhador intermitente que, por razões conjunturais e estruturais não consegue vender de forma regular a sua força de trabalho. Além destas duas

categorias, há também os trabalhadores que se inserem em setores produtivos estagnados ou decadentes onde impera um baixo índice de capitalização, cujo exemplo típico é a produção artesanal e a indústria a domicílio. (KOWARICK, 1981, p. 20)

A definição de Kowarick modifica a amplitude do termo para proporções muito maiores daquilo que se constatava no marxismo clássico como marginal, isso devido ao fato de que se tratando de América Latina a situação de trabalho de risco permeia praticamente todos os países em virtude de seu desenvolvimento complexo e desigual.

Como bem lembrado por Aníbal Quijano (2014), o processo de surgimento de uma Superpopulação Relativa está diretamente vinculado ao processo de urbanização da região no período do pós-guerra, quando o êxodo rural culminou na precarização das atividades realizadas por aqueles que chegavam do campo, que, atraídos também pela industrialização, acreditavam no projeto de modernização das economias locais. O fato é que a industrialização nos países do sul global, como é o caso da América Latina, não possui as mesmas características dos países do capitalismo central. Em nossa região a chegada da indústria foi lenta e em proporções diferentes da Europa ou dos EUA, pois, vindas da expansão do capital exterior, as multinacionais instalaram-se em países como Brasil, Argentina e México, à procura da ampliação de seus mercados e atraídos pela possibilidade de mão-de-obra mais barata que pudesse representar um aumento nos lucros.

Mesmo passando por um grande crescimento entre os anos de 1890 e 1910, a indústria na Argentina se desenvolveu como complemento à atividade agropecuária, basta ver que estes primeiros postos industriais estão relacionados ou aos frigoríficos, visando o congelamento da carne para exportação, ou para a construção de ferrovias e estaleiros, essenciais para o escoamento da produção de cereais. Sendo que estas atividades estiveram sempre ligadas ao capital inglês.

Assim como no caso argentino a indústria aos poucos ganhou espaço nas economias da região, chegando, nos casos de alguns países, a tornar-se a principal atividade comercial. Entretanto, jamais chegou a tornar-se unânime³⁰, e por isso a população latino-americana jamais foi majoritariamente operária. A argumentação de José Nun mostra que a ampliação dos conceitos marxistas advém de uma constatação

³⁰ Dados provenientes do Banco Mundial (2012) mostram que mesmo nos dias atuais nenhum país Sul-Americano mantinha na indústria mais do que 40% de seu Produto Interno Bruto. Nos casos do Brasil e Argentina esse número não chega nem a 30%. Dados disponíveis em <http://rgellery.blogspot.com.br/2014/05/a-industria-e-comparacao-do-brasil-com.html> (acessado em 01/05/2016).

justamente de que grande parte do excedente populacional latino-americano não possa se constituir como Exército Industrial de Reserva, na medida em que esta população sobra a esta altura já englobou várias outras características para além do processo de industrialização.

A argumentação de Nun se apóia em duas preliminares. Em primeiro lugar, a distinção que faz entre exército industrial de reserva e massa marginal baseia-se numa leitura de *O Capital*, principalmente do capítulo XXIII, cuja interpretação é revista a partir de outro texto de Marx, o *Grundrisse*. A outra premissa teórica que o autor incorpora refere-se à distinção entre “gênese estrutural” e “efeitos”. Trata-se de separar analiticamente as estruturas que originam uma população excedente dos resultados que este excesso acarreta numa formação social concreta. A origem continua sendo o modo de produção que gera uma parcela populacional “supérflua” ao capital. Contudo, nem toda a população excedente – e aí reside o ponto básico – têm na sua fase atual do capitalismo latino-americano as “funções” de exército industrial de reserva. (KOWARICK, 1981. Pag. 109-110)

A situação de subdesenvolvimento afetou diretamente às camadas mais pobres da população, que estava sempre ameaçada pelo desemprego e por marginalidade. A particularidade do processo de desenvolvimento e industrialização dos países latino-americanos implica uma análise diferenciada no que vise compreender a formação e reprodução dos conglomerados de reserva (DE ARO, 2016). A partir da constatação dessa necessidade passaram a surgir conceitos como “massa marginal”, “bairros marginais”, “pólos marginais”, ou “setor marginal”. A ideia de “setor marginal” se constrói também em contraponto ao “setor integrado”, numa relação em que o primeiro define-se pelos grupos que não conseguem se inserir devido à dificuldade de conseguir trabalho, e o segundo refere-se aqueles grupos conseguiram se inserir e usufruem desse feito de modo ainda mais desigual, devido à flagrante desigualdade presente nos países latino-americanos em comparação com os primeiros países a se industrializarem (QUIJANO, 2014, P. 140-142).

A causa prática da marginalidade na vida dos indivíduos permeia uma discussão a respeito de processos que perpassam os sentimentos de pertencimento e exclusão. O desejo de fazer parte de uma classe, de um grupo, ou de um determinado padrão social muitas vezes evidencia a situação de exclusão ao qual o indivíduo enfrenta diante da impossibilidade de pertencimento. Como bem afirma Kowarick, o processo de marginalização tende a ser cumulativo, de modo que as fissuras se ampliam conforme se estabelece uma primeira forma de exclusão (KOWARICK, 1981, p. 31). Na Buenos Aires do período aqui estudado, uma família portenha, por exemplo, já há vários anos estabelecida, enfrentará infinitamente menores chances de exclusão do que os recém-

chegados, que além da situação irregular de trabalho, precisam enfrentar as diferenças culturais e linguísticas. Da mesma forma que os moradores de favelas ou *conventillos* podem ser marginalizados em relação às pessoas que vivem em bairros nobres, os adeptos de religiões de matriz africana, como umbanda e candomblé, também podem ser marginalizados em relação ao catolicismo. De modo que estes elementos de diferenciação passam a funcionar como agentes potencializadores da exclusão e do isolamento.

Nesse ponto estamos diante de uma problemática importante para a discussão teórica: a diferenciação entre marginalidade e exclusão. Como estamos analisando, o sentido empregado ao longo dos anos ao termo *marginal* foi mudando, existindo atualmente várias interpretações sobre seu significado. Sendo assim, neste trabalho o termo carrega um sentido próprio, a partir da confluência de interpretações anteriores que ajudaram a formular um método de entendimento a respeito do caso dos *conventillos* portenhos, como foi o caso principalmente das obras de Aníbal Quijano, José Nun e Lucio Kowarick.

Com isso, nossa interpretação acerca da marginalidade ganha um contraponto fundamental em relação à noção de exclusão. Ambos os termos demonstram situações em que indivíduos e grupos são impedidos de se inserir socialmente, porém há uma diferença fundamental que caracteriza cada um destes. Enquanto o excluído não possui opção ou escolha acerca de sua situação, a marginalidade implica num certo tipo de escolha, uma quase adesão autodestrutiva em oposição ao sistema vigente, que por não poder ser absorvido resolve, então, pô-lo abaixo.

Essa interpretação indica que, em certo momento do processo de exclusão houve uma escolha, uma opção ideológica consciente ou não pela marginalidade, de modo que essa escolha implica numa forte oposição ao desejo de pertencimento de outrora, e agora renegado. Certamente que em meio a explosão da Cultura Política Marginal nos *conventillos* havia ali indivíduos que não escolheram ser marginais, como crianças ou aqueles que ainda não haviam reunido discernimento suficiente para eleger uma opção. No entanto a esmagadora maioria dos que estavam ali realizou esta escolha, ou se deixou levar pelos que fizeram a opção. Com isso a partir de nossas hipóteses construímos uma interpretação da marginalidade de forma que esta se constitui a partir da exclusão, mas a exclusão não se constitui a partir da marginalidade, ela já está dada previamente para esta.

A amplitude dos conceitos acaba por nos mostrar as diferentes possibilidades de análise proporcionadas por ele. Ao analisarmos o elemento dos *conventillos* em Buenos Aires, percebemos que os processos pertencimento e exclusão estão relacionados com mais do que uma situação de marginalidade. Em espaços como este se pode verificar o nascimento de uma cultura política com características próprias, fruto das peculiaridades inerentes ao ambiente em questão. Com isso em certo ponto vem à tona também a construção de um tipo de identidade baseada na própria exclusão. Nossa hipótese parte dessa análise para entender que naquele meio marcado pela precarização habitacional, pela situação irregular de trabalho, pela confluência e mescla de culturas e nacionalidades convivendo sob uma forma de confinamento que implicou numa difícil mas enriquecedora socialização, acabou resultando na formação de uma Cultura Política Marginal, que de certo modo supriu a necessidade de mobilização e representação daqueles grupos sociais.

Para emergência de um tipo de cultura política com essas características alguns fatores coexistiram numa realidade que antecedeu o período de maior grau de mobilização no país ocorrido na primeira década do século XX. Dentre estes fatores estão a popularização das ideologias de esquerda do Anarquismo e Socialismo, a chegada da grande massa de imigrantes europeus a partir de 1880, a reformulação urbana haussmaniana excludente ocorrida em Buenos Aires durante o período, e também, principalmente, a construção de uma ideia pejorativa em relação aos *conventillos* e casas de inquilinato como fontes de perigo sanitário e moral.

É evidente que não se almeja criar aqui uma fórmula de análise e surgimento de tipos de cultura política, pelo contrário, pois se existe algo que este trabalho pretende demonstrar é a particularidade presente no surgimento desta forma de comportamento político, de difícil comparação e improvável catalogação diante das classificações tradicionais. A ideia de se analisar este processo é tentar entender como tais comportamentos sociais acabaram por contribuir para o maior engajamento em massa e aumento da participação popular por meio destes “movimentos marginais”.

1.6 Crescimento populacional e multiplicação dos *conventillos*

O fenômeno da multiplicação dos *conventillos* se caracteriza como consequência de um processo de rápido crescimento populacional ocorrido numa cidade que, como

tantas outras, não estava preparada para uma mudança de tamanha magnitude. A própria análise das documentações oficiais do período emitidas através dos censos nacionais e municipais mostra uma variação elevada no crescimento demográfico com destaque para esse elemento habitacional. Segundo o Censo Geral de 1869, o primeiro realizado no país, a população de cidade de Buenos Aires era de 177.787 habitantes, número que parecia grande quando comparado com os pouco mais de 28.000 habitantes de Córdoba, a segunda maior cidade. Em 1887 foi realizado o primeiro censo municipal de Buenos Aires, que apontou para aquele ano uma população de 433.375 habitantes, porém uma outra informação importante foi trazida à tona. Devido a uma preocupação que crescia a cada dia, naquele ano o censo também revelou que 27% da população da cidade vivia em *conventillos* ou em casa de inquilinato. Porcentagem que representava 117.011 de pessoas³¹. No Censo Municipal seguinte, do ano de 1904, foi constatado que viviam em média 11,5 pessoas por casa na cidade, e, que dos 950.891 mil habitantes, cerca de 14,5%, ou 138.188 pessoas, habitavam *conventillos* ou casas de inquilinato³². A proporção baixara mais de 10 pontos percentuais, mas o número total nunca havia sido tão grande. No Censo Municipal de 1909, o chamado *Censo del Centenario*, e no Censo Nacional de 1914 nota-se uma manutenção do volume e do ritmo de crescimento demográfico como consequência da continuidade da imigração. Nestas duas contagens a população de Buenos Aires foi de 1.231.68, depois passando para 1.575.814 habitantes respectivamente.

Outro aspecto interessante se observa em relação ao número e à notável proporção de estrangeiros que viviam na cidade. Em 1869 o número total de estrangeiros na cidade era de 50%, sendo que a grande maioria vivia na região central, onde a proporção total era de 52% de estrangeiros para 48% de argentinos. 45 anos depois, em 1914, com uma população muito maior, a proporção permaneceu parecida, já que o número de estrangeiros que viviam na cidade era de 49%, permanecendo sem grandes diferenças em relação à primeira contagem. Mas quando se analisa o indicador da região central apenas se verifica um aumento de 12 pontos percentuais, já que a população estrangeira dessa região passou para 64% do total. O centro ainda em 1914

³¹ Censos nacionais disponível em: www.deie.mendoza.gov.ar/tematicas/censos/censos_digitalizados/ (acessado em 22/03/2016)

³² *Censo General de Población, Edificación, Comercio é Industrias de La Ciudad de Buenos Aires* (1904). Disponível em: www.redalyc.org/articulo.oa?id=74040610 (acessado em 23/01/2016).

era a região mais procurada pelos recém-chegados, e por isso que foi em suas cercanias que as precárias habitações do inquilinato se disseminaram (SCOBIE. 1977).

Todos esses dados demonstram um aumento de quase nove vezes da população existente do primeiro estudo em comparação ao último. Este crescimento colocou Buenos Aires entre os maiores aglomerados do continente americano, no entanto, e este salto impactou seriamente a estrutura social e a infraestrutura urbana, que não havia sido projetada com foco na acomodação tão rápida desse grande número de pessoas. Especificamente em relação ao *conventillo* e às casas de inquilinato, é possível perceber essa multiplicação como consequência direta desse vertiginoso aumento demográfico ocorrido na capital argentina. As condições precárias e a super lotação, marcas indeléveis dessa forma de habitação popular, demonstram a dificuldade que a cidade enfrentou para absorver um contingente populacional tão grande num espaço de tempo tão curto.

La etapa de predominio del conventillo, especialmente entre 1880 e 1890 fue la más crítica para los sectores populares. Hubo un incremento notable del número de personas por casa, que según los censos trepó de 8,8 a 13 entre 1869 y 1887. Aunque hubo una ligera disminución hacia 1895, el número siguió siendo importante, manteniéndose cerca de las 12 personas por vivienda. También el número de familias por vivienda creció a lo largo de estos años: pasó de 1,6 en 1869 a 2,5 en 1887 y osciló en torno de esta cifra en los años siguientes hasta 1914.

En los inquilinatos y conventillos se hizo durante este período una porción importante de la población urbana, llegando a un máximo de 21,6% en 1881, y sin descender nunca del 17%, a excepción de 1919, en que bajó al 8,9%. Los conventillos estaban ubicados en el centro de la ciudad y entre algunos barrios, preferentemente en la zona sur. Aunque que los primeros tenían ciertas ventajas, pues contaban con mayores servicios públicos, como aguas corrientes, cloacas, pavimentos, etc., compartían con los segundos los rasgos más característicos. La vida útil de los edificios había sido superada en exceso (...)

(ROMERO-ROMERO, 2000. P.69)

1.7 Um fenômeno urbano latino-americano

É interessante registrar que outros países vizinhos, além da Argentina, também conheceram formas de habitação ou problemas semelhantes, e podendo representar bem este fenômeno de crise de habitação popular como consequência da chegada maciça de imigrantes e de uma precária estrutura de suporte social. Mesmo não alcançando tamanha notoriedade e força, além de não perdurar por várias décadas como no caso argentino, tiveram papel importante na história recente de seus países no que diz

respeito às reivindicações sociais e à formação da classe operária. Na América Latina, há registro de situações semelhantes ocorridas no mesmo período em ao menos três outros países, em várias cidades diferentes. Em Santiago do Chile, os censos indicam que no ano de 1910 existiam na cidade 1.909 *conventillos*, nos quais habitavam 72.000 pessoas, resultando numa média de 4.2 pessoas por quarto. Em 1930 o problema se agravou chegando a 50% a taxa de habitantes de Santiago que habitavam *conventillos*, numa média que chegou a 5.7 pessoas por quarto³³. Em Montevidéu entre os anos de 1876 e 1908, calcula-se que chegou a existir um número próximo a 600 *conventillos*. No entanto, a superlotação do fenômeno do lado uruguaio do Rio da Prata não se aproxima dos casos de Buenos Aires ou Santiago, isso porque em Montevidéu a média de pessoas por quarto esteve em 2.7, sendo que nestas habitações chegaram a morar 20% da população total da cidade³⁴. Outra grande cidade da região que registrou o fenômeno de rápido crescimento de inquilinato nesse período foi São Paulo. No início do século XX, a capital paulista também recebeu milhares de imigrantes que se dividiram entre os que habitaram os cortiços (ou vilas operárias) da região central e os que partiram para as lavouras do interior do estado na busca por uma melhor remuneração. A maior parte dos que ficaram na cidade acabaram por constituir parte do crescente operariado local (BLAY, 1985). No caso paulistano faltam dados quanto a proporções da população que vivia nas vilas operárias e cortiços para uma comparação com as outras cidades já citadas. Porém, no aspecto da mobilização popular esses grupos possuíam uma forte similaridade com Buenos Aires, já que no ano de 1907 foi fundada na cidade de São Paulo uma “Liga dos Inquilinos”, a qual, à semelhança do caso portenho, também reivindicava a diminuição no preço dos aluguéis e melhorias sanitárias para as habitações³⁵. Num artigo intitulado “*Il Problema Delle Abitazione*” o jornal anarquista paulistano *La Battaglia*, escrito por italianos, incentivava uma campanha de mobilização nas vilas operárias como forma de reivindicar melhorias na condição de moradia dos trabalhadores. Os anarquistas de São Paulo enxergaram na

³³ MONTSERRAT PALMER, PATRICIO GROSS Y OSCAR ORTEGA, “La vivienda social chilena, 1900/50”, em revista CA, Santiago de Chile. (citado pro RAMOS, 1999)

³⁴ EDUARDO ACEVEDO, Anales históricos del Uruguay, Montevideo, 1933, y ALFREDO R. CASTELANOS, História del desarrollo edilicio y urbanístico de Montevideo (1829-1914), Junta Departamental de Montevideo, Montevideo, 1971. (citado por RAMOS, 1999)

³⁵ Para mais informações sobre esse episódio na cidade de São Paulo, ver BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar: Vilas operárias na cidade de São Paulo**. Editora Nobel. São Paulo, 1985.

Greve de Inquilinos e no caso portenho, dos quais estavam bem informados, um exemplo de articulação e organização a ser seguido³⁶.

Existem alguns fatores a ser lembrados que podem ajudar a estabelecer conexões e similaridades entre estas urbes Latino-Americanas em questão e suas problemáticas habitacionais. Localizadas no Cone Sul, as quatro cidades citadas reuniram elementos e condições para capitanear o crescimento dos seus respectivos países, tendo sofrido também os efeitos colaterais desse processo. Primeiro ponto, e mais óbvio, é de que as quatro cidades estão localizadas na América Latina, estando, portanto, situadas periféricamente em relação à centralidade do sistema capitalista. Serviram, inicialmente, como ancoradouro de matérias-primas a serem exportadas, baseando suas economias justamente na valorização e dependência destes produtos. Em segundo lugar, as quatro cidades constituem-se como as capitais e maiores centros populacionais de seus países, com exceção de São Paulo, que só viria a tornar-se a maior cidade brasileira décadas mais tarde. Em terceiro lugar, todas também receberam grandes conglomerados de imigrantes vindos como principal alternativa à mão de obra. Por último, mas talvez mais importante, as quatro cidades passaram por uma grande transformação em seu projeto urbano entre os séculos XIX e XX, para atender a certo padrão e status de cidade cartão-postal, o que levou grande parte da população mais pobre à mover-se em direção às áreas mais afastadas em função do processo de gentrificação. O desenho urbano e a idealização de uma cidade ideal demonstram semelhanças também entre as elites políticas e econômicas que expressaram através das cidades também suas ideologias e perspectivas sociais, nas quais se fazia mais importante a abertura de grandes avenidas e bulevares, a construção de grandes edifícios ao estilo europeu, do que a construção de uma infra-estrutura urbana, em relação à questão sanitária ou a expansão da iluminação pública, como também a construção de bairros para os grandes contingentes que chegavam.

Possuindo uma ligação estreita com a capital argentina, o grande escritor brasileiro Aluisio Azevedo foi o autor de “O Cortiço”, obra chave da literatura brasileira e espécie de síntese da urbanização desordenada do Rio de Janeiro do final do século XIX. Ao longo da vida Azevedo trabalhou em diversas embaixadas brasileiras em vários países e teve como última missão diplomática ser cônsul em Buenos Aires. Anos depois de ter facelado, na cidade portenha, Aluisio Azevedo teve seu Cortiço traduzido

³⁶ BLAY, 1985. Pag.119.

para o espanhol. A 1ª versão argentina da clássica obra do escritor brasileiro, lançada em 1943, foi intitulada como “*El Conventillo*”, e seu personagem principal mudou de João Romão para Juan Roman.

Muito mais do que um elemento portenho, a habitação precária sustentada nas casas de inquilinato, seja com a alcunha de *Conventillo*, de Cortiço, ou Vila Operária, foi um fenômeno latino-americano com seus primórdios no fim do século XIX que marcou a transição entre as sociedades agrárias ainda com resquícios coloniais para as nações em processo de urbanização e industrialização do século XX. Em algumas cidades tal fenômeno se caracterizou mais como um fenômeno passageiro proveniente da industrialização, já no caso de outras, como Buenos Aires, chegou ao ponto de atingir centenas de milhares de pessoas, que vivendo sob profundas condições de pauperismo tiveram de permanecerem nessa situação por vários anos. Esta permanência prolongada era resultado da crescente demanda habitacional, que acabou por permitir aos *conventillos* se reproduzirem por várias décadas num processo de marginalização e precarização levando o tema ao posto de problema público número um.

Tabela 1. População e conventillos

Buenos Aires - População e conventillos				
Censo	População total	Crescimento (Aprox.)	População nos Conventillos	Preço médio das habitações
1869	177.787	-	-	-
1887	433.375	243%	117.011 (27% do total)	-
1895	663.854	53%	120.847 (aprox.)	-
1904	950.891	43%	138.188 (14,5% do total)	13 - 16 \$
1909	1.231.698	29,5%	-	-
1914	1.575.814	28%	-	26 - 35 \$

Fontes: Censo Municipal (1887), Censo Municipal (1904), Censo Municipal (1909), Censo Nacional Argentino (1869), Censo Nacional Argentino (1895), Censo Nacional Argentino (1914).

1.8 Conventillo no Imaginário Popular

Num Tango de 1965, de Tito Reyes e Aníbal Troilo, denominado “*El conventillo*” podemos perceber em poucas estrofes fragmentos do imaginário coletivo a respeito de uma época e de um modo de habitação pela qual passaram milhares de pessoas. Através de uma interpretação melancolicamente nostálgica, a canção nos remete a um momento infinitamente distante e conturbado. Num ambiente cercado pela violência e por conflitos cotidianos a vida de muitos indivíduos prosseguia, como em meio a “*concerto de cuchillos*” (facas), como diz a letra. Além desse Tango, talvez a mais reconhecida obra de arte áudio-visual relacionada aos *conventillos* seja não uma música, mas sim uma peça de Teatro, estreada em 1929 de autoria do dramaturgo Alberto Vaccarezza, denominada *El conventillo de La Paloma*.

Esta obra de Vaccarezza ocupa inclusive um lugar especial em meio à vasta produção dramatúrgica argentina, sendo um exemplo das poucas que logrou de transcender o espaço geralmente ocupado pelo teatro no imaginário popular. Trata-se de uma produção muito conhecida pela população em geral, ao ponto de muitas vezes em que toca-se no tema dos *conventillos* imediatamente *El conventillo de La Paloma* vem à mente como exemplo.

Trata-se de uma obra pertencente ao gênero conhecido como Sainete³⁷, o qual foi a principal forma de dramatização relacionada à vida nas habitações populares urbanas, sob um enredo principal que trata de um modo nostálgico e cômico o cotidiano de confinamento daqueles que ali viviam. Estes elementos da produção cultural demonstram alguns dos muitos traços deixados pelo *conventillo* e por aquele tempo. Quase como se lembrar de um *conventillo* e daquele tipo de vida fosse, também, lembrar do passado e das origens de cada um, como nos remete à frase que abre um capítulo escrito por Vázquez Rial, “*tu cuna fue un conventillo*”, no sentido de qual teria sido o berço tanto da cidade como de muitos antepassados dos atuais habitantes, para

³⁷ Tipo teatral jocoso e satírico muito popular na Argentina desde o fim do século XIX. Surgido de influências teatrais da Espanha e Itália, tem geralmente como finalidade retratar, de forma crítica e bem humorada, o cotidiano da população mais pobre confinada nas viviendas operárias. “el sainete se desarrollaba como un género tragicómico de lenguaje coloquia em el escenario del babélico pátio del conventillo y la infaltable milonga. Este género cabe señalar a dos autores: Carlos M. Pacheco y Alberto Vaccarezza; El primero escribió Los disfrazados u El diablo em El conventillo, mientras que el segundo se destaca por Tu cuna fue un conventillo, La comparsa se despide y una pieza paradigmática: El conventillo de La Paloma. (RAMOS, 1999. P.13)

caracterizar a importância da vivenda operária em Buenos Aires (VÁZQUEZ RIAL, 1996, P. 254). Grande parte dessa memória impregnada de conflitos, perseguições, dificuldades de todos os tipos, mas envoltos numa esperança de melhoria de vida, deve-se aos acontecimentos daquele ano fatídico e decisivo.

1.9 Mescla e Transculturização

Para um melhor entendimento desses anos e do fenômeno sócio-político que ocorreu nos *conventillos* portenhos é necessário a percepção dos conceitos de *Mescla Cultural* e de *Transculturização*. A ideia de Mescla, proveniente da argentina Beatriz Sarlo implica na confluência de vários tipos culturais na formação da Buenos Aires do início dos anos XX, formando um aspecto novo e indenominado que não pode ser reconhecido a partir de suas matrizes originárias, e que por isso deve ser entendido como algo a ser descoberto e entendido (SARLO, 2008).

Buenos Aires, nas décadas de 20 e 30, era o ancoradouro urbano dessas fantasias astrais, e, em suas ruas, desde o último terço do século XIX também se falava uma língua geral, um jargão cocoliche de porto de imigração. Xul (Solar) aprendera na Europa, para onde viajou em 1903 e voltou em 1924, a linguagem e as experiências de vanguarda. Buenos Aires era um lugar onde essas perspectivas podiam continuar a se desdobrar. O que Xul mescla em seus quadros também se mescla na cultura dos intelectuais: modernidade europeia e especificidade rio-platense, aceleração e angústia, tradicionalismo e espírito renovador, criollismo e vanguarda. Buenos Aires: o grande cenário latino-americano de uma cultura de mescla. (SARLO, 2010, p.32)

Já a concepção de Transculturização, proveniente do uruguaio Angel Rama, implica num processo no qual o contato entre duas ou mais culturas, mesmo quando uma das duas se sobressai, acaba por ocasionar uma mudança sensível na natureza de cada uma. Rama constrói tal argumento para tentar entender como se deu formação cultural da América Latina, subcontinente marcado pela existência de vários modos de ser, várias origens e vários passados, porém que possuem um presente e um futuro em comum que precisa ser entendido a partir desta riqueza cultural.

Apesar de em função da força das elites *criollas* “bem nascidas” terem fomentado por muito tempo a ideia de que a face da cidade seja uma, branca e europeia, Buenos Aires passou no início do século XX por estes dois processos, que ajudaram a formar sua identidade. Equivocadamente a cidade por vezes é comparada a Paris, ou Madri, mas como nos mostrou Angel Rama, a cidade latino-americana, e Buenos Aires

talvez seja um claro exemplo disso, mesmo construída e projetada segundo um modelo europeu de padrão de cidade bela é propriamente a expressão de uma tentativa de superação de antigos modelos (RAMA, 1983).

A verdade é que, talvez inconscientemente mesmo Roca e os interventores não aspiravam ser Paris, mas sim superá-la, construindo algo melhor e mais belo. Tentativa que se repetiu de Tenochtitlan até Brasília, e que ainda se mostrava viva nas mentes de Niemeyer e Lucio Costa. São esses feitos exemplo da capacidade ainda não reconhecida dos países de uma América-Afro-Indo-Latina de construir seu próprio futuro. O desafio permanece, em grande parte no problema sempre presente de inclusão de todas as origens, e do perigo de escrevermos uma história única. Buenos Aires nos ajuda a entender a história do continente, e sua Cultura de Mescla ganha mais sentido quando a vemos ser descrita como uma Babel latino-americana, tamanha foi a riqueza de línguas, nacionalidades, religiões, formas de pensar que ali viveram, mas também o poderia ser devido a proporção das oposições ideológicas que acarretaram tantas disputas e desentendimentos políticos ao longo desse período (ROMERO, 2006. P. 21).

A primeira década do século XX na Argentina mostrou a intensidade das tensões sociais que se acumulavam ao longo das últimas três ou quatro décadas de regime oligárquico e urbanização desigual. Estes anos abriram um novo século do país platino mostrando também a força dos grupos “subterrâneos”, como os que viviam em *conventillos*, que num processo de intenso empoderamento acabaram dando o tom da confrontação política e da derrocada oligárquica.

Para entendermos a fundo este período da história argentina, temos de retornar aos anos primórdios da formação das habitações populares, quando Buenos Aires ainda possuía muito mais silhueta de aldeia do que de metrópole.

CAPITULO II

Ideologização do projeto urbano: Simulacro de empoderamento

O traçado urbano de Buenos Aires, assim como de todas as capitais hispânicas, seguia o desenho de um tabuleiro de xadrez (ver figura 2 e 3), cujo ponto inicial se concentrava no centro onde estariam as principais instituições daquela nova sociedade. O *Cabildo*, representação maior do poder político local, e a catedral católica, representação do poder religioso formavam o núcleo da nova cidade. Em breve outros terrenos ao redor serviriam para a construção das residências das poucas e distinguidas família *criolla* encarregadas de fazer a empresa colonial funcionar, pois eram as representantes do poder econômico. Esta disposição urbanística de Buenos Aires e das demais capitais da América Espanhola seguia uma restrita diretriz estabelecida nas *Leyes de Indias*, de 1680, que em seu livro de número 4, em seus artigos 7, “*De la poblacion de las Ciudades, Villas, y Pueblos*”, e 8, “*De las Ciudades, y Villas, y sus preeminências*”, determina o padrão urbanístico a ser adotado³⁸. É por isso que em relação ao traçado urbano no período colonial, falar de Buenos Aires, Santiago do Chile, Montevideú ou Caracas implica em reconhecer uma série de semelhanças. Diferentemente das cidades portuguesas, construídas em terrenos mais acidentados, com desníveis e em meio a morros, as cidades espanholas eram projetadas em terrenos planos. Ocorria em muitos casos que a expansão urbana fazia com que a cidade ultrapassasse a área determinada previamente segundo as disposições iniciais.

Em cidades litorâneas, que geralmente eram fundadas visando a construção de um porto, este padrão foi mais difícil de ser mantido, pois, devido à proximidade litorânea e o conseqüente desnível natural, a área urbana acabava dividida em cidade baixa e cidade alta. Na atual América Latina temos alguns exemplos dessa situação, como é o caso de Valparaíso, cidade-porto separada entre parte alta e baixa, como é o caso de Santiago do Chile ou Caracas, que foram fundadas em terrenos planos mas a expansão e o crescimento urbano chegou às cercanias montanhosas. No caso de Buenos Aires isso não aconteceu, pois além de fundada num terreno plano, a cidade está localizada em meio do bioma conhecido como Pampa, região caracterizada por intermináveis planícies que pouco ultrapassam o nível do mar. Desse modo sua expansão se deu, apesar de descontrolada, sempre de maneira plana.

³⁸ Disponível no Archivo Digital de La Legislación en el Perú:
<https://archive.is/20120629195154/www.congreso.gob.pe/ntley/LeyIndiaP.htm> (acessado em 25/01/2017)

O *conventillo* acaba surgindo na segunda metade do século XIX como uma espécie de “efeito colateral” de um projeto maior, o projeto de modernização urbana pelo qual Buenos Aires atravessou a partir de 1880, quando Torcuato de Alvear foi nomeado presidente da comissão municipal. A partir de então a cidade deixa de lado sua herança colonial espanhola, e passou a implementar uma série de transformações urbanas, que fizeram de Buenos Aires um dos expoentes máximos das aspirações da modernidade ocidental. A “cidade burguesa” como bem disse José Luis Romero³⁹, para designar o período entre 1880 e 1930, ganhou tal alcunha por representar exatamente a perspectiva da burguesia no que se refere à ocupação e utilização do espaço urbano. Por isso a necessidades de avenidas largas, boulevares, parques, edifícios construídos a partir do padrão arquitetônico europeu, e para isso foi necessário apagar aquele passado e reconstruí-lo a partir do concreto.

2.1 A “Época de Ouro” dos *conventillos* e o sonho da cidade burguesa

Desde o início do século XIX existiam formas de habitação coletivas e alugadas que aglomeravam trabalhadores, porém, foi em meados da década de 1870 que surgiu o fenômeno do *Conventillo*, moradia popular que sucede as anteriores num processo de rápida multiplicação graças a grande onda imigracional que também se inicia naquele período e ao crescente déficit habitacional.

Este “novo” tipo de habitação adentra rapidamente ao imaginário popular muito em virtude de sua alcunha, uma alusão a dois ambientes totalmente opostos que eram o convento e o prostíbulo, além de seu caráter precário e marginalizado que tanto se sobressai. O *conventillo* foi, também, uma espécie de reflexo, ou resultado, proporcionado pelo processo de modernização apressada pela qual atravessou Buenos Aires nos anos da virada do século.

Podemos dividir ao menos em dois os tipos de *conventillos* surgidos em Buenos Aires ao longo daquele período. Os primeiros, mais antigos, surgidos por volta da década de 1860 e 1870, constituíam-se por antigos palacetes e velhas casas coloniais que haviam, até pouco tempo, servido de moradia para famílias da elite nas regiões centro e sul. Estas habitações passaram a ser adquiridas por empresários do ramo imobiliário que, percebendo a grande demanda por moradias populares, transformaram

³⁹ ROMERO (2000).

as antigas mansões em grandes casas de inquilinato, para serem habitadas por dezenas de famílias.

O segundo tipo de *conventillo* surgiu a partir da década de 1880, quando especuladores imobiliários passaram a adquirir terrenos e construir novos edifícios voltados exclusivamente para a locação, permitindo uma grande margem de lucro, considerando que o valor cobrado era muito alto e também porque os aluguéis eram constantemente reajustados.

No final do século XIX, com a chegada de milhões de imigrantes europeus, a necessidade urgente de moradia fez com que o *conventillo* fosse protagonista de um processo de explosão demográfica, transformando-se no principal tipo de habitação popular portenha e sendo, também, aquela que melhor retratou o período.

A partir do início da grande onda de imigração, a partir de 1880, o elemento do *conventillo* se transformou num mosaico de línguas e culturas, que ao mesmo tempo em que enriqueceu culturalmente Buenos Aires também provou o quão ampla era a dimensão da crise habitacional, que alcançava quase todos os cantos da cidade e quase todas as origens. Esse caráter de grande diversidade não passou despercebido pelo teatro e pelas artes locais. Uma das primeiras obras de novela argentina a retratar o ambiente do *conventillo* foi *Palomas y Gavilanes*, escrita por Silvério Dominguez no ano de 1886. Nesta obra existem passagens nas quais se percebe este aspecto multifacetado inerente a este tipo de vivenda:

La casa de inquilinato presentaba un cuadro animado, lo mismo en los patios que en los corredores. Confundidas las edades, las nacionalidades y los sexos, constituía una especie de gusanera, donde todos se revolvían, saliendo unos, entrando otros, cruzando los más, con esa actividad diversa, del conventillo (...) húmedos los patios, por allí se desparrama el sedimento de la población; estrechas las celdas, por sus puertas abiertas se vê el mugriento cuarto, lleno de catres y baúles, sillas desvencijadas, mesas perniquebradas, con espejos enmohecidos, sus cuadros almazarronados, con los periódicos de caricaturas pegados a la pared, y, ese peculiar desorden de la habitación donde duermen seis, y donde es preciso dar buena o mala colocación a todo lo que se tenga (DOMINGUEZ, 1886, P.99-100. Citado por Ramos, 1999)

2.2 A epidemia de febre amarela de 1871

O pintor uruguaio Juan Manuel Blanes, em seu quadro denominado *Un episodio de la epidemia de fiebre amarilla en Buenos Aires*⁴⁰ de 1871 (Anexo, Figura 1), eternizou um triste momento para a cidade e que acabou tendo também profundas consequências para as décadas seguintes.

A obra, que hoje forma parte do acervo do *Museo Nacional de Artes Visuales*, em Montevidéu, simbolizou o medo e o desespero provocados por uma grande epidemia de febre amarela, doença que foi responsável por uma situação de desespero para a população portenha e suas autoridades públicas.

O quadro retrata uma cena muito corriqueira durante aqueles meses iniciais do ano de 1871, em que a febre amarela rapidamente se alastrou. Dois homens adultos e bem vestidos – provavelmente médicos - se deparam, ao chegar numa residência, com uma mulher desacordada deitada ao chão⁴¹. Ao lado dos dois homens está um menino descalço que observa tudo com uma expressão de profunda angústia. A mulher, com uma coloração extremamente pálida, já não demonstra sinais de vida e ao seu lado se encontra um bebê ainda vivo. Na imagem, também podem ser vistos um cocheiro, a frente da carruagem que, possivelmente, trouxe os dois homens, além de uma figura masculina, também pálida, e aparentemente sem vida, deitada numa cama dentro da residência onde toda a cena acontece.

Numa leitura mais atenta desta cena podemos supor algumas conclusões a respeito desta obra de Blanes. Não é possível saber a qual nível social pertence a família acometida pela doença, mas como sua residência parece pequena e como não tiveram tempo suficiente de buscar uma ajuda médica, supõe-se que se tratava de uma família de recursos limitados. Já no caso dos dois homens que adentram à residência, sejam eles médicos ou não, estão muito bem vestidos e parecem pertencentes à uma classe social mais abastada. O sentimento da angústia e de preocupação está presente de maneira muito forte na pintura, de modo que sua importância reside no fato de que ela representa o medo sentido pela elite portenha ao se deparar com uma doença e com uma epidemia que avançava de maneira nunca antes vista na cidade.

⁴⁰ Imagem 1 (ver anexo)

⁴¹ Muito provavelmente as duas figuras bem vestidas retratadas no quadro representam figuras importantes no episódio. O mais velho dos homens no quadro representa a figura de José Roque Perez, advogado renomado e escolhido para presidir a *Comisión Popular de Salud Pública*. O mais jovem seria o médico Adolfo Argerich. Apesar do empenho, os dois também acabaram morrendo em decorrência da febre amarela entre Março e Abril de 1871.

A grande epidemia de febre amarela, ocorrida no ano de 1871, foi um dos momentos mais trágicos da história de Buenos Aires. Neste ano a contaminação pela doença foi responsável por uma devastação que atingiu vários âmbitos, na medida em que paralisou o comércio, forçou fugas ao campo, inviabilizou a livre circulação, matou milhares de habitantes, e incutiu o medo na população. A epidemia em questão não foi a única a atingir Buenos Aires neste período do século XIX⁴². No entanto, foi a que causou maior impacto e mudou a percepção sobre as necessidades sanitárias da cidade.

As causas apontadas para a calamidade vão desde a proximidade com o Riachuelo⁴³, tido como fonte de contaminações, o retorno de soldados contaminados provenientes da Guerra do Paraguai, o desconhecimento a respeito das reais causas da doença, além da falta de estrutura sanitária e de esgotos instalados na cidade. Uma epidemia como essa, segundo o que acreditavam as autoridades portenhas, era muito mais comum em cidades tropicais como o Rio de Janeiro, que já havia registrado episódios semelhantes, de onde provinham muitas embarcações. Mas para Buenos Aires, uma cidade de clima mais ameno, que se acreditava mais limpa e organizada, este era um cenário quase improvável. No decorrer daquele mesmo ano de 1871 estava em execução um projeto sanitário de águas e esgotos feito pelo engenheiro britânico John Frederick Bateman, porém, justamente a fase do projeto que previa a construção de esgotos acabou não sendo executada⁴⁴. Estes fatores, aliados ao despreparo das autoridades, então descrentes de que uma epidemia dessas proporções pudesse se instalar ali contribuíram para um crescimento rápido e letal da doença (RODRIGUES, 2012).

Num período de menos de seis meses a epidemia dizimou a cidade, matando perto de 10% da população, que aquela altura girava em torno de 190 mil habitantes. A doença avançou terrivelmente durante todo o primeiro semestre do ano, impondo uma assustadora média diária de mortes. No mês de março morriam por dia cerca de 100 pessoas, mas esse número aumentou para 300 em pouco mais de 30 dias até chegar na cifra máxima no dia 10 de Abril, quando inacreditavelmente 563 pessoas morreram em

⁴² Segundo Rodrigues (2012. P.15 e P.23), a febre amarela já havia visitado Buenos Aires no ano de 1858, além de duas epidemias de cólera em 1867 e 1868, mas não na mesma proporção devastadora com a qual veio a epidemia em 1871. (RODRIGUES, THIANGO DARGAINS. **A febre Amarela no Rio de Janeiro e em Buenos Aires na década de 1870**. Dissertação Mestrado Fio-Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2012).

⁴³ Rio que nasce na Província de Buenos Aires e deságua no Rio da Prata atravessando a região sul da capital federal, demarcando a divisão com a região metropolitana.

⁴⁴ Citado por RODRIGUES (Scobie, 1974; Radovanovic, 2001).

função da febre amarela. No total, estima-se que a epidemia de febre amarela de 1871 matou aproximadamente 14 mil pessoas, e forçou que mais de 50 mil abandonassem a cidade temporariamente (SCOBIE, 1977).

Os números e o desespero da população forçaram uma ação popular, a partir da formação da *Comisión Popular de Salud Pública* em resposta à inércia do poder público. Apenas na metade do mês de Maio, quando as temperaturas frias e o inverno se aproximaram, é que a epidemia começou a decrescer e as mortes diminuíram para a cifra de aproximadamente 20 por dia.

Naquela época, Buenos Aires se encontrava num período no qual deixava sua faceta colonial, para, aos poucos, se transformar em cidade burguesa (ROMERO-ROMERO. 2000). Em meio a uma fase de pré-imigração, a cidade era habitada por *criollos* (espanhóis nascidos na América), descendentes de indígenas e ex-escravizados. A elite local vivia em uma cidade-porto ideal para a manutenção do *status-quo* e do modelo agroexportador comercial, habitavam principalmente a região centro-sul, em bairros como *San Nicolás*, *San Telmo* e *Montserrat*, pois estavam localizados próximos tanto do porto de *La Boca*, como também, da região central, da *Plaza Victoria*⁴⁵ e do *Cabildo*.

A consequência direta da devastação causada pela febre amarela foi a fuga em massa da população mais abastada da região centro-sul em direção à região norte, para o recém formado *Barrio Norte*. Além disso, também ocorreu todo um processo de realocação urbana que deu origem a novos bairros no norte da cidade, como Palermo e Recoleta, até hoje localidades símbolo e residência da elite portenha. Ao logo deste processo, a região sul foi sendo progressivamente deixada de lado, em detrimento da agora nova e rica zona da cidade, que se tornaria assentamento definitivo daquelas famílias que abandonaram a “perigosa e contaminada” região centro-sul.

Hasta la epidemia de fiebre amarilla el sur fue el asiento de la oligarquía [...] La oligarquía abandonó su reducto definitivamente cuando la medicina de la época de la epidemia decidió, con todas las luces de que disponía, que aquella era una zona insalubre, inconveniente, seguramente letal. En 1871 tuvo lugar La emigración masiva hacia el norte, que pese a pertenecer desde hace mucho a La clase media, sigue teniendo hoy fama de aristocrático.

Tras el éxodo de La oligarquía, entraron en el sur los trabajadores de los mataderos, de los saladeros, de los frigoríficos, las prostitutas y los

⁴⁵ Tanto a centralidade do porto de *La Boca* e a *Plaza Victoria* pertencem a uma Buenos Aires que começava a desaparecer com o início das reformas urbanas. Em 1888 foi iniciada a construção do Puerto Madero, terminada dez anos depois, e em 1884 a Plaza Victoria deu lugar a Plaza de Mayo.

perseguidos, el lumpem y, a partir de 1880, masivamente, los inmigrantes.(VÁZQUEZ RIAL, 1996, p.255- 256)

Outra consequência da epidemia foi a criação de um imaginário negativo em relação às vivendas de inquilinato, e principalmente em relação aos *conventillos*. A ideia que se criou foi de que aqueles seriam os piores ambientes sociais que podiam ser habitados por um ser humano, de modo que a reprodução de suas condições “fétidas e imorais” implicariam numa decadência social e num grave risco para o restante da população.

Tratava-se de uma sociedade que vivia o auge do higienismo social de Spencer, que mantinha uma obsessão por limpeza e que achava que essa era a solução para males e doenças. Uma dessas percepções ficou clara no relato do renomado médico portenho Guillermo Rawson, que dedicou parte de sua vida em trabalhos sobre tema das habitações populares.

De aquellas fétidas pocilgas, cuyo aire jamás se renueva y en cuyo ambiente se cultivan los gérmenes de las más terribles enfermedades, salen esas emanaciones, se incorporan a la atmósfera circunvecina y son conducidas por ella tal vez hasta los lujosos palacios de los ricos. Un día, uno de los seres queridos del hogar, un hijo, que es un ángel a quien rodeamos de cuidados y de caricias, se despierta ardiendo con la fiebre y con el sufrimiento de una grave dolencia (...) aquel cuadro de horror que hemos contemplado un momento en la casa del pobre. Pensemos en aquella acumulación de centenares de personas, de todas las edades y condiciones, amontonadas en el recinto malsano de sus habitaciones; recordemos que allí se desenvuelven y se reproducen por millares, bajo aquellas mortíferas influencias, los gérmenes eficaces para producir las infecciones, y que ese aire envenenado se escapa lentamente con su carga de muerte, se difunde en las calles, penetra sin ser visto en las casas, aun en las mejor dispuestas; y que aquel niño querido, en medio de su infantil alegría y aun bajo las caricias de sus padres, ha respirado acaso una porción pequeña de aquel aire viajero que va llevando a todas partes el germen de la muerte. (citado por Jorge Paez, 1970)

Ainda dentro dessa linha, é interessante pontuarmos também o desenvolvimento de um tipo de “Paradoxo da lepra moral” dentro das elites e da cidade letrada portenha. Dentre as muitas obras de viajantes que descreveram Buenos Aires naquele período, o trabalho de Santiago Estrada, intitulado *Viajes y otras páginas literárias* (1889), mostra uma visão que pode resumir o tipo de conotação adquirida pelos *conventillos* a partir da perspectiva das ditas “pessoas de bem” (*gente decente*).

Estrada caracteriza por diversas vezes os *conventillos* como uma grande ameaça em função de sua inerência com tudo que existe de prejudicial para uma sociedade.

Dentre as várias características negativas o autor destacava a ameaça da “lepra moral” como o principal perigo ante o restante da população. Em trabalhos desse tipo, que não são unanimidade, mas ajudaram a construir a opinião pública e o imaginário do período, os moradores dos *conventillos* eram acusados de maus hábitos e de uma dinâmica vida que corroía os bons costumes. Tudo isso apesar de levarem uma vida de condições muito inferiores e limitadas quando comparada à elite e oligarquia portenha. Estes indivíduos sofriam com uma cobrança desproporcional à situação na qual se encontravam e isso ocorria devido ao fato das normas e padrões, construídos pelo “processo civilizador” (ELIAS, 1990), se pautarem apenas nas conveniências de um pequeno grupo e não na realidade da maioria. O padrão e o estilo de vida da elite eram os modelos a serem seguidos, mesmo que dentro desses modelos jamais fosse possível inserir as massas populares.

Os jornais locais demonstraram enorme preocupação como problema da contaminação, também associando a epidemia com a falta de higiene e estrutura das vivendas populares. Um dos principais periódicos da época, o jornal *La Nación*, estampou em sua capa notícias diárias sobre a epidemia, sendo que numa edição do mês de Abril daquele ano publicou também uma nota oficial da municipalidade de Buenos Aires comunicando que os *conventillos* – não se especifica se todos ou não – deveriam ser desalojados dentro do prazo de cinco dias. O conteúdo da mensagem leva a crer que já haviam sido tentadas várias medidas por parte do poder público para a resolução do problema, mas que até aquele momento nenhum tinha levado a resultados satisfatórios. Por isso é perceptível que já estavam sendo cogitadas medidas extremas, o que demonstra certo grau de desespero.

LOS CONVENTILLOS

La municipalidad de La ciudad

Convencida la Comisión Municipal que los conventillos han sido y son el foco donde la epidemia se desarrolla terriblemente, contaminando al vecindario, y no habiendo sido eficaces las medidas adoptadas hasta el presente, ha resuelto:

Que los conventillos sean desalojados irremisiblemente en el término de cinco días desde la fecha, pasado el cual se procederá el desalojo de ellos por la fuerza.

Buenos Aires, 11 de Abril de 1871

N. Martinez de Hoz
(La Nación, 16/04/1871)

Nove dias depois, em 25 de Abril, foi divulgado outro comunicado da municipalidade pelo jornal *La Nación*⁴⁶, dessa vez informando um novo destino para os cadáveres dos mortos por febre amarela. Buenos Aires àquela altura possuía dois grandes cemitérios, localizados em diferentes partes da cidade. Existia o *Cementerio Público del Sud*, e o *Cementerio del Norte* (posteriormente conhecido como *Cementerio de la Recoleta*), sendo que cada um ficava responsável de atender a demanda de sua respectiva região da cidade. No entanto, a epidemia teve um impacto tão forte que acabou forçando a construção de um novo cemitério, o *Cementerio del Oeste* (posteriormente conhecido como *Cementerio de la Chacarita*). O cemitério da região sul, o mais antigo dos três, criado em 1867, foi o destino da maior parte dos mortos na epidemia de febre amarela, até mesmo porque a região em que estava localizado foi também a zona da cidade mais afetada pela enfermidade.

Devido à gigantesca quantidade de corpos, em poucos meses a região sul esgotou o seu espaço disponível, o que fez com a municipalidade buscasse outras alternativas. Neste novo comunicado se lê que a municipalidade orienta que a partir do dia 24, do corrente mês, os cadáveres de todos os mortos por febre amarela deviam ser encaminhados não mais para o *Cementerio del Sud*, mas sim para o *Cementerio del Oeste* (*Cementerio de la Chacarita*), recém construído, como também informa a abertura de uma nova estação de trens, próxima ao novo destino, para facilitar a chegada. Enquanto os seus dois pares estavam já no máximo de sua capacidade, foi decidido que o *Cementerio de la Recoleta*, destino final da elite e da população portenha de maior prestígio desde esta época, não seria utilizado para aliviar a superlotação dos demais.

Percebe-se então que as consequências do recorte de classe social não terminam junto com a existência em vida, estão para além deste tempo, deixando vestígios e permanecendo mesmo após a morte.

Em se tratando de um país em crescimento, de uma economia agrícola, porém, em transformação e, por isso, cada vez mais industrializada, de uma população migrante gigantesca, é certamente perceptível de que a Argentina desse período se tratava de uma sociedade que proporcionava boas oportunidades de ascensão social, principalmente quando comparada com o panorama europeu de então, repleto de guerras e crises. Por

⁴⁶ La Nación (25/04/1871)

esta razão milhões de imigrantes chegavam ao país platino com a esperança de novas oportunidades, como a possibilidade de conseguir trabalho, melhor remuneração e talvez o sonho de adquirir um pedaço de terra. No entanto, na prática as coisas seriam mais difíceis para aqueles que chegavam, isso porque constatamos também nesse período a existência de uma ordem hierárquica e social muito bem estabelecida e, minuciosamente construída, que caracterizava Buenos Aires do fim do século XIX.

Como vários países latino-americanos que um dia foram colônias europeias, no decorrer de vários séculos, uma pequena e forte elite havia se instalado e criado raízes, sendo que este limitado grupo social seguia perpetuando seus privilégios ao longo destas décadas. Por isso mesmo, se imaginássemos uma pirâmide representando esta ordem social perceberíamos que os *conventillos* compunham a base desta estrutura, dando sustentação e os alicerces do funcionamento desta grande engrenagem. Seguindo adiante na metáfora, vemos que este grupo social miserável que habitava as casas de inquilinato, apesar de sua marginalidade, era fundamental para o tão aguardado crescimento do país, pois, era responsável pela mão-de-obra, elemento primordial na equação do desenvolvimento econômico e exatamente aquilo que havia estado em falta nas últimas décadas.

Justamente por essa posição social marginalizada, o *conventillo* foi a casa do Anarquismo, a corrente ideológica libertária mais popular entre a massa proletária até a Primeira Guerra Mundial. Essa ideologia, marcada por uma forte confrontação, encontrou em solo argentino uma realidade nova, repleta de possibilidades e meios de propagação, através das quais pôde ser fortalecer e multiplicar.

2.3 Torcuato de Alvear: O Haussmann portenho

O desenho urbano de Buenos Aires nos apresenta uma cidade inicialmente projetada como porto ideal para usufruto da oligarquia agrária, mas que a partir de 1880 fora sendo redesenhado para se assemelhar cada vez mais com o padrão urbano europeu, especialmente a partir do exemplo parisiense. Tido como modelo e expressão máxima de cidade moderna, Paris era o sonho ostentado pela camada dirigente portenha em função de uma completa adoração pela cultura francesa, que cada vez mais entrava em contraste com a crescente aversão em relação à estética e aos padrões coloniais espanhóis oriundos de um passado recente.

Como bem expressou Angel Rama (1983), o desenho urbano de uma cidade é também a expressão máxima da ideologia sob a qual ela está alicerçada. Quando falamos da Buenos Aires da segunda metade do século XIX e início do século XX nos referimos a uma cidade que estava diante da transição de uma cidade-porto, ainda com traços coloniais, para uma metrópole industrial dinâmica e superpopulosa. Ou como escreveu Norberto Ferreras (2006), no limiar de transformação de aldeia para metrópole. Nesse processo, o centro referencial geográfico da cidade foi sofrendo uma mudança significativa ao longo de um período de algumas décadas, quando o eixo irradiador principal de riqueza e influência migrou de região, a partir de uma crescente preponderância do eixo centro-norte em detrimento às outras regiões da cidade, especialmente a região centro-sul.

Podemos verificar a partir da historiografia duas ondas de reformas urbanas que tiveram lugar em Buenos Aires durante esse período, sendo que ambas caminharam para o mesmo um objetivo comum. A primeira destas reformas foi iniciada por Torcuato de Alvear, intendente nomeado pelo então presidente Julio Argentino Roca, uma espécie de “Hausmann portenho”. A reforma se deu nas décadas de 1880 e 1890, sendo responsável pela reconstrução da zona central, com a abertura de avenidas e bulevares, como no caso das duas principais obras, a *Plaza de Mayo* e a *Avenida de Mayo*. A *Plaza de Mayo* nasceu da união das duas praças que se localizavam na região central entre os dois principais edifícios da cidade, o *Cabildo* e a *Casa Rosada*. Em frente ao *Cabildo*, do lado oeste, existia a *Plaza Victoria* e em frente a *Casa Rosada*, do lado leste, havia a *Plaza 25 de Mayo*, nome que homenageia o início do processo de independência do país, ocorrido em 1810. As duas praças eram separadas por uma construção do início do século XIX, chamada *Recova Vieja*, uma espécie de mercado público, que não se encaixava nos padrões arquitetônicos e urbanísticos seguidos por Alvear. Com a demolição da *Recova Vieja*, em 1883, as duas praças foram unidas e deram lugar a uma só, que passou a se chamar *Plaza de Mayo*.

Inaugurada em 1884, a *Plaza de Mayo*, deu um novo status e uma maior importância para a região central. Sede do poder político, localização da catedral metropolitana, centro comercial e reduto das instituições bancárias, a *Plaza de Mayo* era referência do centro da cidade e de uma região que, além de habitada pela oligarquia, também passou a ser habitada pelos imigrantes e pela população mais pobre, em função da proximidade com os locais de trabalho.

Outra parte importante da reforma foi a construção de dois portos, que passaram a ser as principais entradas da cidade. Essa obra ajudou a demonstrar que a prioridade de investimentos e atenção do poder público estavam relacionados com a tendência de valorização e investimentos na região mais ao norte da capital. A construção do *Puerto Madero*, projeto do empresário e engenheiro Eduardo Madero, foi iniciada em 1888 e finalizada em 1898, representando a modernização do comércio e do transporte naval da cidade, já que o porto de *La Boca*, o mais antigo da cidade, era considerado como inadequado e insuficiente. Nas décadas seguintes ainda foi executada a construção de mais um porto, o *Puerto Nuevo*, na região de Retiro, como uma complementação ao porto projetado por Madero. Cada vez mais, ao porto de *La Boca* coube apenas atividades secundárias ou não regularizadas, condição que, progressivamente, fortaleceu o processo de esquecimento atravessado pela região.

A construção desses dois novos portos modificou completamente a forma de funcionamento da cidade que, já tendo uma economia diversificada a ponto de não ser mais tão dependente de seu porto, redirecionou sua principal artéria com o mundo exterior.

Outra transformação significativa ocorreu na forma pela qual a cidade era vista pelos visitantes e recém-chegados. Antes de 1890, todos os que chegavam de barco entravam pela região sul e pelo porto de *La Boca*, e se deparavam com o ar pitoresco do bairro e com condições muito mais precárias. Posteriormente, ao entrar por Retiro ou *Puerto Madero* a chegada ganhava um ar de imponência, já que a primeira impressão da cidade seria aquela atmosfera e aquela zona nova dos arredores do *Barrio Norte*, construída e habitada pela oligarquia.

Originalmente, os anseios de moradia se alocavam nas redondezas da *Plaza de Mayo*, região onde se concentravam os principais espaços políticos e culturais. Naquele período pós-independência, estar próximo a esses espaços de representação, como o Cabildo, a Casa Rosada, além de todas as instituições bancárias, era sinônimo de privilégio e poder, já que aquela altura apenas uma pequena parcela populacional tinha acesso a estes ambientes. Os quadrantes centrais também permitiam rápido acesso ao desfrute de elementos culturais e artísticos apenas encontrados na Europa, como no caso do Teatro Colón. Naquele momento, Buenos Aires pertencia a poucos grupos e indivíduos, sendo que esses poucos faziam dela o reduto máximo de suas aspirações.

Com o massivo processo de imigração, a região central passou a ser muito procurada pelos recém chegados e os distritos 12, 13 e 14, referentes à área próxima da

Plaza de Mayo, devido à localização e acessibilidade aos locais de trabalho, se tornaram cada vez mais povoados. Esta mudança transformou a região central, que junto com a região sul (distritos 12, e parte dos distritos 3 e 4), antes um reduto de uma população mais rica, passaram a ser marcadas por uma grande mescla sócio-cultural.

Los distritos céntricos presentaban, en consecuencia, una mezcla de riqueza y pobreza, elegancia y suciedad, mansiones y conventillos, familias tradicionales y humildes inmigrantes recién desembarcados de algún transatlántico, y hombres cuya función iba desde manejar el destino de una nación de ocho millones de habitantes hasta levantar una bolsa de trigo de ochenta kilos (SCOBIE, 1977. P.46)

A segunda onda de reformas veio nos anos que antecederam 1910, quando se iniciaram os preparativos para as comemorações pelo Centenário da Independência do país. Neste caso, o governo concentrou seus esforços na construção de parques, bosques e praças para o embelezamento da região norte, além de grandiosos edifícios públicos como o Palácio do Congresso e o novo Teatro Colón (FERRERAS, 2006). Este novo processo de remodelação, por fim, acabou se estendendo por toda a década de 1910. A calma da velha Buenos Aires logo deu lugar a um desenfreado êxodo de realocação urbana, e a um projeto de cidade nos padrões modernos e burgueses.

A então desabitada região norte da cidade tornava-se o centro das atenções das camadas mais abastadas. Em meio a contexto caótico de precarização e de déficit habitacional, o poder público concentrou seus esforços mais uma vez na construção de cartões postais, principalmente passeios, jardins e parques públicos. Neste período foram construídos ou finalizados diversas áreas verdes projetados a partir de uma ambição monumental, como foram os casos da *Plaza San Martin* e do *Parque 3 de Febrero*, atualmente mais conhecido como bosques de Palermo. O Chamado *Barrio Norte*, distrito ao norte da *Plaza de Mayo*, próximo de onde hoje são os bairros da *Recoleta* e *Palermo*, tornou-se o novo anseio da oligarquia, enquanto o centro-sul seguiu como lugar dos operários, recém-chegados e da população mais pobre. Este empenho na execução desse projeto de cidade esconde a verdade acerca de um país onde para a grande maioria o Estado era quase ausente, na medida em que sua participação e intervenção, em nível de bem-estar social, até então era praticamente nula.

As duas ondas de reformas urbanas em Buenos Aires atestam qual o arquétipo de Estado, e de seu papel, que vigorava neste período aqui abordado. A forte presença do Estado em algumas áreas contrasta com a sua ausência em outras. A questão habitacional é apenas um dos aspectos que não obtinham a atenção necessária e justamente por isso que, se observarmos as décadas de 1860, 1870 e 1880, iremos perceber que em vários âmbitos a própria sociedade civil se organizava para preencher certas demandas públicas.

Ao longo da segunda metade do século XIX, quando a organização do aparelho de Estado Argentino ainda se encontrava em seu início, a ausência da administração pública em esferas sociais importantes ocasionou o nascimento e popularização de entidades de intervenção pública, no que diz respeito ao fornecimento do que hoje são elementos e direitos básicos no que se refere à sociedade moderna. Estas organizações baseavam-se num princípio mutualista, que podia variar em diversos tipos, pois, podiam ter cunho trabalhista, recreativo, ou voltado para a saúde pública. Podiam se basear na nacionalidade, como a *Sociedad de Beneficencia Francesa* ou a *Unione e Benevolenza* que datam de 1861, ou também a partir da profissão, como no caso da *Sociedad Tipográfica Bonaerense*, de 1857. Estas instituições tinham por finalidade dar o apoio social necessário para seus membros, preenchendo a função que, mesmo numa sociedade de sensível desigualdade, não era provida pelo Estado. Quanto a isso podemos pensar em algumas hipóteses, como a recente formação do país, que ainda organizava sua estrutura administrativa, e, também, a adoção do modelo liberal no plano econômico, que pretendia fazer do país uma espécie de herdeiro do molde inglês, principal parceiro econômico àquela altura.

Com o fim do século XIX, estas instituições e sociedades mutualistas, em função das mudanças sócio-econômicas as quais o país atravessava, juntamente com um processo de proletarização do trabalho, vão progressivamente se convertendo em sindicatos e uniões laborais de cunho reivindicativo, as chamadas “sociedades de resistência”. Esta conjuntura favorável à mobilização permitiu a confluência e construção de uma unidade de resistência frente ao desafio que representava a questão social, inclusive no que diz respeito ao tema habitacional para aqueles grupos de baixa renda. Por isso com o caminhar dos anos foi se construindo um cenário de resistência, no qual foi reunida força o suficiente para organizar grandes enfrentamentos e mobilizações populares, que deixaram marcados fortemente na história da cidade

fenômenos urbanos tão particulares e eloquentes, como a vindoura *Huelga de Inquilinos*, em 1907.

2.4 O trajeto da europeização

Muito influenciou na sociedade portenha e argentina o contato com milhões de novos indivíduos que chegavam ao país, e a origem destes indivíduos foi tema de grande debate ao longo da segunda metade do século XIX. O assunto chegou a ser discutido por dois dos principais nomes políticos do país no período, Alberdi e Sarmiento, correndo os anos e atravessando mesmo o início da grande onda de imigração pós 1880.

Em contraste com países como Brasil, no qual a imigração era parte de um projeto de embranquecimento onde, sendo proveniente de um darwinismo social, se colocava todo e qualquer imigrante europeu como totalmente benéfico diante das realidades de país mestiço na qual o Brasil se encontrava. Na Argentina também existia uma mentalidade proveniente de uma perspectiva darwinista, no entanto por se tratar de um país no qual havia uma menor mistura de etnias, basicamente descendentes de espanhóis e indígenas, estes já em evidente extinção, a vinda dos imigrantes, para além de uma europeização e do embranquecimento, representava a solução para uma profunda necessidade de mão-de-obra. É freqüente⁴⁷ encontrar ponderações a respeito da origem dos imigrantes relacionada a sua prática de trabalho ou seus próprios costumes. Aos poucos perceberem que a origem está geralmente relacionada com atividade exercida pelos trabalhadores, fazendo com que os imigrantes provenientes do norte europeu fossem mais desejados em função de sua especialidade em certas atividades mais relacionadas ao desenvolvimento tecnológico e industrial. Numa identificação clara entre o grupo étnico e a categoria sócio-profissional (FALCÓN, 1999).

Por lo general, quienes proceden del noroeste europeo son artesanos u obreros con algún grado de instrucción general y cierta calificación profesional y a veces hasta dotados de un pequeño capital. También los que van a insertarse en la agricultura, como los suizos, o en ciertas actividades pecuarias, especialmente en la cría de ovejas, como los irlandeses, que han sido expulsados por el exceso de mano de obra que habían generado los procesos de industrialización y modernización agraria y que habían ejercido formas relativamente avanzadas del trabajo agrícola. En cambio, los inmigrantes de sudeste europeo son por lo general campesinos pobres y

⁴⁷ Falcón (1999).

jornaleros, de las zonas de Europa que más tardíamente habían encarado La transformación capitalista. (FALCÓN. 1999)

O trajeto percorrido pelos recém-chegados era geralmente bem parecido. Tinha início em algum porto da Europa, muito provavelmente nos arredores de Gênova, Nápoles, Málaga ou Valência, e, após uma viagem que podia durar mais de um mês, desembarcavam em Buenos Aires, primeiramente no porto de La Boca, mas na década de 1890, com a construção do *Puerto Madero*, a chegada foi alterada para o novo porto, mais próximo do centro da cidade. Após o desembarque os imigrantes eram encaminhados ao *Hotel de Inmigrantes*⁴⁸, onde as famílias ficavam hospedadas por cerca uma semana de forma gratuita, mas após esse período deviam procurar emprego e uma residência, cedendo a vaga do Hotel aos outros recém-chegados. Nesse curto espaço de tempo entre a chegada e a mudança para a nova casa, muitas famílias tinham como destino certo os *conventillos*, isso pelo fato de se localizarem próximos as localidades onde, provavelmente o chefe da família havia conseguido emprego, o qual o salário já estava em grande parte contado para pagar o aluguel. Ao perceber a precariedade da habitação, as famílias muitas vezes se empenhavam para a mudança a uma melhor residência, deixando assim os *conventillos*. Porém, como o custo de vida era muito elevado, também devido aos altos valores do aluguel, essas famílias podiam acabar por permanecer naquela situação durante anos e anos, até encontrar melhores oportunidades de emprego ou economizarem o suficiente para se mudar.

2.5 Mudanças estéticas e arquitetônicas: Buenos Aires, a “cidade falsa”

Na primeira metade do século XIX, o cenário político não permitiu condições favoráveis para o desenvolvimento artístico na Argentina. As diversas disputas, primeiro pela independência nacional, e depois entre grupos que almejavam o controle interno, se prolongaram por meio século até que em 1852, com a derrota Juan Manuel Rosas, que acalmou as disputas internas. Posteriormente, com a federalização da cidade de Buenos Aires, em 1880, o país finalmente teve condições para se organizar internamente, o que levou ao início de um rápido processo de desenvolvimento. Por este fato, as décadas seguintes foram marcadas por uma grande onda de produção artística.

⁴⁸ Primeiro dos três hotéis construído com essa finalidade em parceria com a *Asociación Filantrópica de Inmigración*, fundada em 1857.

Em meio a todos estes acontecimentos existiu uma importante transformação nos padrões estéticos/artísticos do país. Para notar tal mudança, basta que analisemos a arquitetura de Buenos Aires no período que vai das duas últimas décadas do século XIX até as duas primeiras do século XX.

Até então o panorama portenho era marcado pela influência hegemônica do modelo arquitetônico colonial espanhol. Apesar de após a independência alguns edifícios públicos passarem a retratar algumas novas tendências estéticas, a grande maioria das construções portenhas e, sobretudo as residências particulares, carregavam ainda os traços do período colonial. No entanto, na segunda metade do século XIX, após o processo de organização nacional, o país adotou o modelo político liberal, iniciando um processo de europeização com foco nos padrões estéticos que haviam surgido nos países centrais, como França, Inglaterra e Itália, que influenciavam muito mais o desenvolvimento de vanguardas artísticas do que a velha Espanha. A partir daí, Buenos Aires forçadamente não hesitou em apagar de sua história monumentos e edifícios centenários, que expressavam muito de seu passado, em função de uma readequação estética.

Construções com grande valor histórico, como a velha Aduana, a casa da Vice-rainha, o edifício do Consulado e a *Recova Vieja* foram demolidos para dar lugar a construções novas. Tudo o que havia sido produzido, ou que lembrasse a estética ou os padrões do período colonial espanhol, passou a ser associado ao mundo rural e atrasado, não condizente com o futuro promissor almejado pela nova Argentina. Devido à mudança no padrão estético/artístico, o arquiteto Federico Ortiz chamou a arquitetura produzida nesse período de “*La Arquitectura del Liberalismo*” (ORTIZ).

Junto com a grande onda de imigrantes também chegaram ao país centenas de arquitetos e profissionais da construção civil vindos de França, Itália ou Inglaterra. Cientes das oportunidades que encontrariam em terras platinas e que lhes eram negadas em suas terras natais, estes arquitetos aos poucos foram modificando a fisionomia portenha. Para facilitar o processo de reconhecimento de títulos acadêmicos e autorizações de ofício, foi criada no ano de 1875 uma lei que reconhecia os diplomas estrangeiros, agilizando a inserção daqueles recém-chegados que buscavam trabalho. Dos inúmeros profissionais que aportaram destacaram-se Francesco Tamburini (italiano), Fray Luis Giorgi (italiano), Hans Schimit (alemão), Julio Dormal (belga), Teodoro Donati (suíço), além do italiano crescido na Argentina, Juan A. Buschiazzo. Claro que nesse levantamento também é necessário recordar dos vários profissionais

argentinos e uruguaios que foram profundamente influenciados pela chegada de seus pares vindos do velho mundo. Pela diversidade das origens nacionais há que se perceber que a principal característica da arquitetura portenha deste período foi exatamente o ecletismo.

Neste momento, o mundo vivia uma grande influência do estilo produzido no Segundo Império francês, de Napoleão III, e pela *École des Beux Arts*, que combinava um fundo classicista com neobarroquismo (BUSCHIAZZO, 1971. 31). O centro de todas as atenções, então núcleo do pensamento artístico oitocentista era Paris, que já havia sido palco de diversas reformas urbanísticas e que, neste período, atravessava mais uma delas, dessa vez levada a cabo por George Haussmann, Prefeito do Departamento do Sena e figura de confiança do imperador. À semelhança de Paris, Buenos Aires teve também seu próprio Haussmann, nesse caso o já citado Torcuato de Alvear, e suas ondas de reformas urbanas.

No caso portenho, a confluência dos vários estilos arquitetônicos existentes no período, tais como o Neoclassicismo, o Art Nouveau ou o Neogótico, fez com que surgisse uma série de obras que podem ser caracterizadas como de estilo eclético, porque se apropriavam de diversos elementos de diferentes correntes. Talvez a obra que melhor sirva de exemplo para retratar esse ecletismo seja a Casa Rosada, sede do poder executivo e um dos edifícios mais emblemáticos do país até os dias de hoje. Construída entre os anos de 1876 e 1898, a partir do projeto do italiano Francesco Tamburini, terceiro arquiteto escalado para a construção, o edifício, que é peculiar por natureza, imortaliza uma tentativa de apagar o passado colonial sobrepondo-o com um verniz europeu, mas que, na verdade, não apaga o que ali estava, apenas a marca da mescla, mais uma vez.

A nova sede do poder executivo, residência oficial do presidente da república, foi construída a partir da união de dois edifícios. No terreno da atual Casa Rosada existiam dois edifícios, a antiga casa de governo e o edifício dos correios. Tamburini teve então a ideia de unir as duas estruturas com a construção de um arco triunfal ao estilo romano, além de erguer ao fundo um grande conjunto de cômodos e aposentos no modelo palaciano. O resultado foi um edifício extremamente original, com traços do Classicismo, do Neobarroquismo e forte influência italiana.

Duas outras obras também são exemplos emblemáticos para a compreensão deste período histórico e da mudança por ele produzida. O primeiro deles foi o Edifício do *Congreso Nacional*, inaugurado no ano de 1906, e até então a maior e a mais cara

construção da história do país. Projetado pelo italiano Vittorio Meano e inspirado no prédio do congresso nacional estadunidense, o *Palacio del Congreso de la Nación* da Argentina reúne, como de costume, variados elementos e impressiona pela sua beleza exagerada em detalhes, tornando-se quase uma “salada” de estilos, mas também por sua grandiosidade.

El Palacio del Congreso es una mezcla, conteniendo ensalada italiana e ingredientes griegos, romanos y franceses. Se tomó la columnata del Louvre. Encima le colocaron el Partenón. Sobre el Partenon lograron ubicar el Panteón y finalmente espolvorearon la torta con alegorías, estatuas, balastradas y terrazas...

Eso recuerda la confusión de la construcción de la Torre de Babel. (BUSCHIAZZO, 1971. P.44)

O segundo exemplo, é a construção do Teatro Colón, inaugurado no simbólico dia 25 de Maio de 1908, trata-se de uma das maiores casas de espetáculos do ramo no mundo, símbolo do orgulho e da opulência portenha. Também projetado por Vittorio Meano, o Teatro Colón representou, entre os trabalhos portenhos do arquiteto, aquele lhe rendeu maior fama e orgulho, pelo fato de ser a construção, que apesar de também receber influência de vários estilos, ter conseguido um resultado harmônico, monumental e realmente belo. Construído para substituir o antigo teatro Colón, demolido alguns anos antes, o projeto teve inspiração nas Óperas de Viena, de Paris e de Munique, e nas palavras do próprio arquiteto, conseguiu reunir elementos do Renascimento Italiano, da solidez alemã, além da graça e a variedade ornamental francesas. O que conferiu um aspecto simples, alegre, majestoso e sem demasiadas ostentações (BUSCHIAZZO, 1971. P.44).

Ao observarmos o enorme patrimônio deixado nesse período percebemos que existem duas características que se sobressaem: a monumentalidade e o exagero. Existe uma série de edifícios do período que além de utilizar muitos elementos distintos, também destacam-se pelo tamanho ou pela alto grau de detalhes existentes. Como, por exemplo, edifícios tipicamente parisienses de até dez andares, quando nesse período a capital francesa produzia-os até no máximo quatro andares. Já o melhor exemplo da monumentalidade tão presente nas construções desse período, se encontra não em Buenos Aires, apesar de ali também se verificar, mas na cidade de La Plata, distante cerca de 58 quilômetros da capital federal.

Fundada em 1882 para ser a capital da Província de Buenos Aires, e dividir um pouco do poder político monopolizado pela capital homônima, La Plata foi construída

para ser uma cidade monumento. O então governador da província, Dardo Rocha, encomendou a construção de uma cidade planejada, distribuída ao longo de um grande retângulo e cortada por grandes quarteirões e largas avenidas. A grandiosidade se vê em construções como a *Catedral de la Inmaculada Concepción*, templo de 112 metros de altura, projetado ao estilo Neogótico e que pode ser vista a quilômetros de distância. Havia uma tentativa tão perceptível de grandiosidade e opulência, que até mesmo a arquitetura industrial de Buenos Aires, já no início do século XX, parece inspirada em modelos palacianos europeus. Ao recorrer a região sul da cidade, observando construções como a Usina Dr. Carlos Givogri, projetada pelo arquiteto Jose Molinari, e mais se assemelha a uma catedral católica do que a uma usina de energia.

O período da chamada “Arquitetura do Liberalismo” contribuiu fortemente para a formação da identidade argentina, e passou a simbolizar o esplendor de uma sociedade e de um tempo de inusitado crescimento econômico. No entanto, este esplendor portenho carrega consigo a marca de certa *desfuncionalidade*, fato que resulta da inerência de uma necessidade de se espelhar nos estilos europeus vigentes. Este espelhamento acabou por gerar em Buenos Aires o efeito, comum à cidade que insistentemente tenta copiar modelos estéticos a partir de uma arquitetura historicista, de levantar e construir centenas de edifícios no fim século XIX e XX com uma linguagem e uma finalidade que condizem, na realidade, muito mais com o século XVIII.

Tal *desfuncionalidade* resulta do fato de que estes edifícios, junto a este novo padrão estético, foram construídos muito mais em função do capital simbólico que proporcionam do que por seu valor e utilização material. Como o capital simbólico tende a ser adquirido (ou comprado) por aqueles que são possuidores do capital econômico, a elite local tenta comprar o seu prestígio ao imitar o que fora criado para a burguesia européia. O fato é que a maioria de toda produção arquitetônica desse período carrega uma série de elementos de caráter meramente simbólico, detalhes que podem passar despercebidos, mas que revelam a importância de se criar uma semelhança correntes artísticas e elites de países distantes. Por exemplo, detalhes como colunas gregas que não estão ali para sustentar a estrutura, mas sim apenas por remeterem à Grécia Antiga, edifícios que possuem entradas exclusivas para empregados, sendo que no fim do século XIX isso já praticamente não existia e, até mesmo, de edifícios industriais que mais se assemelham palacetes, ostentando torres altas e entradas imponentes.

A chamada “*burguesia terrateniente*” portenha, de certa forma, tentou recriar os espaços e os ambientes de uma antiga nobreza europeia, mas num momento em que a maioria dos países europeus já haviam se livrado de suas nobrezas. Para um observador desavisado Buenos Aires pode parecer uma “cidade europeia”, porque possui realmente, um grande e particular patrimônio arquitetônico. No entanto, com um olhar mais atento percebe-se que a chamada “Arquitetura do Liberalismo” acabou criando uma cidade “falsa” em vários aspectos, na medida em que o que foi produzido no período teve como finalidade copiar um modelo anterior.

Para sair desse paradoxo estético, que nem de longe incomodou a imponência de Buenos Aires até os dias de hoje, torna-se interessante lembrar das palavras do uruguaio Angel Rama. Segundo o autor, quando na história urbana, e principalmente na história da América Latina, houve uma tentativa de copiar um modelo, quase sempre o modelo europeu, existe na realidade uma tentativa de superá-lo (RAMA, 1983). Portanto Buenos Aires não tentou apenas copiar Paris, Viena, Berlim, Londres ou Milão, inconsciente ou conscientemente estava, na realidade, tentando superá-las.

2.6 Uma cidade, vários cenários

Em meio a toda essa transformação estética a cidade também vai se tornando ambiente cada vez mais ambíguo e diversificado. A arquitetura pode revelar esse traço, mas as disposições sociais também podem. De um lado existem os palacetes, do outro os *conventillos*, ao norte o francês, ao sul o *cocoliche*. Buenos Aires foi resultado de dois processos que lhe moldaram desde então, que misturaram e confundiram origens, padrões, hábitos e comportamentos: a mescla e a transculturação.

Percebe-se que, com o aprofundamento do embate social, junto à multiplicação dos *conventillos* e da população marginalizada, começaram a florescer novos tipos de comportamentos, cotidianos e políticos, ao redor desse elemento habitacional. Cabe a este trabalho, então, buscar também as forças motivadoras desse processo. Muito da peculiaridade desses movimentos e fenômenos estudados podem ser analisados como fruto daquilo que Beatriz Sarlo (2008) chamou de sociedade de mescla para apontar a Buenos Aires das primeiras décadas do século XX, na qual confluem diversas perspectivas e culturas dando origem a algo novo, ainda sem denominação, sendo

necessário mais tempo para que essa confluência de histórias, nacionalidades, ideias e saberes se torne uma só face.

Por ser um fenômeno recente essa mescla tornou-se algo muito perceptível e justifica o uso de adjetivos como “babélico” para descrever sua realidade. Essa ideia de confluência traz à tona outro conceito chave deste trabalho para uma análise daquela sociedade portenha da virada do século, e também para o entendimento do que foi o fenômeno do *conventillo*, junto com o advento de uma cultura política de caráter marginal que o caracteriza. Para isso, retornamos ao conceito de *Transculturação*, tal qual construído por Angel Rama. Fruto de uma confluência e interação de duas ou mais culturas num mesmo ambiente, este acontecimento permitiria o surgimento de um novo aspecto, de caráter *sui generis*, que toma forma a partir de seus modelos originários sem, ao mesmo tempo, se confundir com qualquer um deles (RAMA. 2015).

Logicamente, o elemento de *Transculturação* pode ter estado presente em várias localidades e/ou momentos históricos, entretanto em certos casos o processo aconteceu de modo mais intenso, propiciando o nascimento de elementos com características de natureza profundamente particular. O próprio *conventillo* mostra por si só um ambiente de intensa diversidade, a começar pela origem dos imigrantes e também pelos idiomas falados no dia-a-dia. Mesmo com a maioria dos recém-chegados sendo provenientes da Itália ou Espanha, onde a proximidade cultural facilitava o entendimento com o novo país, havia também um menor número de imigrantes originários de países como Alemanha ou França, além de outros tipos mais “exóticos”, vindos do leste europeu, como a Rússia, e, entre estes, também alguns grupos judeus. Nesses últimos exemplos, a adaptação encontrava ainda mais dificuldades e fazia com que o ambiente de convivência cotidiana enfrentasse uma série de desafios.

Em contrapartida, na medida em que os anos passavam a mistura se acentuava, e Buenos Aires ganhava cada vez mais ares de cidade cosmopolita, permitindo o surgimento de expressões culturais, políticas, artísticas e linguísticas que eram evidência pura dessa transformação. Um desses exemplos é o aparecimento do *cocoliche*, uma língua informal, surgida a partir da mistura do espanhol com o italiano, ainda muito citada como exemplo da forte influência da imigração italiana na formação da Argentina. Claro que colocando dessa forma, à primeira vista, parece que este processo foi vivenciado de um modo geral por todos aqueles que habitavam a cidade, porém esta experiência teve lugar principalmente no que Rama chamaria de *cidade real*, ou seja, aquele meio urbano mais distante da centralidade e da oligarquia, sempre posto

à mercê da realidade crua, onde as benesses e privilégios da *cidade letrada* formal e fiel à gramática do espanhol metropolitano não chegavam (RAMA, 1985, p.60-63). Também por isso, a metáfora das duas cidades em grande medida se confunde com a realidade, a ponto de a própria historiografia apontar a existência de duas cidades para exemplificar a desigualdade urbana (FERRERAS, 2006. P.35)

Outro paralelo interessante ocorre em relação à ideia de *Cidade Rebelde*, colocada por David Harvey para a análise da conjuntura recente de cidades em escala global que vêm apresentando fortes movimentos contestatórios, trazendo à tona novamente o tema do direito à cidade, abordado décadas antes por Henri Lefebvre (LEFEBVRE, 1967). Nesse momento, ao menos dois pontos se fazem fundamentais para se entender a natureza de fenômenos urbanos de natureza contestatória, e no caso aqui abordado, também no que diz respeito ao ocorrido envolvendo os *conventillos*. O primeiro se faz em relação ao logradouro de nascimento desse tipo de luta social, na qual segundo Harvey, a questão do direito à cidade, da luta por apropriação, por ocupação do espaço urbano por parte da população, de modo algum nasce em berço acadêmico ou intelectual, mas sim nas ruas, nos bairros abandonados, e no protesto às vezes solitário daqueles sujeitos tidos como “invisíveis” (HARVEY, 2014, P.15). Em segundo lugar, e talvez ainda mais importante, a constatação de Harvey quando este diz o quão raros e passageiros são estes movimentos de caráter espontâneo e alternativo surgidos em meio paradigma do desenvolvimento capitalista chamado urbanização (HARVEY, 2014, P.23-24).

Movimentos como o da mobilização dos inquilinos são raros em sua ocorrência, mas semelhantes entre si no que se referem a sua força. Se mesmo depois de 100 anos a Greve de Inquilinos tem seus feitos lembrados por um Jornal como La Nacion (2007), isso significa que trata-se de um acontecimento e de uma importante expressão no panteão histórico e social de um país repleto de mobilizações. Tamanha a ousadia e força do movimento, se faz necessário averiguar as razões dessa profunda importância e impacto que determinaram que aquele movimento se tornasse um acontecimento tão marcante. Nesse aspecto, baseamo-nos no fato que ele carrega consigo algumas características peculiares que fazem com que seja passível de ser destacado. Uma dessas características se baseia na possibilidade da ocorrência de um raro processo de *inversão simbólica*, em que todo o imaginário depreciativo criado pela imprensa desde as décadas de 1870 e 1880 acabou convertido em elemento de empoderamento, contribuindo decisivamente na construção de uma identidade marginal utilizada pelos

que ali viviam. Esse empoderamento pode ser analisado através da ideia de *simulacro* (BAUDRILLARD, 1981, p.151), onde tudo aquilo que transformou aqueles indivíduos em débeis e indesejados, a partir de certo momento, os transformou em sujeitos fortalecidos e perigosos. A aversão e o distanciamento que a elite portenha carregava em relação aos conventillos de outrora progressivamente vai se tornando um receio, um temor de que possam, algum dia, encabeçar uma mobilização que ameaçasse a estrutura social e a hierarquia estabelecida. De alguma forma, o fato de estes indivíduos quererem sair dessa situação de pauperismo e miséria incomodava aqueles que defendiam a manutenção de um *status quo*.

2.7 Suburbanização como complemento do projeto urbano

A partir de 1914 Buenos Aires entrou naquela que seria sua primeira etapa de suburbanização. Nesse momento em diante a população que habitava os *conventillo* e geralmente vivia nas cercanias da região central se encontrava no início de um processo de migração rumo aos subúrbios da cidade. Processo esse que durou até por volta de 1930 (ROMERO-ROMERO, 2000. P.69).

No início do século XX algumas mudanças que favoreceriam essa migração já podiam ser notadas, como foi o caso da expansão do sistema de bondes elétricos da cidade. O primeiro deste tipo começou a funcionar no ano de 1897, que em sua viagem inaugural partiu da *Plaza Itália*, na região do Bairro de *Palermo*. Mesmo não sendo a região mais habitada, nem a mais necessitada de transporte público, esta zona foi contemplada com o primeiro bonde elétrico porque era uma região estratégica, residência das famílias mais ricas de Buenos Aires, local de destino da elite portenho após a epidemia de febre amarela de 1871. Além do mais, para que um transporte desses pudesse funcionar era necessário haver uma boa rede de eletricidade, coisa que *Palermo* já possuía. O próprio fenômeno da eletricidade, antes de ser considerado natural, produziu uma série de transformações na cidade e nos costumes portenhos, tendo tido um papel importante no processo de metropolização⁴⁹.

A expansão dos sistemas de bondes aconteceu de forma relativamente rápida, apesar de sempre atrasada em relação ao crescimento demográfico da cidade. No ano de

⁴⁹ LIERNUR, Jorge F.-SILVESTRI, G. El umbral de la metrópolis. Transformaciones técnicas y cultura en la modernización de Buenos Aires (1870-1930). Editorial Sudamericana. Buenos Aires, 1993.

1873 a rede de bondes (*tranvia*), funcionando ainda com tração animal, cobria apenas a região central das proximidades da *Plaza de Mayo*, uma parte muito pequena do *Barrio Norte* e da região Sul, além de ligar o centro à região de *Flores*. Entre 1876 e 1907 o sistema foi administrado pela *Compañía de Tranvías Anglo Argentina (CTAA)*, mais um exemplo do capital inglês presente em território argentino.

Em 1895 a expansão do sistema já estava em curso, com os bondes cobrindo uma área muito mais ampla na região central e do interior da cidade, alcançando bairros um pouco mais afastados como *Villa Crespo*, *Floresta*, *Belgrano* e *Chacarita*. Em 1909, após uma terceira onda de expansão, o *tranvía* portenho passou a chegar a bairros e regiões distantes da zona central, como os bairros de *Nueva Chicago*, *Nueva Pompeya* e *Villa Modelo*⁵⁰. Este processo de ampliação do sistema tranviario acompanhou o desenho das linhas férreas, que pouco antes também haviam se expandido. Quando comparamos as primeiras linhas férreas e as primeiras linhas de bondes em Buenos Aires percebemos que elas correm quase que paralelamente, tamanha foi a sincronia de seus projetos de construção.

A conexão existente entre o centro e os subúrbios, possibilitada pelos bondes, juntamente com a ampliação da rede elétrica começaram a dar a infra-estrutura básica necessária para que os bairros mais afastados pudessem ser povoados. Este fator foi decisivo mesmo que serviços como água encanada e saneamento básico ainda estivessem bastante incompletos. O grande trunfo nas vendas de terrenos era a sua proximidade com a linha de bonde e o tempo necessário do deslocamento até a região central e a *Plaza de Mayo*. Essa condição fez com que grande parte da massa trabalhadora que chegou ao país na grande onda de imigração, que ficou presa ao inquilinato precário em seus anos iniciais, começasse finalmente, pudesse finalmente ir a busca de condições melhores de moradia, mesmo que para isso tivessem que se afastar da região central e dos principais postos de trabalho.

Apesar da maioria das famílias ter se mudado para continuar pagando aluguel, o surgimento, nesse mesmo período, de pacotes de financiamento imobiliário possibilitou, mesmo que timidamente, a aquisição da residência própria. Essa possibilidade tão aguardada se tornou real para um número pequeno de família pelo fato de que a grande maioria da classe trabalhadora não podia, ainda, arcar com uma dívida tão grande de financiamento. Ainda mais considerando quanto ao salário e a seu poder aquisitivo, já

⁵⁰ SCOBIE. 1977. P.207.

que a flutuação e a desvalorização do ganho era uma realidade enfrentada pelos trabalhadores⁵¹.

Num primeiro momento, as regiões próximas ao centro foram as primeiras a serem povoadas, mas aos poucos bairros distantes e até então desabitados se tornaram centro populacionais em expansão, recebendo principalmente as famílias em condições de habitação precária vindas da região central.

Al Sud y AL Oeste, en los bañados y bajos de Barracas, San Cristóbal, Flores, Vélez Sarsfield y San Carlos; en el Norte en los anegadizos de San Bernardo, Palermo, cuenca del Arroyo Maldonado, barrio de Darwin y Álvarez Thomas, Sportiva, bajos de Belgrano, de Saavedra, etc., se han levantado en pocos años numerosos centros de población y edificación que carecen en general y salvo raras excepciones, de servicios de aguas corrientes, empedrados, desagües y alumbrado (apud ROMERO-ROMERO, 2000. P.70)

Esta nova fase urbana em Buenos Aires decretou o declínio derradeiro do fenômeno do *conventillo* como a principal forma de habitação da classe trabalhadora portenha e dos imigrantes recém-chegados. Na realidade, até os dias de hoje, ao percorrer bairros como *La Boca* ou *Barracas*, ainda podemos nos deparar com alguns poucos e velhos *conventillos*, quase abandonados, que agora representam apenas uma sombra daquilo que existiu em fins do século XIX e início do XX. O auge dos *conventillos* também foi o auge do período de conflitos políticos e da luta de classes na Argentina. Por isso esta conexão tão forte com socialismo e, principalmente com anarquismo, de maneira que os dois permaneceram conectados em sua radicalidade, sua “desorganização organizada”, em sua coragem para o embate político e em sua marginalidade.

O *conventillo* se constitui como um fenômeno urbano passageiro, típico de Buenos Aires e de outras capitais latino-americanas do início do século XX, que à semelhança das grandes cidades estadunidenses e europeias também tiveram suas *workhouses*⁵². Sempre que parecer esquecido, o *conventillo* poderá ressurgir sendo lembrado como um dos tantos espaços de resistência, de luta e de esperança de uma América-Afro-Indo-Latina. Ele também deve ser lembrado como um fenômeno

⁵¹ ROMERO-ROMERO, 2000. P.72.

⁵² *Workhouse* é o nome dado à forma de habitação surgida na Inglaterra no período da Revolução Industrial (século XVIII) que se constituía como uma espécie de pensionato para trabalhadores. Caracterizada por suas péssimas condições, a vida nas *workhouses* acabava tornando os trabalhadores sujeitos de uma condição de total pauperização.

efêmero, mas de demasiada intensidade, em função do seu impacto e do seu legado para sociedade Argentina.

CAPITULO III

Dos primórdios da mobilização à derrocada dos movimentos populares

3.1 Anarquismo Vernacular Portenho

Em meio às variadas correntes contestatórias, como o Socialismo ou o Sindicalismo, o Anarquismo ocupava a posição mais marginalizada. Isso porque era a vertente mais radical dentre seus pares, além de caracterizar-se por uma total oposição à ideia e ao conceito de Estado-Nação.

O fato Buenos Aires ser a capital de um país que atravessava um rápido crescimento capitalista, expondo sistematicamente oportunidades como também várias mazelas sociais, aliado a um Estado que ainda construía suas estruturas de poder contribuiu para uma rápida difusão e fortalecimento do movimento libertário portenho.

Dentre as regiões da América Latina que possuíram movimentos operários fortalecidos, podemos citar o México, o Brasil, mas, principalmente, a Argentina, sendo que isso se deve muito ao aporte anarquista. Por isso talvez o mais vigoroso movimento anarquista de todos os países da região tenha estado presente na Argentina do início do século XX em cidades como Buenos Aires e Rosário (SURIANO, 2005. P.24).

Em função de seu caráter vernacular, o anarquismo portenho possuiu características que o diferenciavam da sua matriz original européia e mais ainda do seu co-irmão Socialismo. Juan Suriano caracteriza o Anarquismo na Argentina, como parte central dentro de um tipo de “militância de urgência”, que por vezes agia a partir de um imediatismo precipitado, que buscava de todos os modos a destruição completa do Estado, mas que, também por isso, alcançou tanta adesão popular em seus anos de maior força. É necessário assinalar que diferentemente do Socialismo, a vertente libertária possuía uma tendência a depreciar a análise teórica e dar mais importância a ação, o que lhe permitia uma concepção mais ampla da luta social. Essa característica proporcionou, com o passar dos anos, uma posição de destaque em meio às reivindicações populares (2005. P.14).

Ambas as ideologias revolucionárias chegaram à Argentina em meados da década de 1870, junto com alguns poucos imigrantes europeus que àquela altura se aventuravam nas longínquas terras platinas. Um dos desafios iniciais da organização de movimentos de contestação foi a dificuldade imposta pela persistência da identidade nacional sobrepondo outras identidades, como, talvez a mais significativa, a noção de classe social. Como diz Ricardo Falcón, a tensão entre a persistência da identidade

étnica e a formação de uma identidade de classe se manterá durante várias décadas na Argentina (1999, P.19). Nesse sentido o surgimento das associações mutualistas políticas ou laborais foi decisiva para que houvesse outro elo identitário para além da origem étnica. A partir da segunda metade do século XIX começam a surgir partidos e instituições que almejam o fortalecimento destes grupos numa certa ação de reivindicação. Juntamente com estas organização surgiu aos poucos um tipo de literatura e de imprensa socialista, com isso alguns jornais com temática política e trabalhista começaram a circular direcionados às camadas mais pobres dos trabalhadores, como no caso do periódico *El Artesano*, ainda no ano de 1863. Logo surgiram outros periódicos mais politizados e já auto-declarados socialistas, como o caso de *Le Revotionnaire*, de *El Socialista*, de 1877, e *El Descamisado*, de 1879. Estes jornais ainda mantinham uma interpretação primitiva e, às vezes, ingênua das práticas do Socialismo, que chegavam de forma lenta pelo oceano. Alguns anos antes, em 1872, também haviam sido criadas as primeiras seções da Associação Internacional dos Trabalhadores, ou Primeira Internacional, em Buenos Aires.

Após um contato estabelecido entre organizações trabalhistas de Buenos Aires com o conselho geral em Londres, os portenhos receberam a incumbência de tornar-se a referência da organização na América do Sul. Para isso, certamente teve influência nesses acontecimentos a chegada de inúmeros exilados franceses que haviam participado da Comuna de Paris, e que mesmo longe de seu país buscavam dar sequencia nas atividades da histórica revolta de trabalhadores ocorrida na França um no antes. Mesmo por isso a associação é fundada como Seção Francesa da Associação Internacional de Trabalhadores, persistindo por isso uma organização baseada na nacionalidade que em poucos meses serviu de argumento para a fundação de duas outras seções, a italiana e a espanhola, todas subordinadas a um Conselho Federal instalado também em Buenos Aires. O rápido crescimento de membros pode ser explicado pelo recrutamento de grandes números de exilados e imigrantes, o que consolidou rapidamente as seções argentinas diante de suas co-irmãs européias.

No entanto, alguns fatores impediram que a Primeira Internacional seguisse o caminho promissor que parecia ter encontrado em Buenos Aires. Dentre alguns fatores apontados estariam a falta de integração entre as nacionalidades, que dividiram as seções a partir o país de origem, a pressão da imprensa conservadora que alertava o perigo da ocorrência de algo semelhante à Comuna de Paris em terras platinas, e também a repressão policial que após uma manifestações calorosas nos primeiros meses

de 1875 invadiu a sede da organização, aprendeu material político, e encarcerou vários membros integrantes, colocando um capítulo final no braço argentino da Primeira Internacional, que se dissolveria em definitivo no ano seguinte seguindo a tendência global de esgotamento daquelas provenientes da primeira organização internacional de trabalhadores (FALCÓN, 1999, P.33).

A participação política na Argentina do século XIX em certa medida extrapola os canais de participação eleitoral, isso porque a população em sua maioria teve de encontrar outros meios de inserção no processo político que não por meio do voto. Mesmo com o voto universal já existindo desde 1853 na Argentina⁵³, a participação direta no processo eleitoral, e o voto em si, ficou sempre restrita às elites oligárquicas que seguidamente tentavam afastar o povo do meio cívico. A consequência foi um grande desinteresse popular pelo voto, que era considerado como um elemento simbólico dentro de um jogo de cartas marcadas chamado processo eleitoral, o qual apenas referendava o que já estava decidido pelas disputas de poder prévias entre os ditos candidatos. Desse modo, as camadas populares construíram mecanismos de representação independentes do voto para influenciar e interagir politicamente. Como exemplos desses mecanismos, podemos citar primeiro as organizações mutualistas, que antecederam os sindicatos, em segundo lugar as instituições de imigrantes, como hospitais e entidades representativas, e em terceiro lugar podemos citar os jornais com diversas temáticas e ideologias que a partir de certo ponto surgem como elemento chave na representatividade.

Em 1885, chegou à cidade o anarquista italiano Errico Malatesta, que nos anos seguintes seria um dos principais militantes e expoentes da corrente libertária em terras argentinas. Malatesta ajudou a fundar e escreveu durante quatro anos no periódico *Questione Sociale*, jornal que serviu de referência ao anarquismo portenho em seus anos iniciais. Na década posterior conforme a imigração aumentava a difusão destas ideias contestatórias também ganhava força. Logo estas ideias passaram a ter um papel fundamental, não apenas na formação e atuação política, mas também por ajudar na construção de novos espaços de sociabilidade entre os trabalhadores portenhos.

⁵³ Segundo Hilda Sabato, apesar de a *Ley Saenz Peña* de 1912 ser reconhecida como aquela que instituiu o voto universal na Argentina, o país já possuía voto universal desde 1853, e na Província de Buenos Aires desde 1821. (SABATO, 1993. P.92)

(...) La capacidad de ayuda solidaria del movimiento anarquista se constituyó en un rasgo distintivo que, con seguridad, debe haberse convertido en un fuerte atractivo para los trabajadores argentinos.

Hay que aclarar que el Anarquismo no estuvo sólo en esta tarea; fue, junto al Socialismo, el que construyó ese espacio de sociabilidad pública donde los trabajadores articularon las instituciones que los dotarían de voz e identidad. Esa red institucional estaba compuesta de sindicatos, una multitud de periódicos, hojas y folletos que conformaban la prensa obrera, bibliotecas, escuelas, centros culturales, asociaciones mutuales, grupos filodramáticos y musicales. (SURIANO, 2005. P. 16-17)

Algumas instituições fundadas pelo movimento libertário tiveram grande importância no papel desempenhado pela corrente ideológica na Argentina. Ao menos uma dezena de escolas podem ser citadas, como a *Escuela Libertária de los Corrales*, que se localizava no bairro de *Mataderos*, ou a *Escuela Libertária Nueva Humanidad*, no bairro *Parque Patricios*, que brigou setenta e nove crianças em 1900 e setenta em 1901⁵⁴. Um pouco depois surgiram, também, a *Escuela Laica de Lanús*, em 1906, e o *Comité de Escuelas Libres*, em 1906.

Todos esses espaços de educação tinham como forte influência o projeto, e o conceito educacional, desenvolvido pelo anarquista espanhol Francisco Ferrer⁵⁵. Denominado “*Escuela Moderna*”, o projeto deu origem a um movimento internacional que levou à criação de várias escolas libertárias. Suas principais características refletiam os princípios anarquistas de cooperação, racionalismo e anticlericalismo, tendo como principal foco a criação de um modelo educacional alternativo ao modelo capitalista hegemônico. Na Argentina este projeto teve bastante força na década de 1900, no entanto, a presença do Estado na educação era, apesar de tudo, um legado do período oligárquico que via na Escola pública um elemento decisivo para o desenvolvimento da nação, como, também, para o controle social. Isto fez com que houvesse, em poucos anos, um desgaste desse modelo alternativo de educação.

Juntamente com as escolas libertárias foram fundados centros de estudos sociais e círculos de estudiosos do anarquismo que durante alguns anos funcionaram como propulsor da militância e dos ideais anárquicos. Entre 1902 e 1910 chegaram a existir mais de uma dezena de centros de estudos em toda a cidade de Buenos Aires,

⁵⁴ HERRERA, Diego Ariel. *Escuelas Libertárias en Argentina (1898-1915)*.

⁵⁵ Francisco Ferrer i Guàrdia (1859-1909) foi um anarquista espanhol de destaque por seu engajamento e militância política, mas, também, por sua atuação como pensador da chamada Pedagogia Libertária. Tendo sido um dos organizadores dos protestos que resultaram no sangrento episódio conhecido como “*Semana Trágica*”, em Barcelona, foi acusado e condenado à morte. Passou, então, a ser símbolo e mártir do anarquismo internacional.

espalhados por bairros como *Barracas, La Boca, Villa Crespo, San Telmo, Almagro, Once, San Cristobal e Parque Patricios*.

O principal jornal anarquista de Buenos Aires foi fundado em 1897 com o nome de “*La Protesta Humana*”⁵⁶, reunindo entre seus editores os principais nomes da militância local. Tratava-se de um periódico de grande circulação, chegando a atingir a marca de 100.000 exemplares vendidos diariamente no ano de 1904. Poucos meses antes, em novembro de 1903, o jornal mudou seu nome para “*La Protesta*” apenas, denominação que mais se popularizou no meio operário.

Alternando períodos de publicação quinzenal e de publicação semanal, *La Protesta* seguiu sendo como uma espécie de voz do movimento anarquista portenho, até Maio de 1910, quando o jornal foi fechado por conta da onda de repressão imposta pelo governo de José Figueroa Alcorta após os protestos do centenário da independência. Mesmo tendo retornado dois anos depois, o periódico, assim como o movimento anárquico portenho, jamais recuperou o mesmo patamar de influência e circulação de tempos anteriores.

O Anarquismo também desempenhou protagonismo entre as organizações sindicais do período, como no caso da *Federación Obrera Argentina (FOA)*, fundada em 1901, mas que três anos depois mudou seu nome para *Federación Obrera Regional Argentina (FORA)*, num claro alinhamento com o ideal anarquista anti-nacional. À esta altura a crescente tomada de posicionamento dentro da então *FOA* já havia dado início a uma cisão dentro do movimento proletário argentino, que fez aumentar a clara oposição, na realidade já existente, entre anarquistas e socialistas/sindicalistas. A saída dos militantes socialistas da *FORA* deu origem a *Unión General de los Trabajadores (UGT)*, criada em 1902. Ao longo desse período a mobilização dos trabalhadores estava em alta, e teve dentre suas consequências uma série de conflitos com os empresários e representantes da elite capitalista. Ao longo dessa primeira década do século XX ocorreram sete greves gerais, além de inúmeras greves parciais, todas com grande participação e protagonismo dos anarquistas. Em sua maioria ocorreram como forma de

⁵⁶ Apud CeDinCI: http://catalogo.cedinci.org/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=47475&query_desc=kw%2Cwrdl%3A%20la%20protesta%20peri%C3%B3dico (acessado em 26/01/2017)

-Catálogo de publicaciones políticas, sociales y culturales anarquistas (1890-1945), Buenos Aires, Federación Libertaria Argentina. Biblioteca-Archivo de Estudios Libertarios, 2002.

-Nettlau, Max, Contribución a la bibliografía anarquista de la América Latina hasta 1914, Buenos Aires, Certamen Internacional de La Protesta, 1927.

-Suriano, Juan, Anarquistas, Cultura y política libertaria en Buenos Aires. 1890-1910, Buenos Aires, Manantial, 2001.

reivindicação por aumentos salariais, redução de jornada de trabalho para oito horas ou direitos sindicais. Os principais movimentos grevistas ocorreram nos anos de 1904, 1905 e 1909, este último, como já mencionado, resultou num violento embate entre polícia e manifestantes que resultou na morte de vários trabalhadores (SURIANO, 2005. P.31).

Como fica claro nas linhas anteriores, no período entre os anos de 1890 e 1910 o anarquismo portenho atingiu proporções gigantescas, chegando ao ponto de mobilizar a grande maioria da população operária e possuir poder suficiente para dar início a greves gerais ou mesmo paralisar a cidade por algum tempo, como ocorreu em diversos momentos.

É interessante perceber que, mesmo ocorrendo em paralelo, a ascensão, e o declínio, do movimento libertário em Buenos Aires está diretamente relacionada com o fenômeno do *conventillo*. Ao observarmos de perto veremos que o *conventillo* era uma forma de habitação e um ambiente mais favorável ao crescimento e difusão dos ideais libertários do Anarquismo do que de qualquer outra ideologia. Mesmo encravados na região central da capital do país, os *conventillos* eram um espaço distante do poder e dos braços do Estado. Pois ali as leis, as regras e os costumes não estavam ao alcance do poder e das diretrizes nacionais argentinas.

Devido à estreita ligação existente, o declínio do Anarquismo portenho, a partir da primeira década o século XX, aconteceu simultaneamente ao enfraquecimento do fenômeno dos *conventillos*. De modo que o fim e a decadência de um também pode ser partir do declínio do outro. Logicamente existem mais elementos para uma análise justa quanto ao enfraquecimento dos dois fenômenos. Quanto ao Anarquismo temos que assinalar a uma série de acontecimentos que constataram-se como uma verdadeira campanha de repressão implementada pelo Estado Argentino a partir de 1902, ano de criação da *Ley de Residência*, quando surgem uma série de instrumentos jurídicos que visam direta ou indiretamente a perseguição ao movimento libertário. Também chamada de *Ley Cané*, sobrenome do senador Miguel Cané, principal idealizador, a *Ley de Residencia* permitiu a expulsão de todo aquele imigrante que fosse considerado perigoso ou indesejado na Argentina. Tendo tido vigência por mais de cinquenta anos a lei só foi revogada no ano de 1958, no mandado do presidente Arturo Frondizi.

Ley de Residencia

Artículo 1º: El Poder Ejecutivo podrá ordenar la salida del territorio de la Nación a todo extranjero que haya sido condenado o sea perseguido por los tribunales extranjeros por crímenes o delitos comunes.

-Artículo 2º: El Poder Ejecutivo podrá ordenar la salida de todo extranjero cuya conducta comprometa la seguridad nacional o perturbe el orden público.

-Artículo 3º: El Poder Ejecutivo podrá impedir la entrada al territorio de la república a todo extranjero cuyos antecedentes autoricen a incluirlo entre aquellos a que se refieren los artículos anteriores.

-Artículo 4º: El extranjero contra quien se haya decretado la expulsión, tendrá tres días para salir del país, pudiendo el Poder Ejecutivo, como medida de seguridad pública, ordenar su detención hasta el momento del embarque.

-Artículo 5º: Comuníquese al Poder Ejecutivo"

A partir dessa formulação bastante simples, apenas com 5 artigos, a lei surgia da necessidade de um rápido e eficiente mecanismo jurídico de expulsão. Quase como se fosse feita às pressas a legislação constitui-se por um texto um tanto vago que não exemplifica nem esclarece o que seria uma “conduta que comprometa a segurança nacional ou que perturbe a ordem pública”. Uma hipótese para um texto tão generalizado e vaga pode ser a possibilidade que a lei tenha sido pensada exatamente desse modo pela enorme margem de ação que proporcionaria. Isso porque redigida sem muita objetividade de exemplificação ela permitira uma grande possibilidade de interpretação, cabendo sempre ao estado, aos poderes judiciário e executivo, determinar quando deveria haver sua aplicação.

3.2 A derrocada do anarquismo portenho

Ao longo de toda a primeira década do século XX essa repressão ocorreu de forma sistemática, porém, um tanto isolada, geralmente direcionada contra alguma mobilização grevista ou de protesto, mas o ponto de maior rigidez e endurecimento se concentrou principalmente nos anos de 1909 e 1910. Utilizando a justificativa da *Semana Roja*, período de vários dias que desencadeou uma greve geral marcada por inúmeros confrontos entre polícia e manifestantes, incluindo uma série de atentados e

justiçamentos, fato que desafiou o poder das elites e do Estado, o governo argentino iniciou uma caçada contra o movimento operário anarquista.

Ao analisar um dos principais atentados, a execução do Coronel Ramón Falcón, em Novembro de 1909, percebemos que o governo argentino se utilizou do grande impacto e comoção causado pelo episódio para aumentar a repressão contra os grupos militantes anarquistas (e também socialistas) operários a um nível nunca antes visto. A morte de um coronel de polícia num atentado (ou *justiciamento*, como dizem os anarquistas) era algo, até então, inimaginável para as fileiras do aparato policial ou da elite política do país.

Durante o período oligárquico se constata um alinhamento da Argentina com o capitalismo internacional, orientando sua economia para atividade de agro-exportação e sua política para o modelo liberal inglês. Nesse momento a Inglaterra se converte no maior parceiro econômico argentino, pois o país britânico era um dos principais destinos das exportações agrícolas, além de seus bancos financiarem o desenvolvimento argentino. A Inglaterra possuía grande influência, a ponto de tornar a Argentina dependente no que diz respeito ao seu desenvolvimento econômico. A produção agrícola estava vinculada ao capital dos bancos ingleses, e até mesmo o escoamento da produção, por meio das ferrovias construídas por companhias inglesas, cada vez mais demonstrava esse estreito vínculo.

Pela razão de manter grandes investimentos no país platino, a Inglaterra visava defender seus interesses e, sendo assim, acompanhava de perto tudo o que acontecia, mantendo apreensão quanto ao crescimento do movimento operário. Uma mostra disso se deu no ano de 1902, quando o periódico inglês editado em Buenos Aires denominado *The Review of the River Plate* expôs sua preocupação com a mobilização originada por estivadores do mercado de frutos que paralisou o porto da cidade e acabou desencadeando a primeira greve geral da história da Argentina. O jornal inglês atacou a *Federación Obrera Argentina*, visando defender os interesses dos grandes produtores e exportadores, além de cobrar uma ação imediata de repressão por parte do governo argentino na contenção do movimento e dos ideais anarquistas que representavam uma grande ameaça (SURIANO, 2005. P.29).

3.3 A Semana Roja

Sete anos depois o governo argentino sabia que uma repressão dura e definitiva já tinha o apoio e aprovação do setor oligárquico, como também dos representantes do capital inglês. Essa repressão começou a ser colocada na prática no episódio conhecido como *Semana Roja*, ocorrido no mês de Maio de 1909, quando várias ações policiais e confrontos resultaram na morte de dezenas de manifestantes. Esta caçada contra o movimento operário, especialmente contra o Anarquismo, iniciada com a *Semana Roja* passou para outro patamar após a morte do Coronel Ramón Falcón no mês de Novembro.

Para compreendermos todo este episódio é necessário voltar ao dia primeiro de Maio de 1909. Neste dia, como aconteciam todos os anos, seria comemorado o dia do trabalhador, por isso estavam programadas duas grandes manifestações. A *Federación Obrera Regional Argentina (FORA)* convocou uma marcha que sairia da *Plaza Lorea*, próxima ao *Congreso Nacional*, tendo como destino final a *Plaza Mazzini*, enquanto que o *Partido Socialista*, por sua vez, havia convocado um ato na *Plaza Constitución*. Ambas as manifestações estavam marcadas para o horário da tarde, e ocorriam de forma pacífica até que em determinado momento nas cercanias da *Plaza Lorea* se iniciou um confronto com o temido *Esquadrón de Seguridad*, aparelho exclusivamente repressor da polícia portenha. Enrique Dickmann, um notório dirigente socialista que se dirigia para a manifestação de seu partido testemunhou o início da confusão que resultou na morte de vários de trabalhadores.

“Antes de dirigirme a la manifestación socialista, resolví pasar por la Plaza Lorea, pues quise ver y apreciar la importancia y el espíritu de la manifestación anarquista, que se anunciaba sería turbulenta. Así fui testigo ocular de la terrible tragedia ocurrida (...) Vi a un orador subido a un farol, 2500 asistentes y junto a ellos cien agentes del Escuadrón junto al jefe de Policía. El orador termina su discurso y la marcha comienza a desplazarse hacia el Once. En aquel mismo instante se me acercó un funcionario policial y me invitó a que me retirara”. (...) Dickmann a sua vez se va hacia Plaza Constitución, pero al caminar cien metros escucha las descargas, vuela y ve la represión: “Los muertos y los heridos fueron recogidos rápidamente por las ambulancias de la Asistencia Pública, que al parecer estaban apostadas con anticipación en las calles adyacentes. Algunos bomberos armados de mangueras lavaron enseguida los charcos de sangre para borrar todo rastro del pavimento de la avenida” (FRYDENBERG-RUFFO, 2012. P.78)

Rapidamente a notícia da morte de mais de uma dezena de trabalhadores se espalhou, chegando pouco tempo depois até à manifestação do *Partido Socialista*. Num primeiro momento o sentimento por parte dos socialistas foi de apreensão, pois a polícia

seguia obstinada também em direção à manifestação da *Plaza Constitución*. A ordem policial foi de que a aglomeração se dispersasse sob pena de que o massacre se repetiria. No entanto, além de não obedecer as ordens policiais, mesmo com a ameaça iminente, os socialistas mantiveram a programação, permaneceram em ato, e passaram a ocupar-se de organizar uma imediata resposta à truculenta ação policial. No discurso do mesmo Enrique Dickmann, agora no ato socialista, percebemos já a tentativa de organizar uma greve geral como resposta, e também a cobrança da responsabilização do Coronel Ramón Falcón pelo massacre dos trabalhadores recém ocorrido.

Los manifestantes conocían ya las noticias y marchaban ‘agitando pañuelos empapados de sangre, clamando venganza (...) alguien lanzó la voz de que la manifestación debía disolverse allí mismo por temor a graves acontecimientos’ Esto mismo sugirió el pelotón de soldados del Escuadrón de Seguridad que acompañaba la manifestación:

Algunos miembros de Comité Ejecutivo, presentes allí, casi aceptaron la indicación, yo me opuse. Había que conducir, sucediera lo que sucediese, la gran manifestación socialista hacia la Plaza Colón, y allí votar el castigo de los culpables.

La marcha llega hasta Plaza Colón, se improvisa un palco y distintos oradores incitan a la huelga general. Miembro del Comité Ejecutivo i orador designado por el mismo, subo primero a la Tribuna; el discurso terminó de esta manera ‘Trabajadores y ciudadanos: como única respuesta al salvajismo gubernamental, debemos declarar la huelga general y exigir la renuncia del Jefe de los asesinos del coronel Falcón. Viva la huelga general’ (apud FRYDENBERG-RUFFO, 2012. P.78)

Pela noite os últimos detalhes foram acertados para assegurar a greve a partir do dia 3 de Maio (uma segunda feira). Ao longo dos oito dias seguintes a cidade viveu um clima tenso, uma espécie de “Estado de Sítio”, sendo que todos os dias havia alguma manifestação ou ato mercado, centenas de pessoas presas devido aos confrontos com a polícia. Foi mobilizado, até mesmo, um número de cinco mil militares para atuarem nas ruas na tentativa de proibir manifestações e encerrar a greve. A ordem era de reprimir violentamente se fosse necessário. Calcula-se entre 200.000 e 300.000 o número de grevistas, quantidade suficiente para paralisar a cidade e causar um forte impacto na produção e um grande prejuízo no bolso dos grandes empresários.

O maior de todos os atos acontece na terça-feira (4 de Maio), quando um número superior a 50.000 pessoas se reuniu para acompanhar a marcha fúnebre até o Cemitério Chacarita do enterro dos mortos do dia primeiro. Com o porto paralisado a renda aduaneira, que em dias normais alcançava a cifra de 590.000 pesos caiu para apenas 57.000, levando ao desespero as companhias exportadoras (FRYDENBERG-RUFFO,

2012. P.82). O próprio transporte público foi paralisado, já que a grande maioria dos bondes deixou de circular, gerando muito incômodo para a *Compañía de Tranvías Anglo-Argentina*. Os bondes que insistiram em circular acabaram sendo alvo de apedrejamentos. Em bairro de maioria operária como *La Boca* ou *Barracas*, a paralisação foi total.

Com o passar dos dias as manifestações foram diminuindo, a situação pareceu aos poucos retornar à normalidade, e no dia 8 de Maio o Comitê de Greve entra em contato com o então presidente do Senado, Benito Villanueva, para que este faça a mediação da negociação entre governo e grevistas para que se encerre a greve geral. O desgaste de uma semana intensa acabou fazendo com que ao final ambos os lados buscassem uma solução e um acordo.

A *Semana Roja* havia chegado ao fim, no entanto as consequências desses dias tão turbulentos ainda seriam sentidas por muito tempo. Em Novembro de 1909, ou seja, seis meses depois, como prova de que tudo o que passara não seria esquecido tão cedo, ocorreu outro episódio violento também como parte dos desdobramentos do massacre dos trabalhadores no primeiro de Maio, e a brutalidade policial. Foi no dia 14 daquele mês um jovem anarquista russo chamado Simón Radowitzky organizou um atentado contra o chefe da polícia portenha Ramón Falcón.

Falcón representava para os trabalhadores a expressão máxima da truculência do Estado argentino, sendo que este já havia demonstrado isso e agido com violência em diversos momentos, o massacre do primeiro de Maio havia sido mais uma das inúmeras ações de truculência repressora comandadas pelo Coronel Falcón. Na própria movimentação organizada pelos Inquilinos em 1907, a figura de Falcón se destacou no cumprimento à força de inúmeras ordens de desalojamento, responsáveis pela expulsão de várias famílias dos *conventillos*. Enquanto a figura do coronel representava para os trabalhadores e militantes um símbolo da repressão existente para garantir a implementação de um projeto sócio-político marcado pelas injustiças sociais, para a elite portenha e as camadas mais abastadas representava um exemplo de pulso firme, de liderança confiável, quase um sustentáculo da moral e da ordem. Falcón àquela altura possuía um vasto currículo, carreira militar e longos anos de serviço na polícia, tido como referência dentro da instituição policial. Por isso mesmo era comum encontrar nas revistas e jornais de assuntos entretenimento ou temas gerais, menções e fotos do Coronel Falcón marcando presença em eventos sociais comuns apenas para parte da

população portenha. Era de costume que revistas como *Caras y Caretas*, registrassem idas do ilustre policial ao teatro, bailes ou eventos semelhantes⁵⁷.

Dessa forma, quando Simón Radowitzky executou Ramón Falcón, usando uma bomba que foi atirada contra a sua carruagem, estava na verdade vingando todos aqueles que já tinham, em algum momento, sofrido nas mãos do coronel. Mesmo dividido quanto ao atentado, o movimento anarquista passou a ter em Radowitzky um símbolo daqueles anos, da luta contra a violência praticada pelo Estado. O jovem russo foi imediatamente preso e passou os vinte anos seguinte numa prisão em Ushuaia, extremo sul da Argentina, antes de ser expulso do país e seguir para o Uruguai, Espanha e finalmente México, onde veio a falecer no ano de 1956⁵⁸.

O acontecimento da morte do Coronel Falcón mostrou que definitivamente enquanto as demandas populares e as injustiças sociais não fossem corrigidas ninguém estria a salvo. O susto, aliado à necessidade de contar o crescimento do Anarquismo, Socialismo e do movimento operário, fizeram com que fosse elaborado um plano de resposta com o qual o governo contra atacaria de forma definitiva. O episódio deu início a uma onda repressiva que destruiu e saqueou diversas instituições operárias anarquistas e socialistas. A partir daí ocorreu o fechamento de periódicos (ver figura 12), prisão de militantes e a expulsão de muitos dos estrangeiros que estavam engajados politicamente⁵⁹.

3.4 Caçada contra o Anarquismo (1909-10)

No ano de 1910 a Argentina comemorava o centenário de sua independência, e para isso o governo argentino havia preparado uma série de eventos que tentariam colocar lado a lado um passado de coragem e glória, com um futuro promissor de um país que crescia rapidamente. Houve até mesmo a visita, feita a convite do governo argentino, da Infanta Isabel, tia de Afonso XIII, então rei da Espanha, que saudou a antiga colônia como uma espécie de exemplo para as demais.

O mês de Maio mais uma vez foi marcado por manifestações e conflitos, resultando na prisão de vários militantes anarquistas e socialistas. Porém, foi mais de um mês depois, no dia 26 de Junho que um acontecimento colocou medo nas elites

⁵⁷ CARAS Y CARETAS. (14/04/1907)

⁵⁸ Para mais informações: MARTI, Alejandro. Simón Radowitzky. Del atentado a Falcón a la Guerra Civil Española. Editor De la Campana. La Plata, 2010.

⁵⁹ FRYDENBERG, Julio – RUFFO, Miguel. La semana roja de 1909. Buenos Aires, 2012.

portenhas, trazendo de volta aquele sentimento de insegurança, de que ninguém estaria a salvo enquanto houvesse milhares de trabalhadores insatisfeitos. Nesse dia 26 de Junho militantes anarquistas colocaram uma bomba dentro do Teatro Colón, símbolo máximo da oligarquia e espécie de Coliseu portenho. A bomba explodiu no meio da platéia, resultando num saldo de dezenas de feridos e num pânico total por parte dos presentes. No dia seguinte, foi oferecida uma recompensa de dez mil pesos para quem pudesse oferecer informações a respeito do responsável pelo atentado⁶⁰. Enquanto isso, ao mesmo tempo em que o presidente Jose Figueroa Alcorta se reunia com seus ministros para pensar numa resposta ao atentado, na *Avenida de Mayo* aconteciam manifestações estudantis contra os anarquistas, ato recordado, quase noventa anos depois, pelo diário *La Nación* (LA NACIÓN, 01/10/1999). Naquele momento, o anarquismo se afirmou como o inimigo número 1 do Estado argentino.

Este novo episódio acabou considerado como uma grande afronta pelo governo argentino e pela oligarquia, que agora percebia que nem mesmo no seu espaço máximo de contemplação e tranquilidade, que era o Teatro, poderia se sentir segura. Como resposta, e na tentativa de resolver o problema de uma vez por todas, o governo argentino agiu rápido, aprovando o Estado de Sítio, dando maiores poderes ao Executivo, e sancionando o dia 28 de Junho a *Ley de Defensa Social*. Junto com a já existente *Ley de Residencia*, este novo texto jurídico foi criado para aumentar o poder político do governo em relação aos cidadãos e consolidar o aparelho de repressão política argentino.

A *Ley de Defensa Social* era composta por 34 artigos, sendo que a sua primeira parte se dedicava a proibir a entrada no país de imigrantes anarquistas ou que tivessem cometido algum delito, impedindo o retorno de imigrantes que em algum momento já tivesse sido expulsos do país. A nova lei, uma forma de complementação e ao mesmo tempo muito mais complexa que a *Ley de Residencia*, também estabelecia que toda e qualquer reunião ou manifestação de caráter político só poderia ocorrer com autorização policial, e também que qualquer tentativa de apologia ou divulgação de greve também seria considerado crime.

Ley de Defensa Social – Número 7.029

CAPÍTULO I

Artículo 1º. Sin perjuicio de lo dispuesto en la ley de inmigración, queda

⁶⁰ LA NACIÓN (01/10/1999)

prohibida la entrada y admisión en el territorio argentino de las siguientes clases de extranjeros:

- a) Los que hayan sufrido condenas o estén condenados por delitos comunes que, según las leyes argentinas, merezcan pena corporal;
- b) Los anarquistas y demás personas que profesan o preconizan el ataque, por cualquier medio de fuerza o violencia, contra los funcionarios públicos o los gobiernos en general, o contra las instituciones de la sociedad;
- c) Los que hayan sido expulsados de la República, mientras no se derogue la orden de expulsión.

Artículo 2°. El empresario de transporte, capitán, agente, propietario o consignatario de buque que introduzca o desembarque en la República, o que intente, por sí o por medio de otro, introducir de mala fe un extranjero comprendido en las prohibiciones del artículo 1°, sufrirá la pena de multa de cuatrocientos a dos mil pesos moneda nacional por cada viaje en que se cometa la infracción, o, en su defecto, seis a doce meses de arresto, sin perjuicio de reconducir a sus expensas a los extranjeros mencionados.

Artículo 3°. El empresario de transporte, capitán, agente, propietario de buque que omita las precauciones y requisitos conducentes al cumplimiento de esta ley, de acuerdo con la reglamentación que dicte el Poder Ejecutivo, correrá con todos los gastos de transporte del deportado. Independientemente de esto, podrá imponérsele la mitad de las penas determinadas en el artículo anterior, a menos que resulte de las circunstancias del caso la imposibilidad material o legal de haber prevenido o impedido la infracción. En el caso del artículo anterior y del presente, podrá detenerse la salida del buque, mientras no se dé fianza real por las responsabilidades de la infracción.

Artículo 4°. El Poder Ejecutivo ordenará la inmediata salida del país de todo extranjero que lograra entrar a la República con violación de esta ley, o que se halle comprendido por la ley 4.144.

Artículo 5°. Los extranjeros serán expulsados del territorio de la Nación en virtud de la ley 4.144, o de la presente, que retornen al territorio argentino sin previa autorización del Poder Ejecutivo, sufrirán la pena de tres a seis años de confinamiento en el sitio que determine el Poder Ejecutivo, sin perjuicio de ser nuevamente expulsados después de cumplida la condena.

Artículo 6°. Los extranjeros cuya entrada al territorio argentino se prohíbe por la presente ley, como también aquellos a que se refiere la ley número 4.144, no podrán obtener carta de ciudadanía argentina. Las cartas de ciudadanía, que se concediesen con violación de la presente ley, serán declaradas caducas por el juez federal más inmediato, a petición del ministerio fiscal, o de cualquiera del pueblo.

(Diario de Sesiones, Cámara de Senadores, Congreso Nacional, República Argentina, 1910, 28 de Junio)⁶¹

A partir da aprovação da lei em questão uma nova onda de deportações e encarceramentos políticos se iniciou, sendo que muitos militantes anarquistas e sindicalistas tiveram como destino a *Penal de Ushuaia*, considerada ideal por sua

⁶¹ A lei em sua íntegra se encontra no Anexo deste trabalho.

distância, terríveis condições climáticas e isolamento, fato que permitia ainda maiores abusos de poder e maus-tratos⁶².

Há que se destacar que após essa nova onda repressora de 1910, passaram a atuar nas grandes cidades, principalmente Buenos Aires, grupos civis nacionalistas dando suporte e intensificando a repressão já iniciada pelo governo argentino de Figueroa Alcorta. Estes grupos civis carregavam bandeiras argentinas, se diziam defensores da pátria contra todos aqueles que representassem algum perigo aos ideais da nação. Nesse momento os espaços e as instituições anarquistas e socialistas, construídos a tanto custo, passam a ser alvo de apedrejamentos e destruições. Bibliotecas, centros de estudos e jornais, como as sedes de *La Protesta* e *La Vanguardia*, foram alvo desses grupos. Tudo isso ocorreu com a aprovação e o incentivo do governo argentino, que via a participação civil na repressão como uma forma de legitimar as ações e medidas tomadas até então pelo Estado (SURIANO, 2005. P.54).

A partir de 1910 o anarquismo argentino nunca mais foi o mesmo. Seus jornais tiveram muita dificuldade pra voltar a circular, muitos militantes importantes foram expulsos do país ou então encarcerados por vários anos e a própria sociedade argentina começou a ver o movimento libertário como algo radicalmente extremo e inconseqüente. Depois do ano de 1917 e da Revolução Russa, não só o anarquismo argentino, mas num panorama geral, que se viu foi um choque provocado pela vitória de uma outra corrente revolucionária que enfim tinha logrado de realizar uma revolução de maneira vitoriosa, coisa que o Anarquismo jamais havia conseguido.

Após a Revolução Bolchevique, na Rússia, as ideologias de esquerda de todo o mundo se depararam com um novo paradigma. A simpatia pelo que ocorria na Rússia foi quase que natural. No entanto, esse apreço não durou muito tempo, pelo fato de que no meio da Guerra Civil Russa (1918-1921) os Bolcheviques se voltaram contra os anarquistas do Exército Negro Ucraniano, o que fez com que os dois grupos passassem então para lado opostos. Entre o fim da década de 10 e o início dos anos 20 muitos antigos anarquistas argentinos passaram cogitar ou mesmo aceitar a ideia de governo,

⁶² A Prisão de Ushuaia, ou *Penal de Ushuaia*, foi uma prisão argentina de grande significado histórico construída no ano de 1904. Inicialmente era o destino para aqueles que cometiam crimes tidos como graves. No entanto, com o passar dos anos foi sendo considerada como prisão política, destino de muitos militantes anarquistas e sindicalistas. Na década de 1930, com a sucessão de governos militares, Ushuaia também se tornou destino de vários dirigentes políticos opositores, principalmente vinculados à *Unión Cívica Radical* (UCR), partido tirado do poder pelo golpe de Estado de 1930. O presídio, sempre alvo de muitas críticas, foi fechado no ano de 1947, no governo de Juan Domingo Perón. Atualmente em suas instalações funciona o Museu Marítimo de Ushuaia.

com a condição de que este fosse progressista e caminhasse para um futuro de igualdade e justiça social.

Um exemplo dessa mudança foi uma corrente denominada *anarcobatllismo*⁶³, que surgiu no Uruguai, destino de muitos exilados políticos argentinos. Essa nova corrente surge a partir de uma já existente, o *batllismo*, que remete á figura de José Batlle y Ordoñez, político uruguaio que exerceu a presidência de seu país por duas vezes⁶⁴. Em 1922 até mesmo a *Federación Obrera regional Argentina (FORA)*, símbolo máximo do movimento libertário argentino, deixou de existir, dando lugar a duas outras agremiações que surgiram de sua fragmentação, a *Unión Sindical Argentina (USA)* e a *Confederación General del Trabajo (CGT)*. Nesse momento o anarquismo portenho já havia se tornado apenas uma sombra do que havia sido no início do século XX.

3.5 Virginia Bolten: trajetória a espelho do seu tempo

É possível analisar bem os acontecimentos e as mudanças desse período tomando como base a biografia de um dentre esses tantos indivíduos militantes operários da Argentina no início do século XX. A partir de um exercício de micro-história podemos ver o todo a partir de uma trajetória em particular. Trata-se da militante anarquista Virginia Bolten (ver figura 13), que teve participação destacada no meio anarco-feminista, participando ativamente da organização de jornais, do movimento grevista dos inquilinos, além de outros movimentos semelhantes e que cuja trajetória coincide com o recorte desse trabalho, como também com a de tantos outros militantes operários que tiveram seus nomes silenciados pelo tempo.

Apesar de alguns dados serem controversos, acredita-se que Virginia Bolten tenha nascido na cidade de San Luis, interior da Argentina, no ano de 1876. Filha de pai alemão e mãe argentina, Virginia teve contato desde cedo com o movimento libertário. Na década de 1890 mudou-se para a cidade Rosário, onde começou a trabalhar numa refinaria de açúcar e aos 19 anos se casou com um anarquista espanhol, chamado Manuel Manrique. Àquela altura Rosário possuía um movimento operário muito ativo e

⁶³ SURIANO, 2005. P.58.

⁶⁴ José Batlle y Ordoñez foi presidente do Uruguai pela primeira vez entre 1903 e 1907, e depois num segundo mandato entre 1911 e 1915. Membro de uma ala minoritária e progressista do Partido Colorado, Batlle implementou em seu governo uma série de reformas políticas e econômicas de cunho progressista, como por exemplo a regulamentação de jornada de trabalho em 8 horas, aprovação da lei do divórcio e a separação de Igreja e Estado. Tais reformas angariaram muitos adeptos, antes eram revolucionários, para o batllismo e fizeram do Uruguai um dos países mais avançados da época.

organizado, o que anos depois fez com que os socialistas Enrique Dickmann e Adrian Patroni a chamassem de “*la Barcelona argentina*”. Na mesma época, Virginia começou a participar de manifestações anarquistas, se destacando como oradora em função de sua maneira elocuente e incendiária de discursar. Sua fala é tão destacada que por vezes é comparada à Louise Michel, notória militante anarquista da Comuna de Paris (apud PRIETO-FERNANDEZ CORDERO-MUÑOZ. 2013/2014. P.210).

Em 1902, com a promulgação da *Ley de Residencia*, seu companheiro Manuel Manrique passou a ser procurado pela polícia e para escapar do cerco o casal Manrique-Bolten resolveu se mudar para Buenos Aires. Agora na capital do país, Virginia tornou-se uma das fundadoras do jornal *La Voz de la Mujer*, publicação anarquista pioneira no tema da emancipação feminina que também fez parte dos movimentos que reivindicaram a redução da jornada de trabalho para 8 horas. Financiado por Bolten e por outras militantes o periódico enfrentou diversas dificuldades para ser firmado, não chegando a ultrapassar a tiragem de dois mil exemplares⁶⁵. Por estas razões, pouco antes de completar um ano de circulação, sua última edição portenha foi impressa no dia primeiro de Janeiro de 1897.

No final do século XX parte do anarquismo rio-platense se engajou em uma campanha pela emancipação feminina que foi responsável pelo surgimento de vários grupos “feministas”. O surgimento, como também, a atuação desses grupos revela que eles formavam parte de uma grande rede anarquista que ligava os dois lados do Rio da Prata e algumas cidades do interior argentino. Essa rede se sustentava em instituições criadas especialmente para servir de conexão entre os anarquistas, com no caso do *Centro Internacional de Estudios Sociales*, de Montevideú.

Além de ajudar a fundar *La voz de la Mujer*, Virgínia também escreveu em outros periódicos do gênero, como *El Rebelde* e *La Protesta Humana*. Como figura importante dentro do anarquismo feminino local, ela começa, aos poucos, a ser citada também pelos jornais comerciais e pelos veículos mais tradicionais, como é o caso diários *El País* e *La Capital*, ambos de Buenos Aires (Idem. 2013/2014. P.212).

Em um dos vários artigos escritos Virginia aborda de maneira esclarecedora a questão da militância anarquista.

⁶⁵ <http://www.laizquierdadiario.com/Virginia-Bolten-un-pedazo-de-lucha-hecha-mujer> (acessado em 13/06/2017)

PREGUNTAS Y RESPUESTAS

Muchos preguntan qué quieren los anarquistas? Quieren acaso quitar á los ricos lo que poseen para ser ser ricos ellos a su vez? Por qué dan tanta libertad a sus mujeres? Y ellas, quieren tal vez destruir la familia? Por qué odian al gobierno? Por qué no defienden la pátria, 'como todo buen hijo?' por qué no abrazan ninguna religión? Por qué no cristiana sus hijos?

Nosotros le contestamos: los anarquistas no quieren nada; señalan las necesidades que deben conocerse. Dentro de la evolución que nos ha presentado a nosotros, los anarquistas vamos a reconquistar nuestros derechos; vamos a ser libres de hecho, pues hasta aquí sólo lo hemos sido de dicho, vamos a que se nos reconozca como seres humanos[...]

Los libertarios dejan en libertad sus mujeres, porque saben que la mujer libre es la base de la sociedad justa; saben además, que si la mujer libre es la base de la sociedad justa; saben además, que si la mujer no es libre e instruida, no habrá paz en el hogar [...] dejan en libertad sus mujeres porque son libertarios, porque combaten por la libertad universal, que para conseguirla es necesario empezar por casa[...]

Nosotros, queriendo o sin querer destruiremos la familia, sí, la familia tal como es ahora; la destruiremos porque está basada en la corrupción y en el interés, pero la reconstruiremos más hermosa, basada en el amor espontáneo y no convencional [...]

Nuestros hijos tendrán la libertad de elegir religión, si alguna les gusta, después de estudiar todas, si tienen tiempo que perder. Entonces sabrán a qué atenerse: nos parece un absurdo dar al niño una religión al nacer, cuando no puede protestar, por eso dejamos libre de prejuicios, ándoles la libertad en nombre de la nuestra.

He ahí que somos y que no somos

Virginia Bolten (La Protesta Humana, nº96, 28/10/1900) Ibidem

No artigo pode-se perceber os principais pontos e objetivos do movimento libertário em sua vertente feminista. É fundamental destacar que traços que seriam ainda importantes em movimentos sociais das décadas seguintes já aparecem de maneira destacada através das palavras da autora.

Já tendo participado de diversas greves, motins e manifestações, tendo tido participação importante na Greve de Inquilinos em 1907, como integrante do *Centro Femenino Anarquista*, Virginia Bolten passa a ser uma das militantes mais visadas pela *Ley de Residencia* e pela grande repressão policial que nos anos seguintes concentrou suas forças para desmanchar o movimento anarquista argentino. Em função de ter circulado por várias cidades, em razão de conferências e da própria militância, Virgínia possuía contatos suficientes para exilar-se no exterior assim que fosse necessário. Por este motivo fixa residência em Montevidéu, onde já havia escrito e dirigido diversos

periódicos libertários, como *La Nueva Senda*, e onde seu companheiro Manuel Manrique exilara-se desde alguns anos antes.

No Uruguai, em alguns anos Virginia Bolten passou a integrar uma corrente política denominada *anarco-batllista*. Essa corrente se caracteriza como minoritária e surge de uma mescla das ideias libertárias do Anarquismo com o reformismo da então principal figura política uruguaia, José Batlle y Ordoñez, presidente do país pelo *Partido Colorado* entre os anos de 1903-1907 e 1911-1916. O governo de Battle foi responsável pela aprovação do sufrágio feminino e por diversos outros avanços que estavam relacionados à temas com os quais Virginia havia se envolvido, com. Em realidade, neste período ocorreu uma divisão dentro do movimento anarquista uruguaio, de modo que, de um estavam os que governo reformista de Batlle, do outros os que acreditavam que as reformas eram insuficientes diante das reais necessidades dos trabalhadores e acabavam desmobilizando o movimento operário a troco de pequenas conquistas. A evidência de que Virginia Bolten agregou-se à vertente *anarco-batllista* é a sua colaboração com uma publicação dessa tendência política, denominada *La Idea libre*, que passa a ser editada no ano de 1913 (Ibidem. 2013/2014. P. 214).

A partir dos anos seguintes, já como uma figura experiente dentro do movimento anarquista, também em função do desgaste dos anos anteriores e dos vários filhos do casal (foram 6 ao total), as aparições de Virginia Bolten passaram a ser cada vez mais raras. Mesmo assim não deixou de participar da política, atuando em uma espécie de “magistério militante”, isso sem deixar de marcar presença em momentos importantes, como durante as manifestações de 1º de maio de 1914, quando proferiu um dos discursos principais.

Do lado oriental do Rio da Prata, Virginia viveria ainda muitos anos ao lado de seu companheiro Manuel Manrique. Ela morreu em Montevideu no ano de 1969, décadas depois de seus tempos áureos no movimento anarquista. Pelo fato de ter permanecido muitos anos longe da antiga militância, pouco se sabe sobre sua vida a partir dos 40 anos de idade. No entanto, percebe-se que ao longo de todos esses anos ela se transformou, em função de sua atuação e dos anos dedicados ao movimento libertário, numa espécie de referência para esta vertente política. Isso apesar de sempre existirem escassas e confusas informações biográficas a seu respeito.

No ano de 2009, inclusive, a cineasta catalã Laura Mañá dirigiu uma filme baseado na vida de Virginia Bolten, denominado *Ni Dios, ni patrón, ni marido*. O filme também foca no surgimento do movimento feminista em Buenos Aires e a fundação do

jornal *La voz de la mujer*, em 1896. Primeiro periódico do gênero a ser fundado na Argentina e, possivelmente, um dos primeiros na América Latina.

3.6 Imprensa portenha e a polarização midiática

Na segunda metade do século XIX ocorreu uma expansão da imprensa em Buenos Aires, isso ocorreu como fruto do aumento da liberdade na comunicação após a guerra que tirou do poder o caudilhismo de Juan Manuel Rosas e colocou fim aos confrontos entre a capital e as outras províncias. Outra razão para isso foi o nascimento de grande número de associações culturais, trabalhistas ou partidárias que em grande parte contribuíam no financiamento de órgãos de imprensa, ou que possuíam, elas mesmas, suas próprias formas de comunicação oficial que representassem a comunidade.

Dentre vários tipos de publicações algumas se destacam por sua temática, seu arrojamento ou por sua difusão. Em 1858 surgiram dois dos primeiros jornais que mostravam uma grande preocupação social, tocando em temas que só ganhariam força décadas depois ou então que seriam esquecidos por muitos anos. *La Raza Africana*, jornal da comunidade afro-argentina, tinha como premissa realizar uma espécie de defesa da “raça” e da identidade afro-argentina. No entanto, seu desaparecimento foi consequência de um processo de diminuição progressiva da população afro-argentina, que era numerosa até meados do século XIX, mas que hoje ainda é pouco mencionada. O outro periódico chamava-se *El Proletario*, dirigido por Lucas Fernandez, também mantinha enfoque na população negra e inaugurava a tendência que deu o tom em todas as décadas seguintes de jornais de cunho trabalhista, reivindicando melhores condições de trabalho e conclamando a organização dos trabalhadores.

Nas décadas seguintes a grande imprensa do século XX começou a tomar forma, com o surgimento de jornais como *La Nación*, fundado em 1870 pelo ex-presidente Bartolomé Mitre. De orientação liberal e conservadora, o jornal tornou-se décadas depois um dos periódicos de maior circulação no país. Na mesma época (1869) havia surgido *La Prensa*, fundado por Jorge C. Paz, este era outro jornal de orientação semelhante que logrou de ser o maior jornal em amplitude e circulação entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX. Ambas as publicações

representavam grande parte da população da mais abastada, mantendo um posicionamento distante das causas populares.

Dentre os vários periódicos existentes no período estudado elegemos dois dos quais nos proporcionaram uma visão ampla da sociedade portenha do período partindo de duas perspectivas distintas. O primeiro é o próprio *La Nación*, segundo principal expoente da imprensa conservadora após o diário *La Prensa*. A publicação possuía um tamanho superior a dez páginas, o que o tornava um jornal relativamente extenso. Costumava cobrir temas variados desde cultura e política, chegando até assuntos gerais, como esporte e lazer. O jornal em questão, apesar de sua posição conservadora, cobria atentamente as manifestações e greves ocorridas no período estudado. Porém, sua cobertura contrastava fortemente com o tipo de abordagem utilizada pelos jornais operários, socialistas ou anarquistas.

Um destes jornais operários é o socialista *La Vanguardia*, segundo periódico que analisaremos e que parte de uma perspectiva dos manifestantes e partidários socialistas, auto-declarado *Socialista Científico*. Fundado por Juan B. Justo em 1894, quando do auge das mobilizações o *Partido Socialista* argentino mobilizou suas forças na fundação de um veículo de comunicação oficial para ser a voz do partido. O jornal era inicialmente composto por quatro páginas e focava sua cobertura de temas como greves, manifestações e política. Estas duas publicações evidenciam um processo de polarização da imprensa portenha em meio ao período de aprofundamento das mobilizações e crise do regime oligárquico. Neste cenário, dezenas de jornais liberais, operários, socialistas, anarquistas e feministas de cunho contestatório foram fundados aproveitando-se da ampliação dos canais de imprensa do país no período pós-guerra do Paraguai. Em contraponto havia os jornais que tornaram-se mais tradicionais e conservadores, como *La Nación* e *La Prensa*.

Exemplo talvez mais flagrante dessas diferenças de abordagem pode ser visto no incidente ocorrido no dia 22 de outubro daquele ano de 1907, quando no meio da revolta dos inquilinos um confronto entre polícia e manifestante acabou na morte de um jovem operário chamado Miguel Pepe. O dia seguinte ao ocorrido foi marcado por comoção e homenagens, mas também de apuração dos fatos para que se pudesse ou não tomar alguma providência em relação a atitude policial. No dia 23 de Outubro *La Vanguardia* estampou em sua capa a seguinte manchete: “*EL SELVAJE CRIMEN POLICIAL DE AYER: EL PUEBLO INERME ES ASESINADO EN LA VÍA PUBLICA*” (La Vanguardia, 23 de Outubro de 1907). Noticiando uma morte, várias pessoas feridas

e dedicando três colunas de sua folha de capa sobre o os acontecimentos da noite anterior. Destacando a covardia e violência por parte da polícia, que sem razões aparentes atacou os manifestantes. No mesmo dia 23 o diário *La Nación* e sua sétima página, publicou uma coluna de sessenta linhas que lamentava a morte, porém enfatizava uma crítica ao despreparo da polícia para conter a desordem, e que esta deveria focar-se em evitá-las ao invés de reprimi-las (La Nación, 23 de outubro de 1907, pag. 07).

Após a grande repressão política ocorrida entre 1909 e 1910, os jornais operários ou que faziam oposição ao governo foram perseguidos e, quando não fechados enfrentaram grandes dificuldades para seguir existindo. De certa forma, a partir daí a polarização, antes tão fácil de ser notada, deu lugar a uma hegemonia dos periódicos mais conservadores. Situação que foi de difícil reversão por parte das publicações e dos movimentos contestatórios.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anos que antecedem nosso objeto foram responsáveis por uma completa transformação na Argentina e, sobretudo, em Buenos Aires. Um viajante que tivesse visitado a cidade a década de 1880, quando existia ali uma população de cerca de 180 mil pessoas, e retornado em 1910, ele mal reconheceria aquele local tamanha foi a mudança ocorrida. Trinta anos depois já havia ali ao redor de 1 milhão de habitantes (dos quais 138.188 viviam em *conventillos* ou em casas de inquilinato), além disso novas avenidas haviam sido construídas, novos bairros haviam nascido. Mas, além disso, a dinâmica e a cultura da cidade também mudou, a começar pelo idioma, devido à grande influência de imigrantes, e também pela conversão de um ambiente provinciano que deu lugar ao de uma metrópole.

Olhando para trás, essas últimas três décadas que antecederam a greve representam um momento decisivo no caminho trilhado pelo país latino-americano, metamorfoseando-se, num curto espaço de tempo, da nação da imensidão, devido à sua absurda extensão, como disse Domingo Faustino Sarmiento, no país da modernização e do progresso desigual. Nessa reflexão a problemática insiste em permanecer, isso porque quem acabou pagando pelo alto preço da modernidade foi exatamente a mesma massa trabalhadores, imigrantes ou argentinos, vindo para solucionar o problema da enorme extensão do gigantesco território.

É necessário assinalar outro fator que contribuiu nesse processo que foi a própria ampliação do tamanho e do papel do Estado argentino ao longo desse período, como algo importante na derrocada do Anarquismo portenho. Esta mudança está relacionada diretamente a dois fatores, sendo que o primeiro deles foi o rápido crescimento (demográfico e econômico) do país ao longo das últimas três décadas, já que com uma maior arrecadação o Estado foi aos poucos adotando uma postura mais atuante, e o segundo foi o processo de massificação da política argentina que ocorre a partir da primeira década do século XX. Quanto a isso devemos levar em consideração o grande aumento da participação popular e a campanha para nacionalizar os imigrantes recém-chegados, sendo que estes dois processos estão diretamente ligados com o fim do Período Oligárquico, que nessa altura já demonstrava inúmeros de sinais de enfraquecimento.

Este avanço do Estado tomou espaços e diminuiu as possibilidades de atuação do Anarquismo. A conquista de alguns direitos também representou o alcance de

algumas demandas proletárias, o que contribuiu para diminuir aos poucos a voracidade dos movimentos de cunho mais radical. Quanto a esse assunto é necessário destacar agora o papel do Socialismo argentino. Isso porque diferentemente do Anarquismo, o Socialismo portenho se organizou de forma institucional, correndo atrás das demandas populares e trabalhistas, utilizando a via política tradicional e os canais de participação, tão limitados àquela altura. Não que os socialistas relegassem a via das manifestações, greves e movimentações *callejeras*, mas é importante assinalar que o Socialismo possuía diferenças sensíveis em relação ao seu co-irmão libertário, o Anarquismo. Se postos lado a lado vemos que o Socialismo possui um caráter muito mais moderado, enquanto que o Anarquismo adota uma postura mais combativa, além disso, em geral a militância socialista possui uma posição mais abastada socialmente, claro que não comparável aos partidos e grupos da elite oligárquica que dominava o país, mas de certo modo existe uma distinção social enquanto que o Anarquismo possuía na marginalidade uma de suas principais características.

Essas diferenças eram importantes para que houvesse uma pluralidade dentro do movimento operário, porém essa foi a causa de uma oposição que em certos momentos virou uma dura rivalidade entre as duas principais ideologias de esquerda na Argentina, o que atrapalhou o avanço na luta por conquistas sociais. Um exemplo da conquista de uma das demandas históricas dos trabalhadores foi a aprovação, em Setembro de 1929, de lei que limitava a jornada de trabalho em 8 horas diárias ou 48 horas semanais. A chamada *Ley de ocho horas* atendeu a uma reivindicação já antiga, que teve início em meados do século XIX com o movimento operário europeu, e foi resultado dos vários anos de pressões e greves lideradas pelos anarquistas, mas também pelo trabalho mais institucional realizado por socialistas e sindicalistas⁶⁶ já que nessa altura, década de 20, estas eram as duas vertentes que ainda mantinham força.

Temos que lembrar que no início do nosso recorte, em fins do século XIX, o acesso aos direitos políticos era bastante limitado principalmente para estrangeiros, estando estes indivíduos numa espécie de limbo onde dificilmente suas demandas eram atendidas. A grande maioria dos moradores do inquilinato não podia votar, a menos que abrisse mão de sua antiga nacionalidade para se converter definitivamente em argentino, coisa que muitos não estavam dispostos a fazer. Este era outro ponto importante na divergência entre anarquistas e socialistas, já que os primeiros eram contrários à

⁶⁶ ROMERO-ROMERO, 2000. P.101.

nacionalização, pois entendiam o conceito de Estado-Nação como mais um instrumento burguês usado na manutenção dos interesses das elites. Enquanto isso, os socialistas defendiam a nacionalização dos estrangeiros justamente para contar com um possível grande número de votos desses novos argentinos que compunham principalmente as camadas populares, que teriam no Socialismo sua principal representação partidária.

O *Partido Socialista Argentino* foi fundado no ano de 1896 como a primeira sigla política socialista da América Latina. Apesar da importância deste fato o partido jamais conseguiu encabeçar as eleições, e mesmo com muita popularidade não chegava a ter o mesmo número de votos dos partidos mais tradicionais ou mesmo da recém-surgida *Unión Cívica Radical* (UCR), tendo sempre ocupado um papel de coadjuvante. Mesmo com tantas como o crescimento dos movimentos contestatórios, como o Socialismo, seriam necessários muitos anos ainda seriam necessários para acabar a hegemonia do Partido Autonomista Nacional à frente do país. Foi só em 1916, que a *Unión Cívica Radical* (UCR), com Hipólito Yrigoyen, conseguiu vencer o pleito eleitoral, acabando com o Período Oligárquico argentino, que já durava mais de trinta anos.

Apesar das dificuldades, no decorrer desse longo processo houve momentos que marcaram algumas conquistas dos movimentos anarquista e socialista. Como no ano de 1905, quando o distrito de *La Boca* elegeu Alfredo Palacios⁶⁷(ver figura 11), que se tornou o primeiro deputado socialista da história do continente americano. Fato que demonstrou a incorporação, mesmo que lenta, da massa operária e dos ideais contestatórios à política argentina. No entanto, mesmo com exemplos como o de Palacios, a representatividade política mantida do sistema eleitoral argentino em relação à massa operária e principalmente aos habitantes do inquilinato permaneceu sempre extremamente limitada, quando não inexistente. A repressão por si só acalmava os ânimos e ajudava a conter os anseios populares de uma massa descontente, mesmo que

⁶⁷ Alfredo Lorenzo Ramón Palacios (1878-1965) foi o primeiro representante de uma ideologia revolucionária a alcançar grande projeção eleitoral na Argentina, sendo a principal figura do Partido Socialista Argentino ao lado de Juan B. Justo. Além de ter sido o primeiro deputado socialista da América Latina, Palacios foi uma figura de grande importância na política argentina do século XX. Com vários mandatos de deputado e senador, converteu-se num legislador de grande destaque dentro das instâncias deliberativas, mesmo que sempre estivesse em minoria entre seus pares pertencentes aos partidos mais conservadores e tradicionais. Além disso, ao longo da vida Alfredo Palacios ocupou outros cargos de importância como Professor da *Universidad de Buenos Aires (UBA)*, reitor da *Universidad de La Plata* e embaixador no Uruguai, terra de origem de seus pais. Também foi perseguido pelos governos militares na década de 1930 e também pelo governo de Juan Domingo Perón, quando acabou sendo preso.

por si só ela tenha se mostrado insuficiente para resolver o problema da crescente tensão social e dos constantes conflitos.

A Argentina foi um país que ao longo de trinta anos, entre 1880 e 1910, assistiu o crescimento da sua população de dois para sete milhões de pessoas. Sendo que deste total, no início do século XX cerca de trinta por cento eram estrangeiros, esse fato limitou fortemente o acesso a participação eleitoral e aos direitos políticos. Era como se o sistema eleitoral estivesse atrasado em trinta anos e como se o país estivesse atrasado em trinta anos.

Quanto mais os anos passavam mais inadequado era o quadro político argentino, e mesmo com a convicção da necessidade de mudanças, o Período Oligárquico foi prolongado pelas elites até o ponto em que se tornou totalmente antiquado. Apenas com a *Ley Sáenz Peña*, sancionada em fevereiro de 1912, é que houve uma real ampliação na participação do processo eleitoral. A lei estabelecia que a partir de então o voto seria universal, secreto e obrigatório para todos os homens argentinos ou naturalizados maiores de dezoito anos. A lei recebeu este nome graças ao apoio do então presidente Roque Sáenz Peña, membro da ala mais progressista do Partido Autonomista Nacional. As mulheres ainda não seriam contempladas com o direito ao voto, fato que aconteceria apenas em 1949, já no governo de Perón. A *Ley Sáenz Peña* acabou tendo um forte impacto já nas eleições presidenciais seguintes, que ocorreram em 1916. Neste ano, após mais de três décadas no poder, o Partido Autonomista Nacional foi derrotado pela União Cívica Radical, que elegeu presidente Hipólito Yrigoyen, sobrinho e espécie de herdeiro político do radical Leandro N. Alem.

A mudança provocada pela nova legislação é inegável, e engloba parte das transformações que caracterizaram o fim do regime oligárquico. No entanto, apesar da importância dada a ampliação da cidadania com a *Ley Sáenz Peña* é interessante assinalar o fato lembrado por Hilda Sabato, de que na Argentina o voto era universal desde 1853 e na Província de Buenos Aires desde 1821 (SABATO, P.92. 1993). Mas se o voto era de fato universal por que então existiu a necessidade dessa nova lei em 1912? E por que não se constatava uma real participação popular antes disso? Para responder tais questões devemos reconhecer primeiro que existem várias maneiras de afastar a população do processo eleitoral, a via legal é apenas uma delas. O que ocorreu foi que a elite dominante se utilizou de muitas artimanhas para manter o voto sempre como algo restrito e exclusivo de uma minoria letrada, excluindo a maioria da população, mesmo que na legislação não houvesse um real impedimento. No século

XIX, num país agrário e quase desabitado, como era a Argentina, isso não era tão difícil de ser feito (SABATO, P.92. 1993). Foi necessária uma transformação política profunda para que isso mudasse, uma transformação na relação existente entre o povo e o processo eleitoral em si. Para que as pessoas comuns, oriundas de classes sociais mais pobres, acostumados a acreditar que a escolha de um representante político era coisa de gente rica e letrada, finalmente passassem a se ver como parte integrante daquela sociedade, não apenas como mão de obra ou consumo, mas como indivíduos que também demandam direitos e deveres, por isso estando aptos, também, a escolher seus representantes.

4.1 Legado Ou Patrimônio?

O lugar marginal se caracteriza, por natureza, como produtor de resistência, pois sua própria existência revela uma luta cotidiana diante de uma sociedade em que sistematicamente lhe exclui. O luta dos *conventillos*, por fim, não foi diferente da luta das favelas, das *villas*, das *townships*, todos estes locais marginais possuem uma semelhança, pois, integram acima de tudo de uma batalha diária contra o tempo, contra a história que insiste em esquecê-los, de maneira que sua principal luta é a luta para existir, para mostrar quem são e que ali estão.

Os *conventillos*, vistos como realmente são, revelam-se como uma metáfora da sociedade portenha do início do século XX. Uma sociedade que flerta com a modernização e com a miséria ao mesmo tempo em que sua identidade é desenhada. Metáfora, essa, de uma Argentina que adentra ao sonho e ao paradigma da modernidade esquecendo-se de que em breve acordará em meio ao cenário da confrontação política e da luta social.

Um dos legados deixados pela mobilização dos inquilinos em 1907 foi uma nova forma de se analisar a questão habitacional na Argentina. O déficit de moradias continuou como uma realidade, assim como a dificuldade de acesso à casa própria, mas a partir da década seguinte o governo argentino começou a executar uma série de projetos que visavam à diminuição desse problema social, com o qual o país havia se deparado. Essa foi uma espécie de solução reformista e paliativa que visava amenizar o problema social, evitando novos conflitos e turbulências, porém também sem solucionar de vez a questão.

Ainda no mesmo de 1907, no mês de dezembro, foi colocada a pedra fundamental daquele que foi o primeiro projeto de moradia popular implementado pelo governo argentino. A iniciativa deu origem ao Bairro operário *Azucena Butteler*, nas cercanias do *Parque Chacabuco* e do *Bairro Boedo*. Este minibairro, formado por aproximadamente 70 residências resistentes até os dias de hoje, se caracteriza a um terreno de formato peculiar, com elementos que fizeram a imprensa local lembrar-se de labirintos que poderiam ter sido retirados de um conto de Jorge Luis Borges ou Franz Kafka⁶⁸.

No ano de 1915 foi fundada a *Comisión Nacional de Casas Baratas* (CNCB), que substituiu a *Ley de Casas Baratas* (1905), com o objetivo de possibilitar o acesso à moradia. Sua criação se deu a partir do projeto de lei, também conhecido como *Ley Cafferatta*, por iniciativa do deputado do *Partido Demócrata Nacional* Juan F. Cafferatta, que seguia uma linha política vinculada à Democracia Cristã. Voltada para a camada operária, a CNCB existiu até o ano de 1943, levando à frente alguns dos projetos pioneiros em relação às moradias coletivas construídas pelo Estado. Antes ainda da popularização ideia de conjunto habitacional, política quase que hegemônica para atender a população de baixa na segunda metade do século XX.

Num de seus primeiros projetos a CNCB foi responsável pela construção de inúmeras casas coletivas, que não muito diferentemente dos *conventillos*, aglomerava dezenas de famílias num mesmo espaço, mas dessa vez fornecendo melhores condições de infra-estrutura e saneamento. O primeiro exemplo dessa nova política foi a *Casa Colectiva Valentín Alsina*, localizada no Bairro *Parque Patricios*, na região sul, cuja construção foi finalizada no ano de 1919. Nos anos seguintes diversas outras casas coletivas foram construídas em Buenos Aires, como a *Casa Colectiva Rivadavia* (1921), a *Casa Colectiva América* (1937) e a *Casa Colectiva Patricios* (1939), todas localizadas na região sul da cidade.

O problema que se constata foi que a velocidade e o impacto dos projetos era sempre muito menor do que a real demanda habitacional da cidade. Como as casas coletivas comportavam um número pequeno de famílias, em pouco tempo passaram a ser executados projeto de *minibarríos* operários à exemplo do *Barrio Azucena Butteler*. O primeiro exemplo deste foi o Bairro Cafferatta, que a partir de 1921, construído na mesma região das casas coletivas. Seguindo este modelo também foram inaugurados o

⁶⁸ La Nación (2006). <http://www.lanacion.com.ar/860430-butteler-un-pasaje-porteno-que-conserva-la-fisonomia-del-ayer> (acessado em 30/01/2017)

Bairro Emilio Mitre, em 1923 e o Bairro Rawson, em 1934. Em 1944, já no governo de Juan Domingo Perón a *Comision Nacional de Casas Baratas* (CNCB) deixou de existir, dando lugar à recém criada *Administración Nacional de Vivienda*.

Entretanto, antes mesmo que o Estado argentino passasse a dar a atenção necessária á questão habitacional, algumas iniciativas interessantes já haviam surgido por iniciativa dos próprios trabalhadores. Um exemplo desta mobilização foi a cooperativa *El Hogar Obrero*, criada no ano de 1905 com objetivo de financiar a compra e a construção de moradias para os trabalhadores operários portenhos. Seguindo o exemplo de algumas cooperativas de consumo pioneira no final do século XIX, e fundada a partir da iniciativa de dirigentes socialistas, como Juan B. Justo, Nicolás Repetto e Enrique Dickmann, *El Hogar Obrero* partiu da inspiração em algumas poucas cooperativas de consumo fundadas no fim do século XIX na Argentina e na Europa, cumprindo importante papel social ao conceder crédito para a construção de moradias populares⁶⁹. Em seu estatuto, no artigo segundo, a organização esclarecia que seus objetivos eram “*proporcionar crédito a sus asociados para la adquisición de sus hogares y para otros fines en la medida que permitan los reglamentos de la sociedad. También podrá hacer construcciones para alquilar*”. O documento também dizia quais as operações e formas de ação sociais seriam adotadas para o funcionamento da cooperativa que, mesmo surgida a partir da necessidade dos trabalhadores e da mobilização socialista, também dependia de uma restrita política de crédito e receita (ver Anexo 2).

Como condição para o financiamento, a instituição exigia também a associação do individuo para, então, que este pudesse se transformar num beneficiado, fazendo com que os laços com a ideologia, nesse caso o Socialismo, fossem fortalecidos. Mesmo assim, não existia exigência de que o sujeito ou sua família fossem estritamente adeptos da ideologia socialista para ingressar na cooperativa.

Apesar de ter atravessado algumas dificuldades nos anos iniciais, a partir de 1907 a cooperativa pôde iniciar o programa de concessão de crédito, o que em pouco tempo resultou na construção de dezenas de habitações, sejam elas casas ou edifícios, destinadas aos operários. O primeiro projeto começou com a aquisição de lotes de terra no Bairro de *Liniers*, no mesmo ano de 1907, os quais foram rapidamente vendidos entre os associados da cooperativa. Dois anos depois o mesmo aconteceu com lotes

⁶⁹ REPPETTO, Nicolás. Como se nace y se desarrolla una cooperativa. História de El Hogar Obrero, cooperativa de Consumo, Edificación y Crédito Ltda. Editora Cooperativa Ltda. Buenos Aires, 1976.

desta vez comprados no bairro de Barracas, o que demonstrou o já inicial êxito da instituição fundada pelos socialistas. Alcançando na década de 1920 a marca de cerca de sete mil associados⁷⁰.

Ao longo de várias décadas a instituição cumpriu papel importante, arcando com o financiamento de diversas moradias operárias em várias partes da capital federal e na província de Buenos Aires. Atualmente, a instituição já centenária segue em funcionamento apesar de ter atravessado períodos difíceis que quase resultaram em seu fechamento, como no início dos anos 90 no governo do presidente Carlos Menem.

Mesmo não tendo fins lucrativos uma cooperativa também é uma empresa privada, e por isso também sofre com as oscilações do mercado, além das mudanças na dinâmica econômica governamental. Ainda hoje é considerada uma referência na organização da luta pela melhoria da vida dos trabalhadores e também pela justiça social. Mas, apesar da importância e da longevidade, a instituição teve um impacto mínimo na redução do déficit habitacional na capital federal. Mesmo com um maior preocupação em relação à questão habitacional, o empenho em relação à esta problemática nunca foi proporcional à sua real necessidade.

Após a década de 1910 a Argentina não teve mais o mesmo crescimento econômico das décadas anteriores. O impacto da Primeira Guerra Mundial (1914-18) fez com que as matérias primas, carne e cereais principalmente, perdessem valor no mercado internacional, o que reduziu drasticamente o ritmo do crescimento do país. A elite local, proprietária de terras e controladora do mercado regional de *commodities* sofreu sério impacto com isso, sendo que coincidentemente ao mesmo tempo em que esse processo ocorre chegava ao fim o Período Oligárquico na Argentina. Este impacto acelerou a necessidade do país de diversificar sua economia, investindo cada vez mais no já crescente ramo industrial.

Com a massificação da política nas duas primeiras décadas do século XX a oligarquia e o seu Partido Autonomista Nacional deixam de se perpetuar no poder. Com isso a História Política do país adentrou a outro período, caracterizado pelo choque de interesses entre grupos adeptos a transformações profundas e grupos mais conservadores vinculados à velha elite. Nas décadas seguintes estes conflitos iriam se mostrar presentes nos vários golpes militares, na interrupção da sucessão presidencial e na radicalização que marcou, nos anos 1940, a chegada do peronismo ao poder.

⁷⁰ IDEM

Ao longo desses anos Buenos Aires atravessou um período de grande crescimento urbano, marcado por diversas ondas de *suburbanização*, o que contribuiu para diminuir a densidade demográfica na região central e seus arredores, diminuindo drasticamente também o impacto do *conventillo*, advertidamente um fenômeno que, apesar de sua profundidade, ocorreu de maneira passageira.

Por fim, constata-se que o declínio do *conventillo* como principal forma de habitação popular não representou o fim dos problemas relacionados ao acesso à moradia e às melhores condições de infra-estrutura habitacional e saneamento básico. Tais demandas continuaram existindo, já que este fenômeno habitacional não deixou de existir porque os problemas que lhe originavam foram corrigidos, mas sim porque estes partiram para outra esfera.

4.2 O *Flâneur* e o *Compadrito*

A oligarquia portenha, ou *burguesia terrateniente*, podia não saber, mas tinha mais semelhanças com Paris do que ela gostaria. A capital francesa foi, desde a Revolução de 1789, e ao longo de todo o século XIX, palco de inúmeras insurreições, sendo algumas marcadas por uma enorme liderança popular, que protagonizou episódios como a Primavera dos Povos em 1848 e a famosa Comuna de Paris em 1871.

Assim como seu principal modelo europeu, Buenos Aires foi crescendo como uma cidade perfeita para ser rico, mas que mantinha em suas entranhas uma adormecida insatisfação social que aos poucos despertou. Se em Paris havia a figura do *Flâneur*, tipo vagabundo errante e observador, símbolo do século XIX francês em meio a transformação urbana, romantizado pelo poeta Charles Baudelaire, em Buenos Aires havia o *Compadrito*, de Jorge Luis Borges. A camada marginal de uma cidade era tão grande como a da outra. Assim como o *Flâneur*, o *Compadrito* vivia uma realidade pitoresca, e menos glamorosa do que aquela pintada para sua grande urbe. Era uma figura presente nos *arrabaldes* (subúrbios) que descendia dos gaúchos do interior, mas também dos imigrantes, e por sua condição sempre precária no que se refere ao trabalho, ou à moradia, desenvolveu uma espécie de *savoir fair*, uma malandragem que dava possibilidade de sobreviver naquele meio tão hostil. Essas duas figuras foram evidências de um momento peculiar, da transformação vivida pelas duas cidades, e em ambos os casos, estão fadados a desaparecer. Isso porque sua existência foi fruto de um

tempo e de uma condição intermediária na história das duas capitais, de uma janela no tempo, essa zona indefinida entre a cidade provinciana e a metrópole. Os personagens, que tão romantizados pela literatura, não mais permaneceram existindo quando a transformação e quando o sopro feroz da modernidade finalmente arrebatou.

O *conventillo*, o *Compradrito*, ou o *Flâneur*, estão todos inseridos numa mesma realidade, a realidade da exclusão, da marginalidade, e muitas vezes em um “outro lado” de cidades que são construídas, escritas e vistas sempre a partir de uma perspectiva hegemônica. Exatamente por este fato é de fundamental importância lembrar que dentro de uma cidade grande (que poderia ser Nova York, Xangai, São Paulo, Nairóbi...) existem, para não dizer várias, ao menos duas realidades sociais. Assim como existe a Nova York da Woody Allen também existe a Nova York de Spike Lee. Do mesmo modo que existe o Rio de Janeiro de Tom Jobim existe o Rio de Janeiro de Bezerra da Silva. Em Buenos Aires havia o Barrio Norte, havia Palermo e havia a Recoleta. Mas também havia o centro, havia La Boca, havia Barracas, havia Mataderos, e haviam os *conventillos*, retratos de um período que hoje parece efêmero mais que segue vivo nas esquinas adormecidas do tempo.

ANEXO

Anexo 1.Ley de Defensa Social – Número 7.029

CAPÍTULO I

Artículo 1°. Sin perjuicio de lo dispuesto en la ley de inmigración, queda prohibida la entrada y admisión en el territorio argentino de las siguientes clases de extranjeros:

- a) Los que hayan sufrido condenas o estén condenados por delitos comunes que, según las leyes argentinas, merezcan pena corporal;
- b) Los anarquistas y demás personas que profesan o preconizan el ataque, por cualquier medio de fuerza o violencia, contra los funcionarios públicos o los gobiernos en general, o contra las instituciones de la sociedad;
- c) Los que hayan sido expulsados de la República, mientras no se derogue la orden de expulsión.

Artículo 2°. El empresario de transporte, capitán, agente, propietario o consignatario de buque que introduzca o desembarque en la República, o que intente, por sí o por medio de otro, introducir de mala fe un extranjero comprendido en las prohibiciones del artículo 1°, sufrirá la pena de multa de cuatrocientos a dos mil pesos moneda nacional por cada viaje en que se cometa la infracción, o, en su defecto, seis a doce meses de arresto, sin perjuicio de reconducir a sus expensas a los extranjeros mencionados.

Artículo 3°. El empresario de transporte, capitán, agente, propietario de buque que omita las precauciones y requisitos conducentes al cumplimiento de esta ley, de acuerdo con la reglamentación que dicte el Poder Ejecutivo, correrá con todos los gastos de transporte del deportado. Independientemente de esto, podrá imponérsele la mitad de las penas determinadas en el artículo anterior, a menos que resulte de las circunstancias del caso la imposibilidad material o legal de haber prevenido o impedido la infracción. En el caso del artículo anterior y del presente, podrá detenerse la salida del buque, mientras no se dé fianza real por las responsabilidades de la infracción.

Artículo 4°. El Poder Ejecutivo ordenará la inmediata salida del país de todo extranjero que lograrse entrar a la República con violación de esta ley, o que se halle comprendido por la ley 4.144.

Artículo 5°. Los extranjeros serán expulsados del territorio de la Nación en virtud de la ley 4.144, o de la presente, que retornen al territorio argentino sin previa autorización del Poder Ejecutivo, sufrirán la pena de tres a seis años de confinamiento en el sitio que determine el Poder Ejecutivo, sin perjuicio de ser nuevamente expulsados después de cumplida la condena.

Artículo 6°. Los extranjeros cuya entrada al territorio argentino se prohíbe por la presente ley, como también aquellos a que se refiere la ley número 4.144, no podrán obtener carta de ciudadanía argentina. Las cartas de ciudadanía, que se concediesen con violación de la presente ley, serán declaradas caducas por el juez federal más inmediato, a petición del ministerio fiscal, o de cualquiera del pueblo.

CAPÍTULO II

Artículo 7°. Queda prohibida toda asociación o reunión de personas que tengan por objeto la propagación de las doctrinas anarquistas o a la preparación e instigación a cometer hechos reprimidos por las leyes de la Nación, y la autoridad local procederá a la disolución de las que se hubiesen formado e impedirá sus reuniones.

Artículo 8°. Las sociedades, asociaciones, o las personas que deseen celebrar una reunión pública, sea en locales cerrados o al aire libre, deberán solicitar previamente autorización a la autoridad local, la que deberá prohibir dicha reunión si ella tuviera por objeto alguno de los propósitos enunciados en el artículo anterior.

Artículo 9°. Si durante las reuniones que se celebren, con la previa autorización a que se refiere el artículo anterior, se produjesen algunos de los hechos que, conocidos con anterioridad, hubiesen motivado la prohibición de la reunión de acuerdo con lo establecido en artículo 8°, la autoridad local ordenará la inmediata disolución de la reunión. Los que no acatasen la orden de disolución, o los que celebran una reunión prohibida, sufrirán la pena de arresto de 6 meses a 1 año. Los promotores o cabecillas sufrirán el máximo de la pena. Artículo 10°. En las reuniones públicas, sea en locales cerrados o al aire libre, no podrán usarse emblemas, estandartes o banderas conocidas como características de las asociaciones prohibidas por el artículo 7° de esta ley.

Artículo 11°. Los afectados por una prohibición de asociación o reunión, podrán reclamar de ella ante el juez federal, quien, previa información sumaria, deberá conformar o revocar la prohibición.

CAPÍTULO III

Artículo 12°. El que verbalmente, por escrito, o por impreso, o por cualquier otro medio, haga públicamente la apología de un hecho o del autor de un hecho que la ley prevé como delito, sufrirá la pena de 1 a 2 años de prisión.

Artículo 13°. El que, con el objeto o la intención de cometer un delito contra las personas o la propiedad, para infundir público temor, suscitar tumultos o público desorden, fabrica, transporta o guarda en su casa o en otro lugar dinamita u otros explosivos de efectos parecidos, bombas, máquinas infernales u otros instrumentos homicidas o de estrago, o bien sustancias y materias destinadas a la fabricación o composición de tales objetos, será castigado con la pena de 3 a 6 años en la penitenciaría.

Artículo 14°. El que hace estallar o coloca con ese fin dinamita u otros explosivos de efectos parecidos, bombas, máquinas infernales u otros instrumentos homicidas o de estrago, con el solo efecto de infundir terror o de suscitar tumulto o desorden público, sufrirá la pena de 6 a 10 años en la penitenciaría. Si el hecho tiene lugar en sitio y tiempo de reunión pública o bien en tiempo de un peligro común, conmoción, calamidad o desastre público, la pena será del máximo establecido en el párrafo anterior.

Artículo 15°. El que, por los medios indicados en el artículo anterior, intente destruir o destruya, en todo o en parte un edificio o construcción de cualquier naturaleza, sufrirá la pena de 10 a 15 años de presidio. Si el hecho se comete en asambleas políticas o administrativas o en otro edificio público destinado al uso público, en edificios habitados o destinados a habitación, en talleres industriales o almacenes, o en depósitos de materias inflamables o explosivas, la pena será de 15 a 20 años de presidio. Si por causa del delito previsto en el presente y en el precedente artículo se ha puesto en peligro la vida de las personas, la pena será de presidio de 20 años hasta tiempo indeterminado. Si se produjese la muerte de

una o más personas la pena será de muerte.

Artículo 16°. El que, por los medios indicados en el artículo 14, comete un hecho directo contra las personas, será castigado con presidio de 20 años a tiempo indeterminado. Si se produjese la muerte de una o más personas, la pena será de muerte.

Artículo 17°. Las personas asociadas para cometer delitos con materias explosivas serán castigadas con la pena de 6 a 10 años de penitenciaría.

Artículo 18°. El que fabrique, venda, transporte o conserve en su casa, o en otra parte, los objetos y materias indicadas en el artículo 13, sin permiso de la autoridad local, será castigado con la pena de 3 a 9 meses de arresto y multa de 500 a 2.000 pesos moneda nacional de curso legal.

Artículo 19°. El que verbalmente, por escrito o por impreso, o por cualquier otro medio, propague los procedimientos para fabricar bombas, maquinarias infernales u otros instrumentos análogos, o para causar incendios u otros estragos, será castigado con la pena de penitenciaría de 3 a 6 años.

Artículo 20°. El que, por los mismos medios indicados en el artículo anterior incite a cometer un delito previsto por la ley, será castigado: Con prisión de 3 a 6 años, si se tratase de delito previsto con la pena de muerte. Con prisión de 1 a 3 años, si se tratase de delito penado con presidio. Con arresto de 6 meses a 1 año, si se tratase de delito penado con penitenciaría. Con arresto de 3 a 6 meses, si se tratase de delito penado con prisión. Con multa de 500 a 1.000 pesos o un día de arresto por cada 50 pesos de multa, si se tratase de delito penado con arresto.

Artículo 21°. El que, por los mismos medios indicados en el artículo 19, aconseje o propague públicamente los medios para causar daños en las máquinas o la elaboración de productos, sufrirá la pena de arresto de uno a tres años de prisión.

Artículo 22°. El que venda, ponga en venta, imprima, distribuya, circule esponja, en lugares públicos o reparta los impresos y las reproducciones mecánicas de que hablan los artículos 12, 19, 20 y 21, sufrirá la mitad de la pena prevista en dichos artículos para el autor principal del hecho.

Artículo 23°. Cuando los delitos previstos en los artículos 12, 19, 20 y 21 se cometan por medio de la prensa diaria o periódica, se aplicará el máximo de la pena.

Artículo 24°. Cuando los delitos previstos en los artículos 12, 19, 20 y 21, se cometan por impresos o por cualquier otro artificio para reproducir signos figurativos, la policía procederá al secuestro del instrumento del delito y el correo prohibirá su circulación.

Artículo 25°. El que, por medio de insultos, amenazas o violencias intentase inducir a una persona a tomar parte de una huelga o boicot, será castigado con prisión de uno a tres años, siempre que el hecho producido no importe delito que tenga pena mayor.

Artículo 26°. El que, por los procedimientos indicados en el artículo 19, preconice el desconocimiento de la Constitución nacional, o los que ofendan o insulten a la bandera o el escudo de la Nación, serán castigados con la pena de tres a seis años de penitenciaría.

Artículo 27°. Los reincidentes en los delitos previstos en los artículos 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 25 y 26, serán condenados a confinamiento en

el punto que determine el Poder Ejecutivo, por un tiempo doble a la pena que correspondiera a la primer condena.

Artículo 28°. Cuando los reos de los delitos a que se refieren los artículos citados en el artículo anterior, sean ciudadanos argentinos, naturales o naturalizados, será un accesorio de la pena la pérdida de derechos políticos y el retiro de la ciudadanía argentina.

Artículo 29°. Los cómplices y encubridores de los delitos comprendidos en esta ley serán castigados con la mitad de la pena establecida por los autores principales. Si la pena fuera la de muerte, los cómplices y encubridores serán castigados con la inmediata inferior.

Artículo 30°. Esta ley se aplicará sin distinción de sexo, salvo lo relativo a la pena de presidio.

Artículo 31°. No podrá ser aplicada la pena de muerte por los delitos a que se refiere la presente ley a los menores de 18 años. No regirán, para la aplicación de la pena de muerte, en los casos previstos por esta ley, los incisos 8 y 9 del artículo 83 del Código Penal.

Artículo 32°. Para la aplicación de las penas se procederá en juicio sumario, sirviendo de cabeza del proceso el informe policial, debiendo permanecer detenido el procesado mientras dure el juicio. Son competentes para conocer y aplicar las penas que por esta ley se establecen, los jueces federales, no debiendo durar el proceso, que será verbal y actuado, más de diez días.

Artículo 33°. Quedan derogadas las disposiciones vigentes que se opongan a la presente ley.

Artículo 34°. Comuníquese, etcétera.

(Diario de Sesiones, Cámara de Senadores, Congreso Nacional, República Argentina, 1910, 28 de Junio)

Anexo 2. Hogar Obrero - Objetivos e Condições (Estatuto Interno)

1. Prestar dinero para la edificación, con garantía hipotecaria, a los socios que tuvieran en el capital social el 10 % del préstamo solicitado, o el terreno en que desearan edificar.

2. Comprar terrenos para venderlos edificados a los socios o edificarlos para obtener renta.

3. Prestar en casos especiales dinero a los socios dentro del valor efectivo de sus acciones, según el último balance. En cuanto a las utilidades, los estatutos disponían lo siguiente: 95 % a las acciones, 2 % al fondo de reserva, 3 % a los empleados. Por lo que respecta a los fondos de la sociedad, debía aplicárselos en la siguiente forma:

1. Gastos de administración.
2. Cumplimiento de los contratos en vigor.
3. Pago del retiro de acciones.
4. Nuevas operaciones.

(REPPETTO. 1976)



Figura 1.

Juan Manuel Blanes. Óleo sobre tela. *Un episodio de la fiebre amarilla en Buenos Aires* (1871). Museo Nacional de Artes Visuales, Montevideú. Juan Manuel Blane

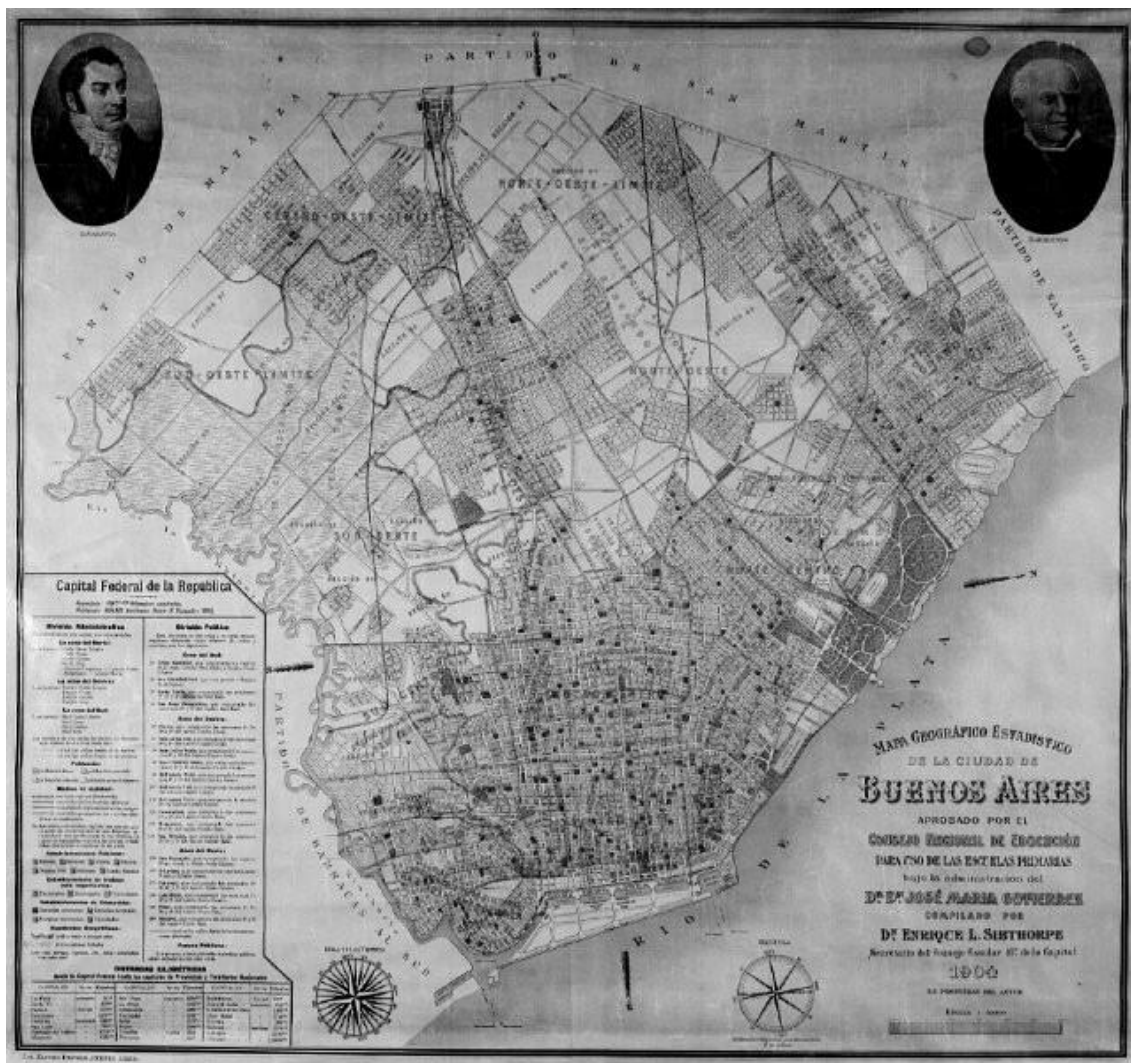


Figura 2.

Buenos Aires (1904). Disponível em <http://ssplan.buenosaires.gov.ar/media/gallery/jalbum/flashmapasantiguos/index.html> (acessado em 21/05/2016)

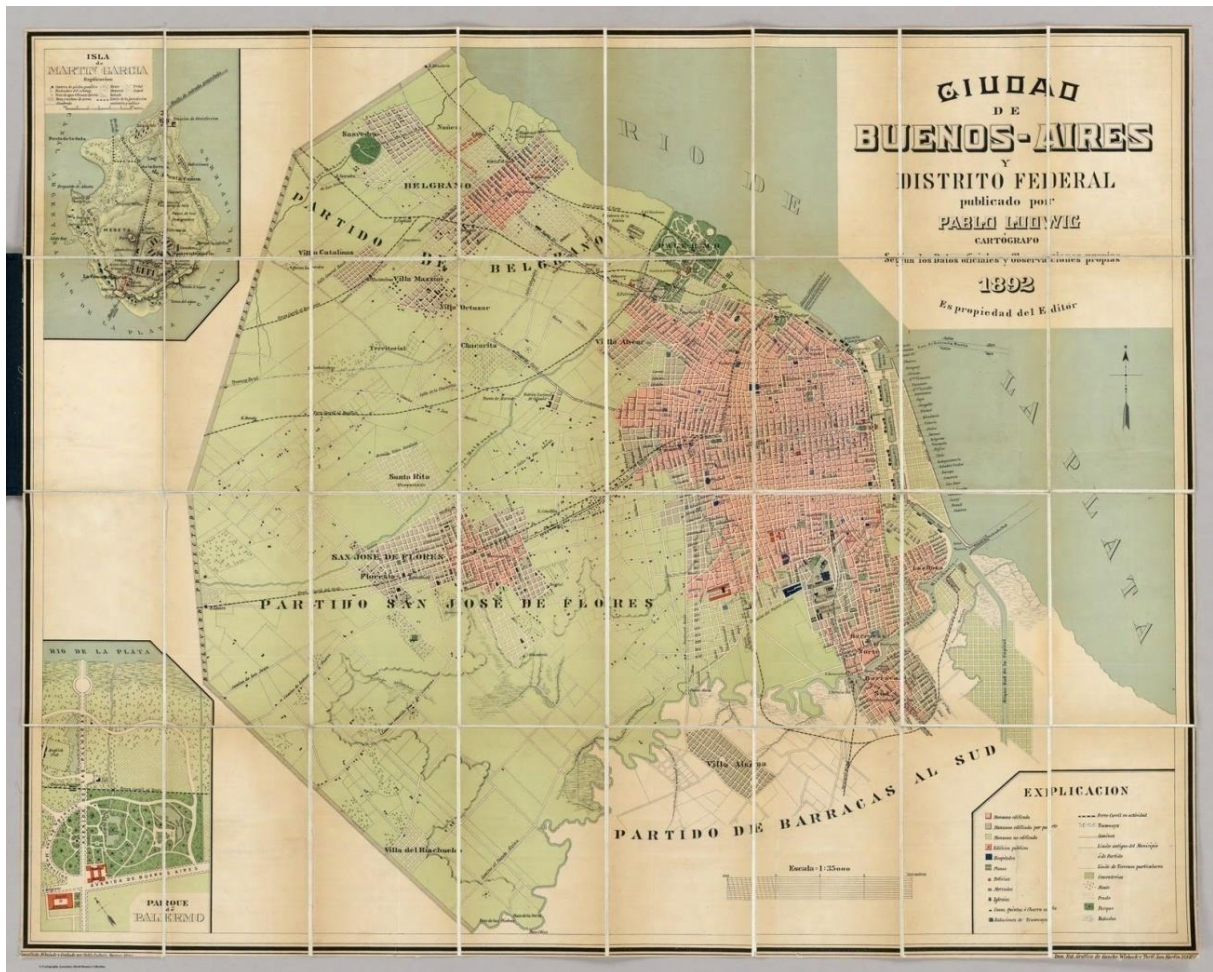


Figura 3.

Ciudad de Buenos Aires y Distrito Federal (1892) Disponível em <http://ssplan.buenosaires.gov.ar/media/gallery/jalbum/flashmapasantiguos/index.html> (acessado em 21/05/2016)



Figura 4.

Típico conventillos. Fonte: Umbrales del Siglo – Una Historia de la vivienda social en la Argentina (Publicação). Pag. 45.



Figura 5.

Desalojo de Conventillos, 1907. Fuente: Archivo General de La Nación.

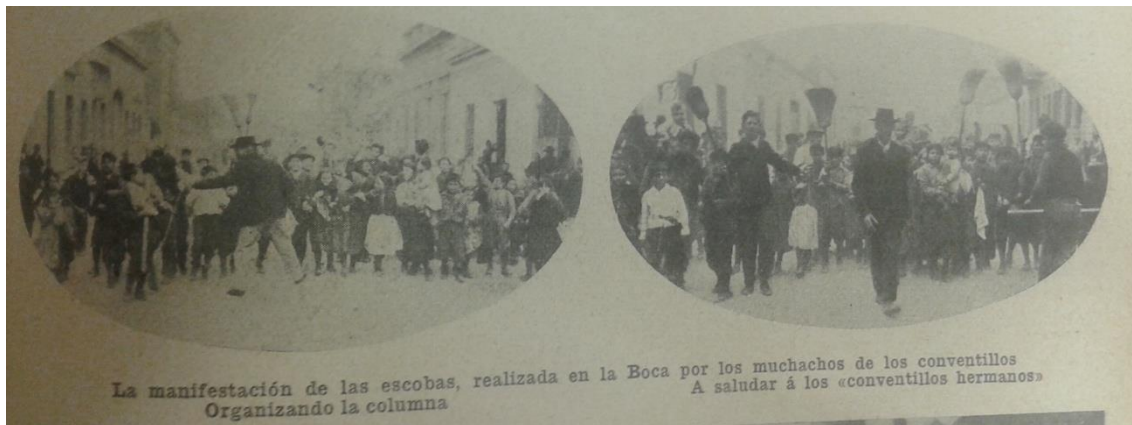


Figura 6.

“manifestación de la escobas”. Fuente: Revista Caras y Caretas (21/09/1907).



Figura 7.

“comité central de la huelga de inquilinos, instalado en el conventillo Ituzaingó, 279”. Fuente: Revista Caras y Caretas (21/09/1907)



Figura 8.

Fiestas Mayas en la Plaza de Mayo (1909). Fuente: Archivo General de La Nación.



Figura 9.

Huelguistas en La Plaza de Mayo (1907). Fuente: Archivo General de la Nación.



Figura 10.

Julio Argentino Roca y Manuel Quintana (12 de Octubre de 1904). Fuente: Archivo General de La Nación.

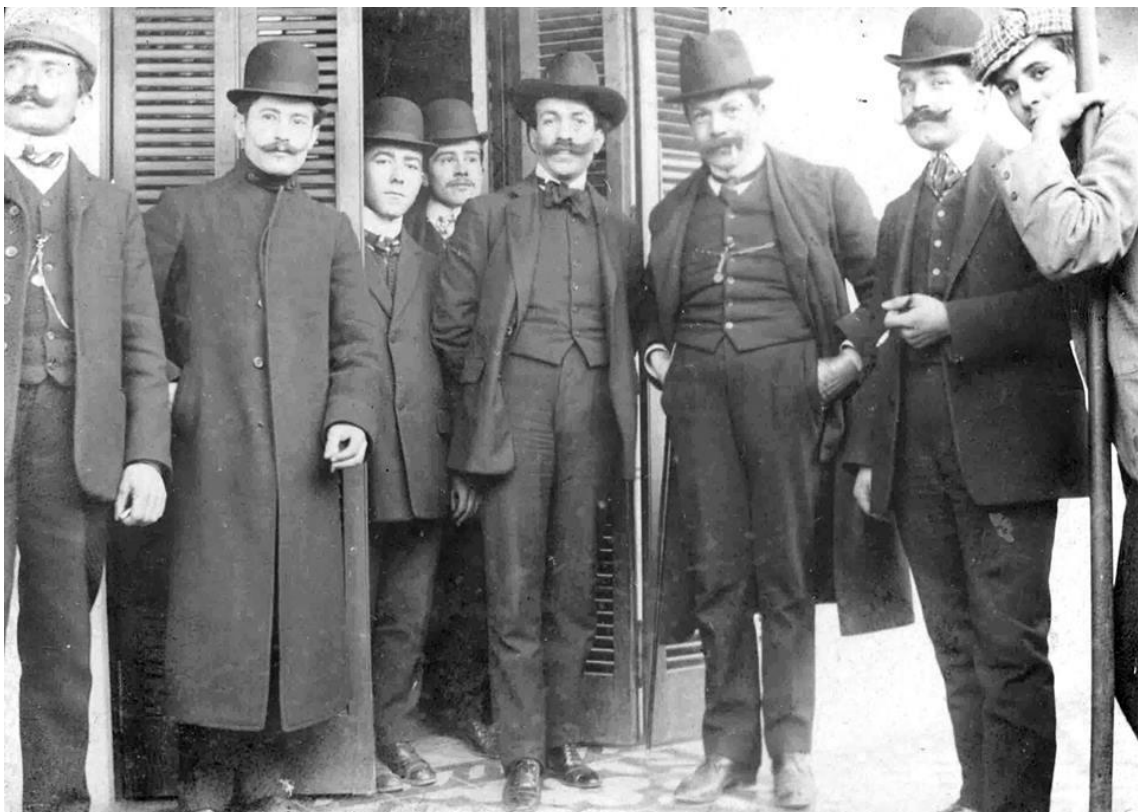


Figura 11.

El diputado Alfredo Palacios (centro) y demás compañeros socialistas, durante los sucesos sangrientos de Bahía Blanca, huelga en el puerto, 1907. Fontes: Archivo General de La Nación.

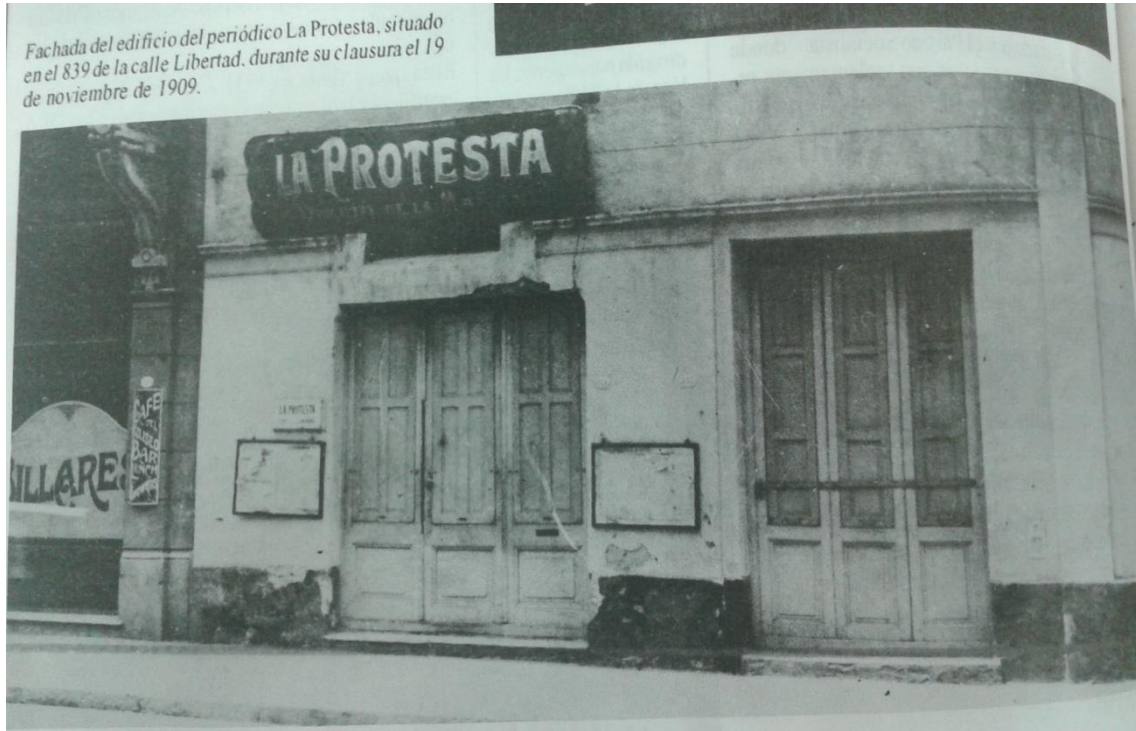


Figura 12.

Sede do Jornal La Protesta durante seu fechamento em 19 de Novembro de 1909. Revista Todo Es Historia. N° 321, Abril de 1994.



Figura 13.

Um dos poucos registros fotográficos de Virginia Bolten. 1º de Maio de 1912 (Montevideo). Biografías anarquistas. Tras los pasos de Virginia Bolten. Políticas de la Memoria. Buenos Aires. CeDInCI, 2013/2014. P.221.

FONTES

Arquivos consultados:

Archivo General de La Nación (Buenos Aires)

Hemeroteca da Biblioteca del Congreso (Buenos Aires)

Academia Portenha de Lunfardo (Buenos Aires)

Instituto Ravignani (Buenos Aires)

Biblioteca da Universidad de Buenos Aires – UBA (Buenos Aires)

CeDInCI - *Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de las Izquierdas*
(Buenos Aires)

Arquivo Público Hipólito da Costa (Porto Alegre)

Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro)

Documentos Oficiais:

Censo Municipal (1887)

Censo Municipal (1904).

Censo Municipal (1909)

Censo Nacional Argentino (1869)

Censo Nacional Argentino (1895)

Censo Nacional Argentino (1914)

Disponíveis na página do governo da Província de Mendoza

http://www.deie.mendoza.gov.ar/tematicas/censos/censos_digitalizados/Censos%20Digitalizados/ (acessado em 09/02/2017)

Fotos

Archivo General de la Nación

Caras y Caretas

Todo Es Historia

Umbral del siglo (Publicação)

CeDInCI.- *Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de las Izquierdas*

Jornais consultados

La Nación

La Prensa

La Vanguardia

La Protesta - Máxima circulação: 100 mil exemplares diários (1904)

La Voz de la Mujer

Filmes:

La Patag nia Rebelde – Dire o: Hector Olivera (1974)

Ni Di s, ni marido, ni patrón – Dire o: Laura Ma n  (2010)

Fontes Bibliográficas

PÁEZ, Jorge. **El Conventillo**. Buenos Aires. CEDAL, 1970.

RAWSON, Guillermo. **Estudio Sobre las Casas de Inquilinato de Buenos Aires**. Buenos Aires. Escritores Científicos, Jackson, 1950.

WILDE, José Antonio. **Buenos Aires desde setenta a os atrás**. Buenos Aires. Editora Espasa-Calpe-Austral, 1950.

BIBLIOGRAFIA:

BERSTEIN, Serge. **Culturas Políticas e Historiografia**. IN: IN:AZEVEDO, Cecília. *Cultura Política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2009.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simula o**. Editora relógio D' gua. Lisboa, 1981.

BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar: Vilas operárias na cidade de São Paulo**. Editora Nobel. São Paulo, 1985.

BRESCIANI, Maria Stella. *Cidade, Cidadania e Imaginário*. IN: SOUZA, Celia Ferraz de. PESAVENTO. Sandra Jatahy (Orgs.). **Imagens Urbanas. Os diversos olhares na forma o do imaginário urbano**. Editora UFRGS. Porto Alegre, 1997.

BUSCHIAZZO, Mario J. **La arquitectura en la República Argentina (1810-1930)**. Editora Mac Gaul. Buenos Aires, 1971.

DE ARO SILVA, Henrique. **Perspectivas do Desenvolvimento Capitalista na América Latina: o caso dos Conventillos de Buenos Aires a partir das teorias da marginalidade**. *História em Revista*, Editora UFPel, Pelotas, 2015. (no Prelo)

_____. **Opul ncia Portenha: Embate político e crise na forma o da Argentina moderna**. In: VIANNA, Marcelo et al (orgs.). *O historiador e as novas tecnologias – reunião de artigos do II Encontro de Pesquisas Históricas – PUCRS*. Porto Alegre: Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul, 2015. P.265-276.

DEVOTO, **Fernando J. Imigração europeia e identidade nacional nas imagens das elites argentinas (1850-1914)**. IN: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América**. 2º edição. São Paulo. EDUSP, 2000.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1990. (Volumes 1 e 2)

FALCÓN, Ricardo – PRIETO, Agustina. **Los Socialistas y el régimen oligárquico en Argentina (1890-1912)**. Buenos Aires. Centro Editor de América Latina, 1986.

FALCÓN, Ricardo. **Los trabajadores y el mundo del trabajo**. Em: BONUADO. M (Directora), Nueva Historia Argentina, Tomo IV, Liberalismo, Estado y Orden Burgués (1852-1880). Buenos Aires. Editora Sudamericana, 1999.

FERRERAS, Norberto. **O cotidiano dos trabalhadores em Buenos Aires (1880-1920)**. Editora da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.

FRYDENBERG, Julio. RUFFO, Miguel. **La Semana Roja de 1909**. CEICS Ediciones. Buenos Aires, 2012.

GIRBAL-BLACHA. **Historias de la Ciudad – Una Revista de Buenos Aires”** (Nº 5, Agosto de 2000)

KOWARICK, Lucio. **Capitalismo e Marginalidade na América Latina**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.

LENZ, Maria Heloisa. **A Buenos Aires do final do Século XX: A metrópole da Belle Époque argentina**. **Fênix**. Revista de História e Estudos Culturais. Vol.9, nº1, janeiro-abril de 2012, 19p.

_____. **Crescimento Econômico e Crise na Argentina de 1870 a 1930: a Belle Époque**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2004.

LIERNUR, Jorge F.-SILVESTRI, Graciela. **El umbral de la metrópolis. Transformaciones técnicas y cultura en la modernización de Buenos Aires (1870-1930)**. Editorial Sudamericana. Buenos Aires, 1993.

LUNA, Félix. **Conflictos em La Argentina Próspera. De la Revolución del Parque a La Restauración Conservadora**. Editora Planeta, Buenos Aires, 2000.

MARTI, Alejandro. **Simón Radowitzky. Del atentado a Falcón a la Guerra Civil Española.** Editora De la Campana. La Plata, 2010.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** Editora Expressão Popular. São Paulo, 2009.

MARX, Karl. **O Capital – Livro III.** Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2014.

_____. **Grundrisse.** Manuscritos econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da economia política. São Paulo. Editora Boitempo, 2011.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia.** IN: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Culturas Políticas na História: Novos Estudos.* Belo Horizonte: Fino Traço, 2009.

NUN, José. **Superoblación relativa, ejército industrial de reserva y masa marginal,** Revista Latinoamericana de Sociología. Buenos Aires: Vol. 5, num. 2, Julio de 1969, pp. 180-225.

ORTIZ, Federico. **La arquitectura argentina después de 1880: Una introducción.**

Cuadernos SuMMA. Período 5: El modelo liberal. Facultad de Arquitectura y Urbanismo.

Disponível em http://arq.unne.edu.ar/catdep/arq/hyc2/historia_03/historia007.pdf

(acessado em 04/03/2017)

PIGLIA, Ricardo. Prólogo. **Sarmiento, Escritor** IN: SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo:** civilização e barbárie. Cosac Naify, 2010.

POCOCK, J.G.A. **Linguagens do Ideário Político.** São Paulo. Edusp. 2003.

PRIETO, Agustina; FERNÁNDEZ CORDERO, Laura; MUÑOZ, Pascual (2013). **Biografías anarquistas. Tras los pasos de Virginia Bolten.** Políticas de la Memoria. Buenos Aires. CeDInCI, 2013/2014.

RAMA, Ángel. **A cidade das letras.** São Paulo. Boitempo Editorial, 2015.

RAMOS, Jorge. **Arquitectura del habitar popular en Buenos Aires: El conventillo.** Instituto de Arte Americano e Investigações Estéticas. Buenos Aires, 1999.

REPPETTO, Nicolás. **Como se nace y se desarrolla una cooperativa. Historia de El Hogar Obrero, cooperativa de Consumo, Edificación y Crédito Ltda.** Editora Cooperativa Ltda. Buenos Aires, 1976.

RODRIGUES, Thiago Dargains. **A Febre Amarela no Rio de Janeiro e em Buenos Aires na década de 1870.** Dissertação Mestrado Fio-Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2012.

ROMERO, José Luis. ROMERO, Luis Alberto. **Buenos Aires. Historia de Cuatro Siglos.** Tomo 2. Editora Altamira. 2ª Edição. Buenos Aires, 2000.

ROMERO, Luis Alberto. **Breve Historia de la Argentina Contemporánea.** Editorial Fondo de Cultura Económica. Buenos Aires, 2001.

ROMERO, José Luis. **Las Ideas Políticas en Argentina.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

SABATO, Hilda. **Participación Política y Ciudadanía em la Historia Política argentina.** Revista Anos 90. Volume 1. Porto Alegre, 1993. Pag. 85-99.

SABATO, Hilda. **La política em las calles. Entre el voto e la movilización. Buenos Aires: 1862-1880.** Editorial Sudamericana. Buenos Aires, 1998.

SANZ VILLARROYA, Isabel. **La “Belle Époque” de La economía argentina. 1875-1913.** Acciones y Investigaciones Sociales, 23 (enero 2007), pp. 115-138.

SARLO, Beatriz. **Modernidade Periférica.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SCOBIE, James R., **Buenos Aires, del centro a los barrios. 1870-1910,** Buenos Aires, Solar/Hachette, 1977.

SCHEIDT, Eduardo. **Carbonários no Rio da Prata.** Rio de Janeiro, Editora Apicuri, 2008.

SHUMWAY, Nicolas. **A Invenção da Argentina. História de uma Idéia.** São Paulo, Edusp, 2008.

SURIANO, Juan. **La huelga de inquilinos de 1907.** Buenos Aires, CEAL, 1983.

_____. **Auge y caída del Anarquismo. Argentina, 1880-1930.** Editora Capital Intelectual. Buenos Aires, 2005.

_____. **Cultura Política anarquista em Buenos Aires no começo do século XX.** IN: AZEVEDO, Cecília. Cultura Política, memória e historiografia. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2009.

QUIJANO, Aníbal. **Polo Marginal y 'mano de obra Marginal'**. IN: Cuestiones y Horizontes: de La Dependencia historia estructural a La Colonialidad/Descolonialidad Del poder. Buenos Aires: Editora CLACSO, 2014.

VÁZQUEZ-RIAL, Horacio. **Buenos Aires 1880-1913**. La Capital de um Imperio Imaginario. Madrid, Alianza Editorial, 1996.

YUJNOVSKY, Inés. **Una vista panorâmica de huelgas, manifestaciones y mítines em Caras y Caretas: Prensa y fotografía a principios de siglo XX en Argentina**. América Latina en La Histórica Económica. Número 22, Julio-Diciembre de 2004. Pag. 129-153.

WASSERMAN, Claudia. **Palavra de Presidente**. Porto Alegre, Editora da Universidade, 2002.